

Procura por plasma para tratar covid aumenta na PB

Uso do plasma convalescente de pacientes que já se recuperaram do novo coronavírus conta com apoio da população. [Página 7](#)

Fotos: Marcos Russo/arquivo



Cultura

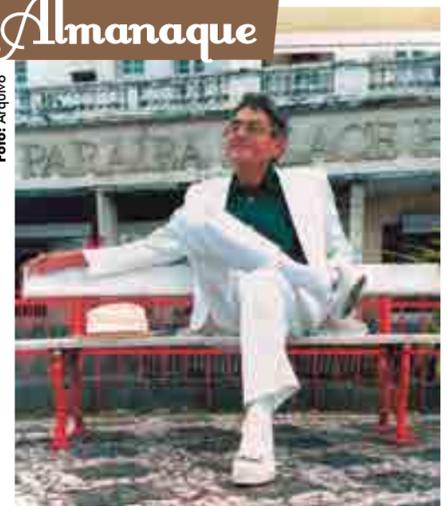
Paraíba

Depressão e ansiedade: as sequelas da pandemia

Cenário de isolamento social e medo constante da morte têm levados pessoas a quadros graves de transtornos mentais. [Páginas 5 e 6](#)

Almanaque

Foto: Arquivo



Livardo Alves, eternizado no Ponto de Cem Réis

Conheça um pouco mais do músico, ator, poeta e autor de trilhas, sempre lembrado no carnaval pela popular "A marcha da cueca". [Página 17](#)

Um mestre da pintura faz 100 anos hoje

Centenário de Hermano José é lembrado por artistas plásticos, que enxergam no pintor nascido em Serraria um dos grandes mentores das artes visuais na PB. [Página 9](#)

Foto: Reprodução

"A luz e a esperança vêm do Nordeste"

Em entrevista EXCLUSIVA, o escritor Fernando Morais compara Assis Chateaubriand a gênster e dá detalhes sobre o livro que está escrevendo sobre o ex-presidente Lula. [Páginas 3 e 4](#)



Foto: Roberto Guedes

GIRO NOS MUNICIPIOS Paraíba



Como 1930 Princesa Isabel mantém, em seu Centro Histórico, as marcas de uma cidade que foi o epicentro de uma revolução. [Página 8](#)

Pensar



Edição deste mês debate a questão racial: afinal, se todos somos iguais, há uns mais iguais que outros?

Diversidade

Mangue, o berçário de uma variedade de espécies

Abrijo natural de vida, ecossistema é área de reprodução de vários animais e serve como um estabilizador climático do planeta. [Páginas 13 e 14](#)

Esportes

Disciplina de Jornalismo Esportivo faz 10 anos

Professor Edônio Alves, idealizador da cadeira do curso de Comunicação da UFPB, avalia participação da academia no dia-a-dia da imprensa local. [Página 12](#)



Agende sua doação no whatsapp do Hemocentro (83) 3133-3465 De segunda à sexta-feira das 8h às 16h

Editorial

Inconveniência

O lixo continua sendo um dos indicativos de civilidade. Moradores que jogam parte considerável dos detritos que produzem dentro dos cômodos, jardins, quintais e calçadas das grandes casas que são as cidades, revelam sua rusticidade, no que diz respeito à educação ambiental. E outras leituras sociológicas podem ser feitas, a partir da identificação dos poluentes.

Os resíduos descartados sem critério enfeiam a estética aleatória da cidade, impondo ainda deformidades sanitárias, haja vista que lixo é daninho às plantas. Além disso, atrai animais nocivos à saúde humana, sendo sua parte orgânica digerida por várias raças de bichos que andam soltos pelas ruas, como jumentos, cavalos, cachorros, gatos e galinhas. Isso prejudica a vitalidade dessas espécies, transformando-as em vetores de enfermidades.

De maneira geral, as pessoas, quando entrevistadas, reclamam da grande quantidade de lixo que se joga no espaço público. Ninguém veste a carapuça. Mas o fato é que, tomando-se como exemplo a cidade de João Pessoa, há entulho em demasia nos terrenos baldios, praças, praias, ruas, avenidas e calçadas. Os rios e os mares também sofrem com tantos dejetos, principalmente com as embalagens plásticas, que envenenam sua fauna e flora.

O sistema de coleta também é deficiente. Há caminhões coletores precisando de manutenção ou substituição, e muitos sacos de lixo, quando estão rasgados e fora dos depósitos maiores (tonéis etc.), não são recolhidos. Por isso, em certos bairros, a quantidade de lixo nas artérias aumenta exatamente após a passagem dos carros de coleta, isso sem falar no mau-cheiro que os dejetos espalhados na rua exalam e do chorume que escorre dos veículos de apanha.

É preciso avançar na educação ambiental da população, assim como no aperfeiçoamento da estrutura pública de recolhimento de lixo. Isso trará ganhos positivos para o corpo e o espírito da sociedade. Cidade limpa gera prazer e orgulho, tanto para o morador como para o visitante. Ambos têm o dever de zelar pela limpeza da cidade, se não ligam para higiene, tudo bem, ninguém é obrigado a gostar de asseio, mas se sujam devem ser multados.

Artigo

Martinho Moreira Franco
martinhomoreirafranco46@gmail.com

O cinema tocado em saudades

A morte do compositor Ennio Morricone, na semana passada, me tocou profundamente, como a todos que admiravam a sua longevidade (91 anos) e, claro, a notável contribuição que ofereceu à execução da música no cinema. Acompanhei atento os obituários e demais homenagens prestadas à sua memória. Só que, além do lamento pela perda do extraordinário fazedor de trilhas sonoras, bateu em mim uma saudade danada dos tempos em que críticos especializados atuavam diariamente em jornais e rádios locais.

Naquela época, eu, Barreto Neto, Ipojuca Pontes, Paulo Melo e outros que assinavam colunas ou apresentavam programas em veículos de comunicação da cidade tínhamos por dever procurar às sextas-feiras os escritórios das empresas exibidoras em busca de sinopses dos filmes programados para estrear na semana seguinte. Era obrigação cumprida com devoção, tal o fascínio que aqueles folhetos ilustrados exerciam sobre nós. Afora os impressos por escrito, havia a sedução das fotos disponíveis. A gente parecia menino manuseando estampas para álbum de figurinhas.

No escritório do Plaza, o magro Galba, credenciado pela Cinema Reunidos S/A para gerenciar o setor, virava cúmplice no manuseio do material vindo das distribuidoras, tal a sua paixão pela chamada arte das sombras e dos sons, como então se dizia. No gabinete da Cia. Exibidora de Filmes, sobreloja do Cine Municipal, o gordo Luciano Wanderley, sócio da empresa, se encarregava ele próprio de receber os profissionais de imprensa.

No birô em frente, o pai dele, Seu Olavo, assistia a tudo, com menções de simpatia pela disponibilidade do filho e pelo trabalho dos jornalistas. Detalhe: na parede por trás de Luciano, um pôster dele em encontro com o ator Alain Delon. Chiquerrimo, como diria o cronista Heitor Falcão.

Bom, claro que interessavam os títulos, resumo e fotos dos filmes, mas três itens mereciam atenção especial na leitura das sinopses: direção, fotografia e música. O elenco, evidentemente, contava, e muito. Mas esses registros sobressaíam particularmente reveladores em uma primeira avaliação.

Se o diretor era bom, o fotógrafo, competente, e o autor da música, abalizado, a produção só poderia ser de qualidade. Não havia como falhar. Era só partir para o abraço, quero dizer, apanhar o material, botar em baixo do braço e seguir para a redação. Eu me dirigia ao "Correio da Paraíba", Barreto a "A União", Ipojuca a "O Norte" e Paulo à Rádio Arapuan. É pra dar saudades ou não é?

Voltando a Morricone, era ele uma referência infalível. Ainda que malograsses as demais, sua assinatura, de algum modo, certificava e dava fé. Mas havia outros compositores que nos inspiravam convicção sobre a qualidade do filme. Começaria por Nino Rota cujo "cartão de visitas" são todos os filmes dirigidos por Federico Fellini, o que já bastaria, não fosse o autor das trilhas de "O sol por testemunha", "Rocco e seus irmãos" e "O poderoso chefão", entre inúmeras outras. Por absoluta falta de espaço, retomarei o assunto na próxima quinta-feira, desculpem.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Gatos & gatos

Não sei porque chamam de "gato" o atalho habilmente colocado no fio elétrico que vem da rua. Esse é um fato corriqueiro no Brasil. No ano passado passaram a reprimir esse mau comportamento com mais rigor, mas a medida não resolveu o problema. A situação exige preço mais baixo da energia, capital de giro para as empresas que demandem energia, educação cívica para a comunidade, repressão para os usuários sabidos que ainda insistam na utilização dos bichanos.

Fui avalista de um pequeno empresário, ele quebrou, morreu, foi pro Céu. Deixou um gato no estabelecimento; a Luz & força descobriu. A bronca sobrou pra mim, que não estou chiando. Não dedurei a viúva. Acho até que aquela dívida podia ser escalonada. Fica assim mesmo, eu com um embaixador no Céu, além de Papai, Mamãe, e meus primos. Os biólogos que estudam ursos nos Andes ficaram eufóricos quando constataram que aquele casal de ursos não eram parentes. Meus pais também não são parentes, daí esse caráter que você e a praça conhecem.

Os ursos também me conhecem, e fazem festa quando subo as montanhas. Só não gosto das unhas deles, enormes e medonhas. Aprendi a não apertar as mãos dos candidatos. Muito antes da quarentena, e a cantar o samba canção revolucionário; "não dá mão a preto / não fala com pobre / não carrega embrulho... pra que tanto orgulho, Doutor..."

A cobiça ocidental sobre as riquezas do Oriente se acabará quando, um dia, o Oriente se ver livre de suas fabulosas riquezas, como a maré de petróleo que se derrama na África e na Ásia. Frederico II de Hohenstaufen, o rei poeta de Palermo, foi excomungado três

vezes - numa delas, por ter se recusado a participar da Sétima Cruzada. Ora, Frederico era casado com a rainha cristã de Jerusalém, Isabelle II, e tinha feito tratados de paz com os árabes. Ele não iria recommear uma guerra que só interessava ao imperialismo da Igreja. Frederico, o Imperador das Duas Sicílias e do Sacro Império Romano, foi um dos monarcas mais cultos do mundo. Fundou a Universidade de Nápoles com a finalidade de preparar administradores; Até quando os papas e reis da Europa, da cristandade e da OTAN vão embalar cruzadas contra os árabes?

Mesmo quando não se conhecia petróleo, os países árabes tinham grande importância estratégica e comercial por se encontrarem no meio do caminho entre a Europa e a Ásia, continentes xipófagos unidos entre si pelo Oriente Médio. Com a descoberta do petróleo a coisa se complicou, aumentando a cobiça ocidental sobre aqueles países e seus desertos.

É o que se vê, hoje, com a OTAN patrocinando a invasão dos países árabes, precedida pela subversão orquestrada a uma só voz pela batuta de Barack Obama Hussein II, califa do Sul e do Norte: a inquietação política implantada na Tunísia, Egito, Líbia, Arábia Saudita, Iêmen, Argélia, Bahrein, Jordânia, Marrocos etc. Mais além, a maré da crise chega às praias do Iraque, Irã, Kuwait, Djibuti, Sudão, Omã, Etiópia, Zimbábue, Camarões e Gabão. Inclua-se, ainda, a guerra encruada do Afeganistão. Todos esses países são afligidos pelo tsunami político que vem do Norte americano e europeu, sob um só comando. Coincidentemente, os povos árabes levantam-se contra seus governos a uma só vez, como se atendessem a um apelo irrecusável ordenado por todos os minaretes.

/// Foi excomungado três vezes - numa delas, por ter se recusado a participar da sétima cruzada. ///

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigele Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Fernando Moraes

Jornalista e escritor

“A tecnologia é que andou mais depressa que a nossa ideologia”

Biógrafo de Chatô e Olga, ele fala em entrevista exclusiva sobre novos projetos, como a biografia do ex-presidente Lula

Lúcio Vilar
Especial para A União

Laureado aos 22 anos com o Prêmio ESSO de Reportagem e biógrafo consolidado e respeitado, na maturidade, Fernando Moraes é referência obrigatória ao se discutir jornalismo e literatura de não-ficção no Brasil. Sua fluência narrativa transita, com maestria, pelas duas searas, o que, por sua vez, já resultou em quatro longas-metragens, tal a força de sua verve. Ele não abdica, porém, da condição de repórter (mantém o blog 'Nocautê', no Facebook), além de estar há dez anos debruçado sobre a trajetória do ex-presidente Lula, cujo primeiro volume do livro, ainda sem título, será publicado até o final do ano. Foi em meio a essa maratona, somada aos entraves da pandemia, que encontrou tempo para responder às questões que seguem nessa entrevista exclusiva para A União e onde não titubeou em afirmar que o Nordeste “deu uma lição” ao Brasil nas últimas eleições.

A entrevista

Antes de se tornar biógrafo, uma viagem a Cuba lhe rendeu um livro-reportagem (A Ilha) que vendeu como água. Os olhos que viram Cuba, na juventude, são os mesmos da maturidade ou o tempo arrefeceu o entusiasmo impresso naquela publicação de 1976?

■ Como é que os meus olhos de septuagenário vêem o país que eu vi como um jovem de vinte anos? Bom, eu mudei, Cuba mudou e o mundo mudou nesses cinquenta anos. Infelizmente, eu acho que o único que mudou pra pior foi o mundo, porque Cuba e eu, modestamente, no que diz respeito a mim, mudamos para melhor. Cuba enfrentou um verdadeiro apocalipse com o fim da União Soviética, com quem o país tinha relações estreitas do ponto de vista político e do ponto de vista econômico, chamada de ‘diplomacia da solidariedade’. A União Soviética passou a vender para Cuba o petróleo que os Estados Unidos pararam de fornecer e, a preços abaixo do mercado, e passou a comprar de Cuba a cota de açúcar que os Estados Unidos se recusaram a comprar, e pagava o açúcar acima do preço do mercado, que foi uma maneira de ajudar a Revolução Cubana. A União Soviética acabou, evaporou da noite pro dia e Cuba teve uma queda de 70% no PIB. Havia falta de insumos, falta de gasolina, de trator, equipamentos, falta disso, falta daquilo, e como se a tragédia da queda da produção não fosse suficiente, o preço desabou também, e aí eles buscaram uma solução que, na verdade não era original porque já tinha dado certo na Espanha, no processo de redemocratização. O que eles fizeram? Turismo. E foram os espanhóis que en-

sinaram o caminho das pedras para a economia cubana. E aí eles tiveram que fazer ajustes em alguns dos princípios da revolução.

Ainda há razões para se orgulhar?

■ A verdade é que passados, na verdade, sessenta anos, as pessoas estão vendo o que é e o que foi, na verdade, a Revolução Cubana num ‘paíseco’ microscópico que tem a população menor do que a da capital de São Paulo (11 milhões de habitantes). Eu brinco dizendo que Cuba tem o PIB da Dazlu, e, apesar disso, está enviando brigadas de médicos para países desenvolvidos: Itália, França, Espanha, China e África, que é um negócio que eles fazem desde que a revolução é revolução, desde a guerra da Argélia, você não era nascido ainda, e já tinha médico cubano espalhado pelo mundo. Então, eu continuo solidário com a Revolução Cubana, talvez mais hoje do que eu fui quando me aproximei deles.

O jornalismo praticado por sua geração – entre 1960-1980, é muito reverenciado. Entretanto, alguns teóricos usam uma corrosiva metáfora de ‘cães perdidos’ para a encruzilhada do jornalismo neste século 21.

“É preciso ficar claro uma coisa: não é que mudou o jornalismo, não é que acabou o jornalismo. O jornalismo continua existindo como era antes, a maneira de levar a notícia às pessoas é que mudou pra melhor.”



Fernando Moraes: “Eu continuo solidário com a Revolução Cubana, talvez mais hoje do que eu fui quando me aproximei deles”

■ Bom, o jornalismo praticado nos anos que foram de 1960 a 1980 é o meu período de formação. Eu fui jornalista em 1961/62, ainda adolescente, em Minas Gerais. Eu acho que nós, minha geração, a sua também, nós estamos tendo o privilégio de não só testemunhar, mas de ser protagonistas de uma revolução profunda, que é o surgimento da internet. Há uma coisa curiosa aí, né? A minha geração achava, pelo menos as pessoas ditas progressistas da minha geração, que a liberdade de expressão, sobretudo nos meios eletrônicos de comunicação, rádio e TV, que era o que se tinha antes, ia ser conquistada nas tribunas, nas trincheiras, nas barricadas. Na verdade, a tecnologia acabou andando mais depressa do que a nossa ideologia, porque de uma hora para outra, surgiu um negócio chamado internet que já estão querendo começar a controlar em vários países. Eu defendo que seja uma rede pú-

blica, aberta. Surgiu a internet e a síntese quase caricata é mais ou menos assim: se você for às Casas Bahia e comprar um celular barato, mas que tenha acesso a internet, você cria um blog, um site, seja lá o nome que dê a isso, e pode ser o seu próprio Roberto Marinho, entendeu? Você, dependendo do que tenha a dizer às pessoas - isso já aconteceu centenas, milhares de vezes -, você pode atingir cem mil pessoas, pode atingir um milhão de pessoas, algo nunca visto na imprensa convencional. Então, tem coisas no ‘Nocautê’ (blog do entrevistado no Facebook) que já deram notícias, já deram mais de um milhão de visualizações na hora que a gente colocou. O Umberto Eco falou que a internet liberou uma falange de imbecis que estava submersa e que agora tão reaparecendo. Eu estou convencido de que, na verdade, é preciso ficar claro uma coisa: não é que mudou o jornalismo, não é que acabou o jornalismo. O jornalismo continua existindo como era antes, a maneira de levar a notícia às pessoas é que mudou pra melhor.

Continua na Página 4

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

NESTA SEGUNDA QUINZENA DE JULHO, PARTIDOS VÃO DEFINIR POSICIONAMENTO SOBRE ELEIÇÃO EM JP E CG

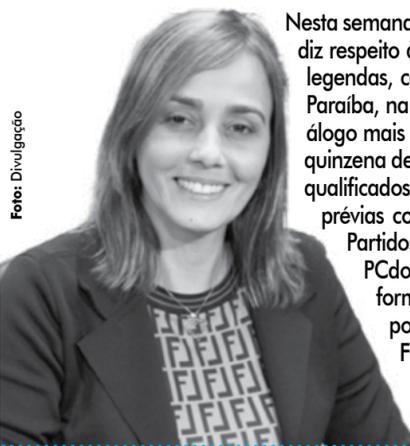


Foto: Divulgação

Nesta semana que se inicia, partidos políticos deverão dar um norte de como se comportarão no que diz respeito às eleições majoritárias em João Pessoa e Campina Grande. Obviamente, as grandes legendas, com potencial para levar adiante candidaturas nos dois maiores colégios eleitorais da Paraíba, na condição de cabeça de chapa ou na indicação dos candidatos a vice, já estão em diálogo mais intenso há pelo menos duas semanas. Porém, esta semana que dá destino à segunda quinzena de julho, promete ser de definições sobre os rumos que os partidos irão tomar. Emissários qualificados – e não propriamente as lideranças maiores das legendas –, que já iniciaram conversas prévias com a anuência dos mandatários dos partidos, deverão participar de novas reuniões. Partidos importantes nesse cenário de pré-campanha, como Cidadania, PV, PT, PSD, Podemos, PCdoB e PSDB, nas duas cidades, estão debruçados sobre as demandas que envolvem a formação de alianças e apoios com vistas à eleição majoritária. Em Campina Grande, por exemplo, duas pré-candidaturas, a de Ana Cláudia (foto), do Podemos, e a de Inácio Falcão, do PCdoB, atuam para ter o apoio do Cidadania. O problema é que ambas as legendas são da base do governo. Em João Pessoa, no que tange ao posicionamento do Cidadania, a solução parece estar, podemos assim dizer, melhor encaminhada.

ENTRE OS ‘CABEÇAS’

Na lista dos ‘Cabeças do Congresso Nacional 2020’, elaborada pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), a Paraíba tem seis representantes: os senadores Veneziano Vital do Rêgo (PSB) e Daniella Ribeiro (PP), e os deputados Efraim Filho (DEM), Aginaldo Ribeiro (PP), Wellington Roberto (PL) e Hugo Motta (Republicanos).

NORDESTE NA ‘ELITE’

De acordo com o Diap, costumadamente, os parlamentares mais influentes do Congresso são de regiões abastadas, economicamente. “Essa tendência, no entanto, pela primeira vez, não se manteve”, registra. “O Nordeste é que tem mais representantes nesta edição dos ‘Cabeças’: 35. E, sozinha, a região tem a maior quantidade de senadores na lista: 13”.

“NÃO VEJO PROBLEMA”

Provocado a falar sobre possível aliança entre Cidadania e PV, em João Pessoa, o secretário municipal de Saúde, Adalberto Fulgêncio, afirmou que não está entre os emissários que estão tratando do assunto e, mas opinou: “O governador e o prefeito disseram à sociedade que o importante é salvar vidas. Se houve uma aliança sanitária, não vejo problema em haver uma aliança política”.

“CAPACIDADE DE DIÁLOGO”

Ainda Adalberto Fulgêncio referindo-se ao governador João Azevêdo e ao prefeito Luciano Cartaxo: “São líderes que demonstraram ter capacidade de diálogo. Desenvolveram atividades conjuntas, com reconhecimento aos protocolos científicos. O que eles fizeram na saúde [neste cenário de pandemia] foi muito positivo”.

EM BARES E RESTAURANTES

O prefeito de João Pessoa, Luciano Cartaxo (PV), confirmou que, a partir da próxima semana, a prefeitura começará a fazer a avaliação dos cenários com o intuito de flexibilizar o funcionamento de segmentos econômicos que ainda estão inativos ou atuando de modo excepcional. O setor de bares e restaurantes estão entre eles.

“SERVIR É UM REMÉDIO”, DIZ CNBB EM RELAÇÃO AO ‘DIA DA CARIDADE’

Hoje, no Brasil, é o ‘Dia da Caridade’. A propósito da efeméride, o presidente da CNBB, dom Walmor Oliveira, emitiu mensagem: “Quem se dedica à caridade, descobre que servir é um remédio, é ajudar a transformar a realidade de outras pessoas. Se a solidariedade fosse vivida como princípio que ordena a sociedade, o mundo seria mais justo, solidário e fraterno”.

“A luz e a esperança vêm do Nordeste”

Fernando Moraes revela a paixão pelo jornalismo e diz que a região Nordeste está dando lições políticas ao Brasil

Lúcio Vilar
Especial para A União

Com passagens importantes veículos da ‘grande imprensa’ em que momento o Sr. teve o insight de que iria migrar para a biografia?

■ A minha migração do jornalismo convencional para o jornalismo em livro foi natural, porque se você olhar todos os meus livros, sem nenhuma exceção, são grandes reportagens que, teoricamente, poderiam estar sendo publicadas em série num jornal ou numa revista. A minha primeira experiência, que foi uma casualidade ocorreu em 1970, portanto, cinquenta anos atrás. Caraca, como estou velho! Eu tinha, portanto vinte e dois anos pra vinte e três anos e eu ganhei o Prêmio ESSO de Jornalismo em parceria com outro repórter, Ricardo Gontijo, com uma série de reportagens com vinte páginas (bons tempos aqueles em que o jornalismo publicava reportagens de vinte páginas de extensão, né)? Era uma reportagem que levou quase três meses para ser realizada, numa época em que a Amazônia era um negócio que não estava na moda. Em 1970 a Amazônia ainda era Júpiter e os milicos decidiram construir a Transamazônica, o projeto de ocupar a região.... A Transamazônica, o projeto dos militares era ligar a Paraíba a fronteira brasileira com o Peru, e começava em João Pessoa (Cabedelo), no extremo leste do Brasil, pegava um pedaço do Piauí, pedaço do Maranhão, e entrava na selva e atravessava a Amazônia. E nós fomos, dois repórteres, fomos contar o que era a aventura de construir uma estrada de sei lá quantos mil quilômetros no meio da selva. O Caio Graco, filho do velho Caio Prado, que dirigia a Editora Brasileira, leu a série do Jornal da Tarde e sugeriu publicar em livro. Nós topamos, mas tínhamos certo receio, estamos falando de 1970, auge da ditadura, pau comendo, eles torturando, matando, fazendo o diabo. Aí o Caio teve a ideia brilhante de pedir ao economista Roberto Campos para fazer o posfácio do livro. Porque o Roberto Campos também era contra a construção da Transamazônica, por outras razões, não pelas mesmas que nós; ele porque achava que o Estado não tinha que gastar dinheiro com isso, o Estado tinha que manter o ajuste fiscal, veja que desde aquela época já era uma obsessão deles. Por que enfiar o Roberto Campos no livro? Porque se os milicos resolvessem nos prender, tinha que prender o Roberto Campos também, então era uma espécie de ‘álibi preventivo’.

E deu certo a empreitada?

■ O livro vendeu muito bem, mas não o suficiente pra dar dinheiro. Primeiro, porque eram dois autores, mas eu percebi que ali tinha um caminho, que me permitiria fazer o que eu mais gosto ainda de fazer no jornalismo que é reportagem, eu nunca fui um cara de redação, já trabalhei em redação, fui editor, subeditor, fui ‘copidesque’... Eu fiz de tudo, fui ‘pauteiro’, fui editor de cultura, tirando o futebol e economia, de que eu não entendo, eu trabalhei praticamente em todas as áreas do jornalismo.

E aí você já encerrou sua ‘cota’ de redação?

■ Outro dia, um cara me mandou aí uma página do arquivo da Veja, que o livro ‘A Ilha’ ficou quarenta e oito meses - quarenta e oito meses são quatro anos, olha isso! - em primeiro lugar na lista dos mais vendidos, e deu um dinheirinho, claro. E aí já era eu sozinho, não tinha que rachar com ninguém. E eu descobri que era possível fazer o que eu gostava sem ter patrão, sem ter editor bafejando no seu cangote a toda hora, dizendo: “tem que terminar o texto daqui a meia hora fecha, daqui a pouco vai descer, não tem espaço, só pode escrever dez laudas”. Não, escrevo quantas precisar, quantas forem

necessárias. Agora, é uma coisa importante para terminar a resposta, eu nunca abandonei o jornalismo. Por outro lado, eu sou muito bom de gastar, num sou bom de ganhar, então, eu não tenho nada, ganhei muito dinheiro, mas gastei com quê? Num sei, eu não cheiro cocaína, não tenho duas famílias, não tenho apartamento em Paris, tem um carrinho caindo aos pedaços, mas tem uma coisa: o bem que eu acumulei é um bem talvez mais importante do que ter grana, que é a minha independência, minha independência como jornalista e minha independência política a partir do momento que eu não tenho mais partido político, não sou filiado a nenhum partido político. Isso me dá uma liberdade de locomoção política muito grande. Não é um saldo material, é o saldo da minha independência

A biografia de Assis Chateaubriand chegou a virar filme de longa-metragem. O que mais lhe encantou na história do paraibano que ‘inventou’ a televisão na América Latina?

■ Chatô é o personagem com o qual todo biógrafo sonha, né? Porque primeiro, ele é polêmico, ele não é linear, não há nenhum rótulo, nenhum carimbo único que você possa usar para descrever o Chatô, porque ele, ao mesmo tempo em que era um gênio... ele era um gangster, ele tinha comportamentos de gangster, mas um gangster muito peculiar. Até nisso, ele é um personagem saboroso, porque ele era um sujeito que tomava dinheiro da elite brasileira de peixeira na mão, com chantagens, descobria que o sujeito estava namorando a secretária, num tinha nenhum pudor, de ligar para o sujeito e dizia para o milionário, olha, aqui tem um repórter querendo fazer uma matéria falando, bisbilhotando a sua vida, eu vou proibir isso tal, não vou deixar, você é amigo da gente, tá? Muda-va de assunto e depois dizia no mesmo telefonema: “Olha, queria te falar uma coisa, tem um Modigliani, sendo leiloado em Nova York, custa não sei quantos milhões de dólares, nós ficaremos felíssimos se você arrematasse esse Modigliani e doasse ele pro MASP”. Com isso, o MASP é hoje o único museu do hemisfério sul que tem um Rembrandt e o MASP é um museu público, não é dos filhos, nem dos netos do Chatô.

Testemunha ocular dos últimos dias do primeiro magnata das Comunicações, no Brasil, o ator Lima Duarte se recusou a lhe dar depoimento sobre o que sabia do velho Chatô. Isso lhe incomodou muito na época?

■ Lima Duarte. Eu gosto muito do Lima. Eu acho Lima um grande ator e vou confessar aqui que passei a gostar mais dele depois daquela semana que passamos juntos aí, em João Pessoa durante o Festival Aruanda. Ele, por alguma razão que até hoje eu desconheço, eu tentei descobrir aí, em João Pessoa, porque a gente estava ali junto bebendo, fumando, comendo, falando besteira, e eu achei que ele ia dar alguma dica de por que ele se recusou a me dá uma entrevista. O Lima não quis falar, foi uma pena, porque o Lima viveu um papel interessante no fim da vida do Chatô, e só no finzinho depois o Chatô tem a trombose, ele não conseguia falar. E eu tentei duas ou três vezes, ele disse que não. Uma pena, ele aparece no livro, claro, eu cito, faço referência, aliás, aparece foto dele, mocinho ainda com o bigodão tal, ainda cabeludo, numa das festas de Chatô, já todo entevado, mas num fiquei triste com Lima, não. Certamente teria, ainda que desse um parágrafo, uma página a mais do livro, certamente teria sido saborosa. Você testemunhou aí o contato da gente em João Pessoa, durante o festival Aruanda, em 2015, eu num digo que eu virei amigo do Lima Duarte, mas eu acho que rolou ali uma relação cordial, fraterna, não tenho nada contra ele, porque

também, você com cinquenta anos de jornalismo, se for ficar bravo com alguém que não quis te dá uma entrevista, tem que mudar de profissão.

A aventura é um gênero que lhe fascina?

■ Olha, se eu pudesse escolher, eu seria um autor só de história de aventura, eu adoraria ter escritos histórias do ‘Indiana Jones’, sabe, eu morro de inveja.... Eu morro de inveja do Mario Puzo ter escrito ‘O Poderoso Chefão’, uma história de aventura, eu adoraria fazer. Eu aprendi a escrever lendo James Fenimore Cooper, que é o cara que criou ‘O Último dos Moicanos’. Então, eu gosto muito de aventura. Isso talvez me leve sempre a botar um olho em qualquer personagem pra tirar o lado aventureiro dele. Eu abro a cena do ‘Olga’ com uma cena de ‘bang bang’, ela arrancando o namorado das mãos do juiz, da polícia, eu faço essas coisas com prazer adicional. Isso talvez seduza um pouco mais o pessoal de cinema. O ‘Olga’ vendeu não sei quantos milhões de exemplares, está bom, mas cada vez que o filme passa na Globo você tem ali dez milhões, quinze milhões de pessoas assistindo. Vai pra Netflix, não sei quantos milhões de pessoas assistiram o Chatô por lá, então tem isso, não é? Que é a grande alegria de um autor, poder levar a sua história para um número cada vez maior de pessoas.

Qual o maior desafio de escrever sobre o ex-presidente Lula, dada a complexidade de um personagem contemporâneo e na ativa?

■ Tem vantagens e desvantagens, como tudo nessa vida, fazer uma biografia como a do Lula. No meu caso específico, tem a vantagem de que, primeiro, eu tenho um pedaço essencial, importante na vida dele, em que eu estive muito próximo dele, que é o pedaço que vai de 1975 a 1980 mais ou menos, quando ele cria o PT. Nesse período eu acompanhei muito de perto a atividade dos metalúrgicos do ABC, eu era deputado e nas greves a gente tinha um grupo pequenininho de deputados, quase todos eram do MDB. Quase todos foram para o PT, eu fui um dos poucos que ficou no MDB. Eu era muito próximo do doutor Ulisses, tal não quis ir embora, e eu, também naquela época, o Lula sabe disso, naquela época, eu divergia muito da criação do PT, eu achava que o PT ia rachar a frente, o Frenção, que era o PMDB, né? E eu dizia para eles que achava que aquilo ali de alguma maneira, provocava uma fissura na frente ampla contra a ditadura militar. Mas acompanhei de perto a prisão dele, eu não estava lá no dia, mas todos os dias antes. Tem a famosa passagem que ele já contou do nosso jantar com Fernando Henrique Cardoso que faz uma análise de conjuntura e achou que não tinha o menor perigo do governo intervir no sindicato... Isso foi em São Bernardo, num restaurante, e aí o Fernando Henrique achou que não tinha risco porque num sei o quê, que era filho de militar, que conhecia como é que os militares pensavam, pegou o carro e foi embora e o Lula falou com a gente: “Olhe, eu acho melhor vocês ficarem”. E nós ficamos e a avaliação de conjuntura que o professor Cardoso tinha feito num deu certo; meia noite, sei lá, uma hora da manhã, nós estávamos no sindicato, dando plantão, fazendo segurança, enfim, fazendo companhia para ele, para ter um testemunho se viesse à intervenção e não deu outra: de madrugada a tropa chegou e de manhã cedo o interventor tomou posse. A outra vantagem, que eu acho que é importante, é o fato de eu não ser filiado ao PT, não ter ligação de nenhuma natureza com o PT. Porque se eu fosse do partido, é uma coisa complicada, não é? Porque te tira um pouco da isenção. Mas é difícil... Agora, eu tenho trabalhado desde quando terminou a presidência do Lula, agora em julho está fazendo

dez anos que eu estou grudado nele. Eu acumulei uma montanha, uma cordilheira de informações, sejam atuais, contemporâneas, sejam informações remotas, porque não vai ser uma biografia. Isso é importante esclarecer, tem um corte temporal, um corte como dizem os acadêmicos, de um período da vida do Lula, que é da prisão dele em 1980 até hoje.

O filme ‘Lula, o filho do Brasil’ recebeu muitas críticas, na época de seu lançamento. Alguma vez lhe ocorreu pensar que essa biografia possa ser acusada de ‘chapa branca’?

■ Olha, o filme ‘Lula, o filho do Brasil’, eu acho que é um filme que vai ficar, vai ser importante para se pesquisar sobre Lula, para os tataranetos da gente pesquisar sobre ele, é um documento importante sobre uma época importante, mas eu não sei por que não fez sucesso. Para mim, foi uma surpresa. Mas eu num tenho temor de parecer chapa branca, não, por uma única razão: porque não vai ser chapa branca, não vai ser. É um retrato do Lula, um retrato do período da vida do Lula. Já não é mais o Lula no pau de arara, o menino, que vendia mexerica, engraxava sapato. Não, já é outro, o meu livro é sobre um cara que já começa na primeira página sendo preso, sabe? Então, já é o Lula personalidade, é o Lula político, ainda não político tradicional, mas o Lula ativista e eu acho que isso deixará de ser problema para mim até porque eu tenho diferenças com o PT, tenho e tive, sabe? Então, o fato de eu ter esse distanciamento me dá essas condições necessárias para que o livro que não se torne duas coisas indesejáveis: para nem seja uma peça acusatória, nem tampouco uma petição para abrir o processo de canonização de Lula.

Você cogitou fazer um livro sobre o mais temido delegado da ditadura militar, Sergio Fleury?

■ Para contextualizar melhor, deixa eu contar: quando eu terminei o ‘Olga’, fiquei pensando qual seria o personagem seguinte. As pessoas se espantavam quando eu dizia que desejava fazer a biografia do delegado Sérgio Fleury, o torturador. Como? Você escreveu sobre Cuba, escreveu sobre Olga Benário e agora vai escrever um livro sobre Fleury? E eu dizia para as pessoas: Fleury é parte da história do Brasil, é a parte feia da história do Brasil, é a parte sórdida da história do Brasil, mas ele é parte da história do Brasil. Você não registrar o papel que Fleury teve no Brasil como agente das forças do mal é a mesma coisa que o que o Rui Barbosa fez com os documentos da escravidão. “Manda tocar fogo nisso tudo porque apaga essa nódoa, apaga essa mancha da história do Brasil”. Bom, não apaga mancha nenhuma.

O Brasil tem jeito ou já descemos a lajeira no pior sentido da expressão?

■ Olha, é um momento muito triste da história do Brasil... As pessoas dizem que eu virei um velho carbonário, um velho incendiário, porém, mais otimista. Eu acho que tem saída, sim, e vou lhe dizer, eu acho que vocês, nordestinos, começaram já no quilômetro zero dessa tragédia, vocês já começaram a ensinar o Brasil. Começaram ensinando o Brasil a votar. Bolsonaro foi derrotado em todos os Estados do Nordeste, e em alguns de uma maneira humilhante. E depois vocês deram uma segunda lição para o Brasil, que foi o seguinte, buscar unidade entre os governadores do Nordeste em torno de questões administrativas através do Consórcio Nordeste... Então eu não sou pessimista. Temos que enfrentar e vencer juntos com a esperança e a luz que está vindo aí do Nordeste. O que eu puder fazer para retribuir o que vocês fizeram pelo Brasil nas últimas eleições, eu farei. Já falei pra todos os governadores.





Foto: Roberto Guedes

Fotos: Roberto Guedes

Depressão e ansiedade: as sequelas da pandemia

Cenário de isolamento social e medo constante da morte tem levado pessoas a quadros graves de transtornos mentais

Lucilene Meireles

lucilenemeirelesjp@gmail.com

O isolamento físico e o estresse durante a pandemia do novo coronavírus têm sido o estopim para o surgimento e agravamento de problemas psicológicos e até psiquiátricos. Nos consultórios, aumentou o número de pacientes com crises ansiosas e quadros depressivos. Há relatos até de tentativas de suicídio em razão da dificuldade de enfrentar um cenário desconhecido, causado por uma doença grave que provoca mortes e deixa sequelas. O corpo não responde, o cérebro não consegue entender, batem o medo, o pânico, a sensação de impotência, e a somatização de tudo isso acaba se tornando um fardo pesado demais.

“No início do isolamento, as pessoas estavam conseguindo lidar porque havia um prazo, seria rápido. Com o tempo, a pandemia foi tomando uma proporção maior, e o isolamento acaba potencializando traços de ansiedade que a pessoa já tem. O mesmo acontece com a depressão. O distanciamento das pessoas, a falta de rotina causa essas questões. No atendimento clínico, percebo que há um aumento da desmotivação”, destacou a psicóloga clínica Ludmila Rodrigues.

A auxiliar de escritório, Anna Karolyna Ferreira da Cunha, 28 anos, tem sentido na pele os efeitos de estar reclusa. Ela não chegou a procurar ajuda médica, mas garante que esse momento tem trazido muito ansiedade. Habituada à rotina de oito horas diárias de trabalho, aulas à noite na faculdade, encontros com as amigas nos finais de semana, ela afirma que está se sentindo sufocada. “Tenho medo de ficar doente, de ver as pessoas que amo irem embora, de morrer. Fico sem saber o que fazer, quando isso vai acabar, quando vou voltar à rotina. Só sei que nada será como era antes”, relatou.

Além de passar a maior parte do tempo no quarto, os horários de Anna estão desregulados. “Durmo tarde, acordo tarde, se der, durmo à tarde. Tenho visto

muitos filmes e séries, tenho estado mais perto da família. Por outro lado, me sinto frustrada porque planejei meu ano e agora, estamos praticamente em agosto e não fiz nada do que queria”, lamentou.

Para ela, o medo de se contaminar com o coronavírus é o que mais causa aflição. “Tenho um cuidado exagerado quando vou ao supermercado. Fico desesperada quando alguém espirra ou tosse perto de mim. Uso álcool em gel o tempo todo. Ao chegar em casa, tomo banho imediatamente, deixo as roupas do lado de fora. Tenho receio de tudo. Espero que o pior já tenha passado e que daqui a pouco as coisas melhorem. Sei que não vai ser como antes, mas esse medo vai diminuir. É o que espero”, afirmou.

Sintomas de ansiedade

- Enxaqueca
- Dores no corpo
- Tensão
- Problemas gastrointestinais, como refluxo, gastrite
- Taquicardia
- Dormência no braço
- Falta de ar

Sinais de depressão

- Acordar sem ânimo até mesmo para sair da cama;
- Perda de interesse por coisas que gostava de fazer;
- O autocuidado é deixado de lado;
- Mudança total de humor.

Fonte: Psicóloga Ludmila Rodrigues.



“De repente, me vi presa dentro de casa. Já são mais de 90 dias isolada, vivendo uma nova realidade, aulas virtuais, homeoffice, e toda essa mudança teve reflexos. A comida se transformou numa válvula de escape para mim. Minha autoestima está baixa, ganhei seis quilos e há momentos em que me sinto perdida.”

Anna Karolyna Ferreira

Psicóloga explica sensações diferentes no enfrentamento da situação

As sensações que Anna Karolyna está vivenciando por conta da pandemia são compreensíveis para o momento em que uma doença desconhecida assola o mundo, mata pessoas, destrói famílias, ameaça a todos. A psicóloga clínica Ludmila Rodrigues destacou, porém, que as pessoas encaram a

situação de formas diferentes. Enquanto alguns se estressam, ficam ansiosos e até deprimidos, outros enfrentam com mais serenidade.

Algumas pessoas, segundo ela, estão em homeoffice e conseguem ocupar o tempo com o trabalho, mesmo sentindo falta da rotina. Outras, têm uma família maior, com

crianças, afazeres domésticos e isso contribui para não ficar parado ou pensando na situação. Porém, mesmo cercado por parentes, há quem não suporte as incertezas sobre o futuro e, na maioria dos casos, em decorrência da predisposição, acaba desenvolvendo condições de muita ansiedade ou até mesmo depressão.

Há também os que, mesmo sozinhos, longe de parentes, sem trabalhar e sem poder sair de casa, estão se redescobrendo, não sentem essa angústia. “Estar sozinho, sem marido e sem filho, não quer dizer que é felicidade ou tristeza. Essas pessoas encontram outros motivos para dar sentido à vida. Agora está

todo mundo forçado a ficar em casa, mas também um pouco mais conectado consigo. Nesse momento, é preciso refletir o que é prioridade, o que está fazendo falta. Em muitos casos, as pessoas dentro de casa estão se conectando mais nessa rotina”, observou.

Continua na página 6

Fotos: Pixabay



Não existe receita para evitar ficar ansioso, estressado ou até mesmo para não entrar em depressão, mas é possível que a pessoa siga algumas dicas de profissionais que podem ajudar a vencer tudo isso

Medo da morte e incerteza sobre quando tudo passará

Sobrecarregadas pelo oceano de possibilidades que envolve a covid-19, pessoas enfrentam a ansiedade e o pânico

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Em meio a uma pandemia, se ouve muito falar sobre morte e esse é um assunto que causa medo à maioria das pessoas. “Mesmo sabendo que em inúmeros casos, muitos sobrevivem, existe um medo muito grande. Se a pessoa já tem ansiedade em relação a doença, entra em pânico. O que aflige é o medo e a incerteza, inclusive de quando isso tudo vai pas-

sar”, analisou a psicóloga Ludmila Rodrigues.

A possibilidade de morrer ou de perder alguém em razão da covid-19, segundo ela, causa medo, insegurança. “Existe o medo de encontrar e não poder tocar, a falta que isso faz com amigos, com a família. Sempre digo aos pacientes que é uma luta diária para a gente se manter nesse momento que estamos vivenciando. Temos que buscar um novo sentido pra vida, porque tudo isso é muito difícil em todas as idades.

“Mesmo sabendo que em inúmeros casos, muitos sobrevivem, existe um medo muito grande. Se a pessoa já tem ansiedade em relação a doença, entra em pânico”

Atinge a todos e cada um com um nível de estresse diferente”, constatou.

Investigação de sintomas persistentes

Quando os sintomas de ansiedade se tornam muito frequentes, é preciso buscar ajuda. “Se a pessoa fica a maior parte do dia se questionando, se consumindo, pensando em quanto isso está atrapalhando a vida diária, se ela pensa o tempo todo no que está deixando de fazer, se está atrapalhando no trabalho, na rotina, se o nível for alto, é preciso ajuda psicológica e, em alguns casos, psiquiátrica. Tem que investigar a questão emocional”, explicou Ludmila Rodrigues.

De acordo com a especialista, a ansiedade tem levado muitos indivíduos a um cardiologista e, na verdade, eles não têm nada. “É um período delicado e difícil até para diagnosticarmos e temos que ter cuidado com essas questões”. Ela afirmou que muitos pais relatam que os filhos adolescentes não querem estudar, mas a dica é ter calma, tentar

se animar e se adaptar. O cérebro vai entender aquilo que faz bem”, ensinou.

Em meio ao caos

Todo mundo sabe que não existe receita para evitar ficar ansioso, estressado ou até mesmo para não entrar em depressão, mas é possível seguir algumas dicas que podem ajudar a vencer tudo isso. “Mesmo o momento trazendo incertezas, precisamos tentar sobreviver. As pessoas devem acordar sabendo o que vão fazer, estabelecer uma rotina, trabalhar, organizar a casa, o guarda-roupa. Tem que ter a rotina diária para estar sempre em movimento”, disse Ludmila Rodrigues.

É preciso também, conforme ensinou a psicóloga, desenvolver o autocuidado, que alimenta a autoestima. Ter compaixão, contemplar o que há de bom ao redor nesse momento. “Existem coisas boas acontecendo.

Temos que observar que mudanças ocorreram, o que descobrimos de bom nas outras pessoas, o que o isolamento ensinou, fazer planos para o futuro. Assim, vamos conseguindo nos manter”.

A respiração é outro ponto importante. Quando é tranquila, distribui para o corpo uma tranquilidade. “Em momentos de isolamento, travamos a respiração e passamos a ter sintomas físicos”, constatou. “A vida é um presente. A gente tem muita coisa para fazer e tanta coisa passa despercebida. Se não conseguir, uma ajuda psicológica é necessária. Junto com o paciente, o especialista vai tentar entender o que está levando a essa situação e ver outras possibilidades. Em alguns casos, acontece de ser mais físico. Então, precisa de medicamento prescrito por um psiquiatra durante um período para reverter a situação”, completou.

Vencendo o isolamento físico

“Não existe isolamento social e, sim, físico, ou seja, uma situação que pode ser contornada, por exemplo, através de ferramentas que aproximam as pessoas, como a internet, uma chamada de vídeo, uma ligação”, de acordo com a psiquiatra Vilma Mendoza, professora do curso de Psiquiatria da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Ela destacou que o peso do termo isolamento social é muito grande nos últimos meses e a quantidade

de pessoas com ansiedade e depressão tem aumentado por várias razões. “Quando as pessoas estão mais próximas entre si, fechadas num determinado ambiente e se existem rivalidades, atritos, isso tende a se tornar mais profundo e aumenta o nível de ansiedade e depressão. Se os relacionamentos estão bons, temos observado que essas pessoas têm se unido mais, descoberto mais coisas que fazem com que o dia delas seja mais agradável”, observou.

Por outro lado, segundo Mendoza, existe um grupo de pessoas com tendência genética. “Neste caso, o isolamento físico, o confinamento poderá fazer com que elas manifestem com mais intensidade seu quadro de ansiedade e depressão. Na depressão, é preciso o apoio familiar, medicação e, sobretudo, vigilância, porque empiricamente aumentaram os quadros de tentativa de suicídio. Então, vigiar é essencial para evitar que isso aconteça”, explicou.

A DIFERENÇA ENTRE ANSIEDADE E DEPRESSÃO

A ansiedade e a depressão são bem distintas e uma necessariamente não leva à outra. Dependendo do nível de ansiedade, pode ser até pior que estar deprimido, conforme avaliou a psicóloga Ludmila Rodrigues. A depressão envolve o humor e vai além da tristeza. “Quando estamos tristes, passa. Na depressão, não. Falta vontade de fazer coisas que antes fazíamos, a autoestima é baixa, parece que há um peso segurando na cama. Há um vazio. Na depressão grave, os pacientes não querem nem tomar banho”, disse.

Na ansiedade, há uma preocupação com o futuro. As pessoas querem uma segurança, se preocupam tanto com o futuro e não conseguem viver o presente. Gera até taquicardia e falta ar. Pode levar a ataques de pânico e fobia social. O desafio é saber o que está fazendo para melhorar agora”, acrescentou.

SINTOMAS DE ANSIEDADE*

- Enxaqueca
- Dores no corpo
- Tensão
- Problemas gastrointestinais, como refluxo, gastrite
- Taquicardia
- Dormência no braço
- Falta de ar

SINAIS DE DEPRESSÃO

- Acordar sem ânimo até mesmo para sair da cama;
- Perde o interesse por coisas que gostava de fazer;
- O autocuidado é deixado de lado;
- Mudança total de humor.

DICAS PARA VIVER MELHOR DURANTE A PANDEMIA

- Ouça boas músicas
- Faça uma comida diferente
- Veja filmes
- Leia um livro
- Acompanhe as lives
- Fique mais próximo dos familiares em casa
- Faça uma ligação
- Faça uma chamada de vídeo

Fonte: Ludmila Rodrigues, psicóloga.

Tratamento de covid-19 com plasma vem dando resultado

Uso em fase experimental é considerado satisfatório e conta com alta procura dos hospitais, e população dá apoio

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Pesquisadores, profissionais da área de saúde e pacientes já recuperados da covid-19 estão se unindo para levar a possibilidade de recuperação a mais pacientes. A pesquisa baseada no uso do plasma convalescente de pacientes que já se recuperaram do novo coronavírus vem sendo colocada em prática há quase dois meses na Paraíba. O uso, ainda em fase experimental, vem sendo satisfatório, segundo a diretora técnica do Hemocentro da Paraíba, Valéria Cristina de Lucena Limeira, devido à alta procura dos hospitais pelo plasma e também o apoio da população, que enxerga o tratamento como uma alternativa viável para tentar vencer a doença.

A disponibilidade de doações, no entanto, não acompanha o número da demanda de pacientes que, cada vez mais, precisam do tratamento. O Hemocentro Paraíba distribuiu, até o momento, 76 plasmas para pacientes em tratamento da doença nos hospitais do Estado. De acordo com Valéria Cristina de Lucena Limeira, a procura segue alta, mas o banco conta com 16 plasmas do tipo A+, 3 do tipo AB, 7 do O+ e apenas 4 do tipo O-.

O plasma é a parte líquida do sangue de um paciente já recuperado do novo coronavírus. A coleta, realizada pelo Hemocentro em parceria com a Universidade Fede-

ral da Paraíba (UFPB) e com o Laboratório Central de Saúde Pública (Lacen-PB), é feita quando os pacientes recuperados não apresentam sintomas há mais de 30 dias.

Como funciona

A pesquisa liderada pela pesquisadora da UFPB, Daniele Idalino Jenebro, retira o plasma das amostras de sangue doadas por pacientes já curados para administrar nos pacientes hospitalizados e em estado grave, que ainda lutam contra a covid-19, através de infusão do plasma já com anticorpos para tentar neutralizar o vírus no corpo da pessoa que recebe a doação.

Mesmo com a alta procura médica, o uso do plasma ainda precisa de testes em maior escala para que os resultados de eficácia possam ser comprovados. Ainda assim, a alternativa vem sendo usada também em outros estados do Brasil e outros países.

Mesmo sendo aplicada em caráter experimental, a pesquisa vem mostrando resultados efetivos na recuperação de pacientes, visto que, segundo Valéria Cristina, diretora do Hemocentro, a demanda pelo plasma convalescente nos hospitais vem crescendo. "Ainda é um projeto de pesquisa. Estamos desenvolvendo a pesquisa conjuntamente a partir da doação de plasma por pacientes que apresentaram sintomas leves e já estão recuperados. Por ser uma pes-



O plasma é a parte líquida do sangue de um paciente já recuperado do novo coronavírus e a coleta é realizada pelo Hemocentro em parceria com a UFPB e Lacen-PB

quisa, ainda não temos uma resposta concreta sobre o resultado. Mas o retorno dos hospitais está sendo muito bom. Cada vez mais eles estão solicitando o plasma e o uso nos pacientes vem sendo satisfatório", declarou.

Estoque baixo

A disponibilidade do plasma, assim como a do-

ação de sangue, também é escassa. Valéria Cristina de Lucena Limeira ressalta que, mesmo com a crescente demanda pelo uso, o número de doações ainda está aquém do esperado. "Temos um estoque um pouco mais folgado do tipo A. Mas os demais, O, AB, A-, B são muito difíceis. Já é uma luta para entrar, e quando entra, já vai

direto para o paciente. Nós e os familiares dos pacientes estamos nessa tentativa de divulgar para conseguir mais doações", falou.

De acordo com a diretora técnica, a administração precisa ser feita apenas em pacientes em estado grave e hospitalizados porque eles precisam de acompanhamento médico. "O paciente

só poderá receber se estiver hospitalizado. Uma transfusão não é uma coisa corriqueira e só é indicada quando o paciente está interno e vai tendo o seu quadro se agravando, já próximo da intubação. No hospital, eles possuem todo o respaldo médico e a intenção já é evitar que o paciente vá para a UTI", informou.



Doadores passam por exames e avaliações para salvar vidas

Com o crescimento dos casos de covid-19, os hospitais precisam cada vez mais dos pacientes considerados recuperados para que juntos possam salvar vidas. Marcelo Diogo Alves da Silva, 32 anos, é um dos candidatos que se prontificaram a tentar ajudar de alguma forma. O mecânico e estudante de Engenharia Mecânica foi contaminado pela covid-19, não apresenta sintomas há vários dias e procurou o Hemocentro para fazer a doação de plasma convalescente.

Só buscar o Hemocentro, no entanto, não é suficiente. Para doar, após atender aos critérios de ter tido apenas sintomas leves, não ter sido hospitalizado e não apresentar sintomas há 30 dias ou mais, o doador passará por uma série de exames e avaliação médica para se enquadrar nos critérios necessários para garantir a segurança do paciente que irá receber o plasma convalescente e ainda ter uma quantidade de anticorpos relevante.

"Fiz os exames e aguardei os resultados. As regras para doação são bem restritas. Tem que saber se o IgM está acima de 40, caso não esteja, não poderei doar. Eu já sou doador de sangue e doar para que outras pessoas vençam a doença é muito importante. Eu fui informado que uma pessoa pode chegar a ajudar até ou-

tras quatro pessoas. Então se isso fosse possível, estaria muito feliz em ajudar o próximo", relata Marcelo.

"Infelizmente, não consegui, o meu IgG já estava abaixo do exigido pelo Hemocentro. No meu caso já estava em 3,80 e o necessário seria 40,0 acima, o que foi uma pena pois gostaria muito de doar... Mas cada um tem que buscar fazer a sua parte, sem uma mentalidade individualista, a gente vai sair dessa situação mais rápido", declarou.

Recuperado do novo coronavírus, o jornalista e apresentador Adelson Alves já realizou a doação do plasma convalescente no Hemocentro de João

Pessoa e poderá ajudar a salvar a vida de outros dois pacientes que sofrem nos hospitais na luta contra o vírus.

O jornalista teve o diagnóstico confirmado no dia 13 de maio através de uma tomografia que mostrou a alteração no pulmão. Adelson não precisou ficar internado, apresentou sintomas leves da doença e teve os exames aprovados para realização da doação do plasma. A doação foi realizada na última terça-feira.

"A melhor sensação que eu tive foi a de saber que estava contribuindo para que vidas fossem salvas e espero que assim as pessoas também procedam", comentou o jornalista.

Ele lembrou que, diante de uma pandemia como essa, em que não se tem muitas informações sobre remédios para a cura da doença, todo método utilizado para a cura é louvável. "E saber que o plasma de uma pessoa pode salvar vidas me encorajou para que eu pudesse tomar a decisão de doar".

Adelson disse que se sentiu bem em ter contribuído e que o Hemocentro vem realizando um grande trabalho na busca de pessoas que se dispõem a fazer a doação do plasma. "Fui doador voluntário e não tive indicação de uma pessoa que está precisando porque sei que muitas pessoas estão precisando. Estou com a cons-

ciência tranquila de que ajudei pessoas a recuperarem a sua saúde", relatou Adelson Alves.

Como doar

Apesar das campanhas que movimentam as redes sociais por familiares de pessoas internadas com a doença, o Hemocentro faz um trabalho de tentar conscientizar os pacientes recuperados para que as doações sejam maiores. A Paraíba conta com 15.359 pacientes que alcançaram a cura clínica para os sintomas agravantes da covid-19 e são considerados recuperados. Os que apresentaram sintomas mais leves que, segundo a Secretaria de Estado da Saúde (SES), são a maioria, podem se submeter aos exames para a doação de plasma.

A comunicação para doação pode ser feita via WhatsApp do Hemocentro da Paraíba no número +55 83 3133-3473 ou do telefone (83) 3133-3465.

O uso do plasma convalescente não é uma novidade na medicina sendo uma prática utilizada como alternativa terapêutica para pacientes com Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), bem como na pandemia da influenza H1N1 e de outras doenças. Nos casos já testados, a técnica é considerada segura. Na pandemia do novo coronavírus ainda está em desenvolvimento.



O doador passará por uma série de exames e avaliação médica para se enquadrar nos critérios necessários para garantir a segurança do paciente que irá receber o plasma convalescente



Princesa Isabel Marca do turismo histórico e cultural

Revolta de Princesa, em 1930, sob o comando do Coronel José Pereira, levou o nome da cidade para o cenário nacional

Teresa Duarte
teresaduarte2@hotmail.com

Distante 413 km de João Pessoa, o município de Princesa Isabel é um convite ao turismo histórico e cultural da Paraíba. O município, há 90 anos, foi palco em 1930 da Revolta de Princesa, sob o comando do Coronel José Pereira, considerada a mais decisiva do século XX, na Paraíba, em que pese os desdobramentos históricos, no âmbito estadual, conflito que levou o nome da cidade para o cenário nacional. O atual prefeito Ricardo Pereira do Nascimento relata que a história política vivenciada, torna o município um verdadeiro convite ao turismo.

“Esse atrativo histórico só existiu aqui em Princesa Isabel, que foi a ponta do iceberg para o Rio Grande do Sul, quando surgiu a Revolução de 1930, já que o que aconteceu lá foi inspirado com a Revolução de Princesa”. Esse fato, conforme o prefeito, aliado aos belos casarios no Centro Histórico, muitos tombados pelo Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico

e Artístico Nacional, formam um conjunto de atrativos para uma viagem a um tempo de luta onde o “coronelismo” era forte na política nordestina.

O prefeito revela que está trabalhando no resgate a esse potencial turístico de Princesa, com um projeto de revitalização que prevê também a implantação turística no Açude Padre Ibiapina, local que esteve inserido nos “Caminhos do Padre Ibiapina”. No projeto consta a colocação de uma estatua do Padre em uma ilha existente no açude para visitação turística. No município também existe a Lagoa da Cruz, onde migraram para Pernambuco os desbravadores da Coluna Prestes, “quando esses desbravadores souberam que o Coronel José Pereira era o líder político do município, eles se retiraram daqui”, conta o prefeito.

Outro projeto a atual administração municipal está desenvolvendo juntamente com o neto de Luís Carlos Prestes, que, juntamente com Miguel Costa, foram os responsáveis pelo movimento revolucionário também chamado

Coluna Miguel Costa-Preste. O projeto consta da implantação de um monumento feito em cimento em homenagem ao movimento político. Um ponto turístico que é bastante visitado é a Praça das Estrelas, local que deu início à habitação da cidade de Princesa Isabel.

Diz a história que o local tem um olho d’água que era ponto de parada para os vaqueiros perdidos. Eles vinham beber água e foram habitando o local, que também tem uma pequena casa feita de taipa em homenagem a Natália do Espírito Santo, primeira mulher a residir no local. Mas o grande atrativo aos olhos dos turistas que chegam ao município é o Palacete do José Pereira, situado na Praça Epitácio Pessoa, local onde se encontra a única estatua de corpo inteiro do político, sendo ela confeccionada em bronze. No Palacete José Pereira o seu bisneto Thiago Pereira preserva um pouco da história que é retratada em fotografias, poucos móveis e utensílios domésticos da casa do Coronel José Pereira.

Na sala principal do Palacete José Pereira, ele expõe um espelho de cristal que foi um presente no casamento do seu bisavô, uma bela cristaleira, chapeleiro, relógio e uma mesa muito bem conservada com cerca de cem anos que pertenceu ao sogro de Zé Pereira, que o presenteou. Mas é no povoado Lagoa de São João, que acontece sempre no mês de setembro a principal festa do município que é um dos maiores produtores de mandioca do Nordeste e que também produz uma das melhores farinhas do país.

A comunidade abriga uma população de 412 famílias agricultoras que sobrevivem plantando a cultura da mandioca em 220 hectares de terra, que lá mesmo é beneficiada e transformada em farinha, biscoito, sorvete, goma e outros derivados do produto. São quatro comunidades que trabalham na região com

Fotos: Roberto Guedes



Projeto preserva as habitações do Centro Histórico da cidade de Princesa Isabel

a mandiocultura, algo em torno de 200 produtores, povoado Lagoa de São João e as famílias do Ecedro, Mãe Cambira e Moça Branca.

No período da Festa da Mandioca e da Cavalgada, o povoado recebe pessoas de diversos Estados, contribuindo para o incremento

nos produtos de toda cadeia produtiva da mandioca. O evento, que já é reconhecido nacionalmente, não será realizado neste ano por conta da pandemia causada pelo coronavírus, cuja determinação da Organização Mundial da Saúde é evitar aglomerações.



O Centro Histórico é o registro de um tempo em que o “coronelismo” era forte na política



A Praça da Estrela e a Igreja do Bom Conselheiro são pontos de visitação turística da cidade





Foto: Divulgação

"Hermano José foi o mentor natural de diversos artistas"

Hoje é comemorado o centenário de nascimento de um dos maiores nomes das artes plásticas da PB

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

Um dos maiores nomes das artes plásticas do Estado e considerado um mestre por ter ensinado e influenciado vários artistas igualmente reconhecidos, hoje é lembrado o centenário de nascimento do paraibano de Serraria, Hermano José.

Um exemplo é Flávio Tavares, para quem o amigo foi seu "mentor natural". E, apesar da morte ter ocorrido em 21 de maio de 2015, o pupilo garantiu que ainda o sente a lhe guiar. "Quando estou pintando, continuo sendo orientado, sinto a fala dele como se dissesse o seguinte: 'Olha os movimentos, Flávio! Cuidado para não repetir os gestos! Olha a fusão das cores!'. Também sinto a fala de papai, Arnaldo Tavares".

"Além de grande artista, Hermano foi - e continua sendo - um dos maiores pintores na profundidade e no conhecimento da pintura. Durante a vida, ele foi um andarilho do saber. Hoje todo mundo é mestre. Mestre é uma coisa que não se deve falar gratuitamente. Quando se fala em Ariano Suassuna, não se fala 'mestre Ariano Suassuna'. Ele e Hermano estão na área mítica, que passam a ter uma áurea. Não precisa dizer: O próprio nome tem a sapiência, a palavra do ser, a obra. Hermano é uma entidade que, na Terra, aparece esporadicamente. É um mestre absoluto, que merece todo o respeito".

Flávio Tavares começou a receber orientações artísticas do amigo a partir dos 16 anos de idade. "Hermano José foi o mentor natural de diversos artistas, que influenciou, inclusive, alguns da nova geração, pela dimensão dele como ser humano. Ele não tinha ar professoral. A sua fala tinha clareza e não queria impregnar as suas ideias, mas buscava o que cada artista poderia dar de melhor. A arte é feita para melhorar a condição humana e não encher as galerias. Hermano fazia críticas construtivas quando eu estava pintando, repassando ensinamentos para melhorar, como observar o que eu estava expressando muita coisa no quadro".

O artista lembrou que visitava, com seu pai, a casa da mãe de Hermano José, no centro de João Pessoa, quando ele chegou a morar no Rio de Janeiro. "O quarto de Hermano ficava reservado, que era mais parecido com um santuário. Lá eu vi um quadro que pintou, retratando uma manga rosa cortada e com a faca do lado, que me chamou a atenção pelas cores. O meu primeiro museu foi olhar a arte desse mestre".

Fases de um artista

"Com suas fases de pintura, Hermano José favoreceu a muitos artistas. Ele vivenciou vários momentos da arte brasileira e universal e, no Rio de Janeiro, foi aluno de Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna dos anos 1960 aos 70, como também de Gilvan Samico e Ana Leticia Quadros. Ele começou no Centro de Arte da Paraí-

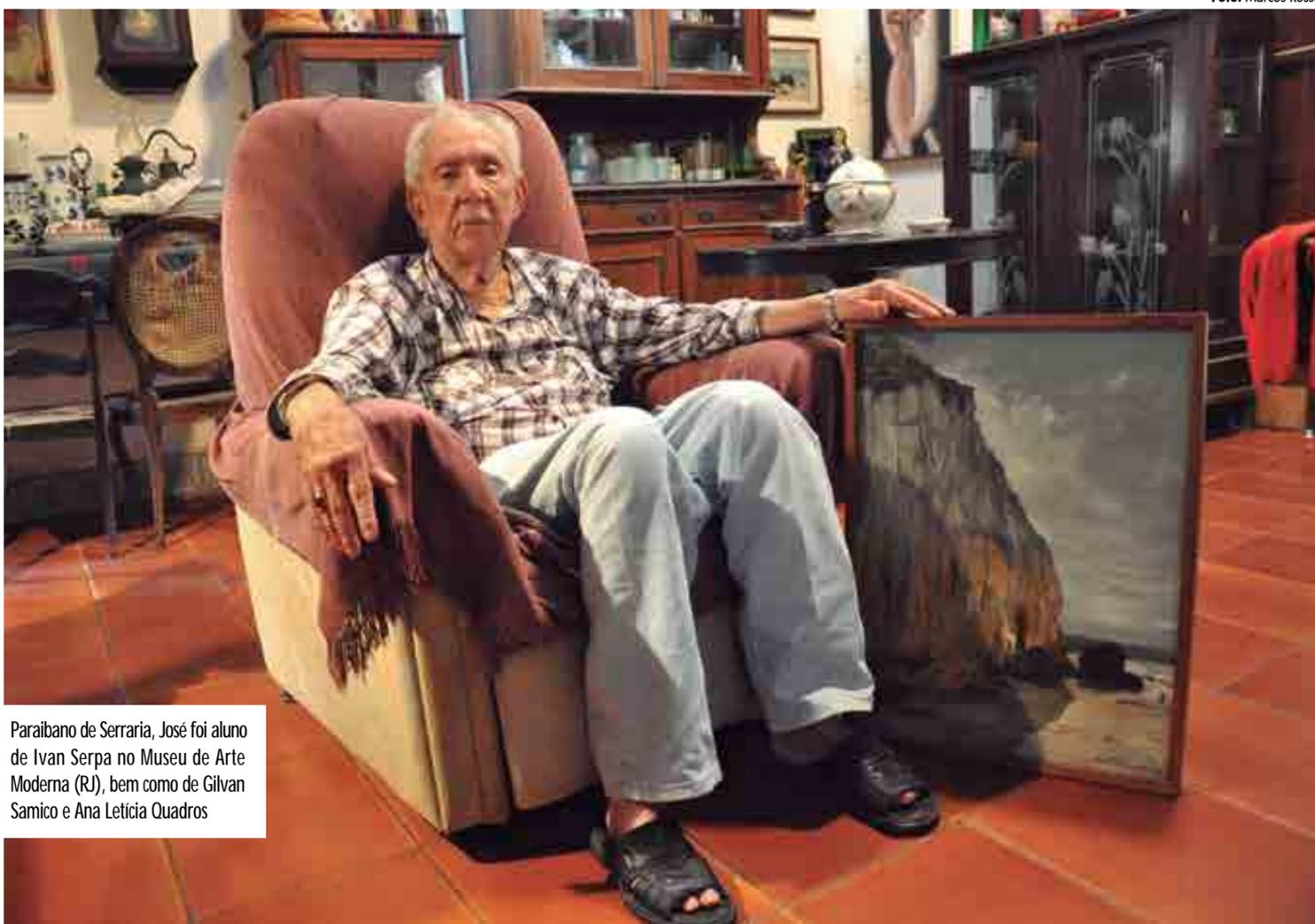


Foto: Marcos Russo

Paraibano de Serraria, José foi aluno de Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna (RJ), bem como de Gilvan Samico e Ana Leticia Quadros

ba, em João Pessoa, pintando anatomia, figuras humanas, observando modelos vivos, o que não se tem mais hoje, e paisagens da cidade, como a Lagoa do Parque Solon de Lucena e a ponta do Cabo Branco, como desbravador".

Segundo Tavares, ele enveredou pelo impressionismo francês, no qual a grande virtude era captar a luz europeia. "Mas Hermano captou a luz tropical. Ele tinha influências impressionistas da pintura francesa. Isso era notório. No Rio de Janeiro, Hermano sofreu influência dos abstratos concretistas. A prova é que, nos últimos anos da sua vida, quando já havia retornado para João Pessoa, voltou a pintar naturezas mortas na técnica pastel sobre papel, e ao abstracionismo, que são sinfonias de formas retilíneas transparentes, que formam prismas de cristais e transmitem espiritualidade, sem precisar de descrição de princípios, pois se sente movimento e a luz. Ele voltou ao passado impressionista dele e ao concreto, pois era livre para explorar o que quisesse, sem cabresto. Ele estava introjetado de sapiência", disse Flávio Tavares.

Chico Pereira lembrou que conheceu o artista nos anos 1960, no Rio. "Nos reencontramos na Paraíba, quando ele se aposentou e passou a residir definitivamente em João Pessoa, instalando-se no Bessa, numa casa que agora é um espaço cultural da UFPB, vontade testamental dele, que garante a preservação da sua memória", disse.

Nas palavras de Pereira, ele era um artista versátil. "Hermano teve uma formação ainda calcada no século anterior, mas soube muito bem transitar pela contempora-

neidade. Daí suas gravuras abstratas, fruto da sua aprendizagem no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio, que, certamente, veio influenciar sua pintura".

Já para Raul Córdula, que reside em Pernambuco, Hermano "era uma pessoa obstinada e dedicada às artes, tendo sido, ao passar pela oficina de gravura no Rio, considerado um grande renovador na arte brasileira".

Outro contemporâneo do saudoso artista, Miguel dos Santos lembrou que conheceu José no começo da década de 1960. "Não fui seu aluno. Entretanto, ele foi mestre de todos nós e tem grande importância na arte brasileira".

O artista visual e crítico de artes Dyógenes Chaves analisou que o fator mais importante em Hermano José foi a sua estadia no Rio de Janeiro, onde foi trabalhar como funcionário público e lá estudou gravura com o norte-americano Johnny Friedlander, que morava em Paris. "Hermano foi inovador na arte da gravura em metal. A arte dele é geométrica e abstrata e, além de tudo, ele inovou ao cortar a chapa de metal, fazendo um dente para deixar uma área branca no papel", explicou. "A fase da gravura é a melhor dele, porque conseguiu projeção nacional e internacional e passou a ganhar prêmios em países como a Itália e o Chile. A grande produção dele é a pintura, mas é preciso saber que ele também se destacou na gravura", disse Chaves.

+ Um artista com um olhar sempre voltado à preservação da natureza

Além dos pincéis, Hermano José também agia como um ativista em defesa do meio ambiente.

"Ele sempre teve um olhar voltado à preservação da natureza", afirmou Chico Pereira. "Daí suas telas dedicadas ao Cabo Branco e as paisagens vegetais da capital, João Pessoa, pinturas essas que já vinham do seu passado de aprendiz, no Centro de Artes do final dos anos 1940, e sobrevivendo, ainda, pelos anos de 1950 e 1960. O mesmo espaço que transitou José Lyra, Ivan Freitas, Breno de Mattos e tantos outros artistas construtores da arte paraibana. No meu entender, o grande legado de Hermano foi sua luta intransigente pela preservação da natureza e a sua coleção de arte".

"Quando voltou a morar na Paraíba, vindo do Rio de Janeiro, Hermano passou a atuar em defesa da ecologia, não aceitando princípios rígidos de governos retrógrados. Era uma voz vigi-

lante, sem ser castrador", disse Flávio Tavares. "Hermano dizia que Recife perdeu as vantagens da província e ganhou as desvantagens da metrópole. Ele temia que isso acontecesse em João Pessoa. Era defensor feroz de tudo que representasse o belo em arte. Não era só colonial e barroco, Hermano também era moderno. Era avançado no tempo".

Tavares ainda conta que o mentor e amigo, além do meio ambiente, se preocupava também com a arquitetura.

Ao se referir à atuação como ativista em defesa da ecologia, Dyógenes Chaves também ressaltou o papel de militante desempenhado por Hermano José, principalmente por meio da Associação Paraibana dos Amigos da Natureza (Apan). Ele admitiu ser um artista militante, inclusive na estética e na ação política, por influência de Hermano, e mencionou, como exemplo, a luta de José contra a construção de espigões na orla marítima de João Pessoa.



Falésia do Cabo Branco representada na gravura em metal e na tela (acima); a última fase do artista, o abstracionismo (ao lado)



Imagens: Marcos Russo

Ciência e misticismo

Ariano Suassuna reclamava da má sorte de sempre aparecer em sua casa pessoas tentando convertê-lo ou querendo interferir nas suas ideias. Numa dessas investidas, um amigo do dramaturgo tentou fazer com que ele mudasse os nomes dos personagens João Grilo e Chicó por achá-los regionais demais, difíceis de traduzir para outros idiomas. De quebra, sugeri que mudasse a ambientação da peça, deixando de lado o Sertão e os cangaceiros e todo aquele universo simbólico já que, no seu modo de ver, as pessoas estariam de saco cheio daquelas histórias. Podemos imaginar o tamanho da perda para a literatura e a cultura nordestina se o escritor paraibano tivesse embarcado nessa.

Com raríssimas exceções recebo a visita desses “empreendedores de ideias” em minha casa, mas o mesmo não posso dizer da frequência com que eles aparecem nas redes sociais. Durante esses dias um amigo tentou me convencer, numa conversa de WhatsApp, que todo salto tecnológico que conseguimos nos últimos 100 anos se deve aos Senhores do Universo, que enviaram seres evoluídos para a Terra e nos livraram de um mundo de trevas.

O principal argumento dele é que não faz o menor sentido que apenas nos últimos 100 anos a humanidade tenha alcançado um estágio de desenvolvimento tecnológico tão avançado, considerando que os seres humanos vivem no planeta há 8 mil anos (existem registros de *homo sapiens* que remontam há 300 mil anos). Trata-se de um raciocínio historicamente equivocado. É como se já nascêssemos intelectualmente acabados e não fôssemos acumulando conhecimentos, desenvolvendo culturas, criando técnicas, diferentes sistemas sociais e de ideias. Foram milhões de anos até nossos ancestrais desenvolverem a capacidade de ordenar mentalmente eventos, atribuindo-os uma lógica. Sem tal capacidade, afirmam os biólogos, estaríamos privados de faculdades como imaginação, abstração, previsão e simbolização. A partir daí foi possível criar a linguagem, talvez a nossa maior invenção.

O desenvolvimento humano foi lento (na perspectiva individual, é claro) e bastante prodigioso. Desenvolvemos ferramentas, agricultura, domesticamos animais, controlamos o fogo, inventamos a roda, a escrita, os mitos, as religiões, a matemática, as artes, as ciências, os alfabetos e uma infinidade de coisas. Quando vemos por essa perspectiva, tais façanhas parecem ter ocorrido em um curto espaço de tempo.

Os avanços tecnológicos dos últimos 200 anos precisam ser compreendidos com base em processos históricos que abarcam mudanças radicais na forma como organizamos a sociedade, como o surgimento do capitalismo e de uma nova racionalidade, o industrialismo, as grandes rupturas com as formas de pensamento tradicional e o estabelecimento do método científico. O Renascimento e o Iluminismo, especialmente este último, foi mais importante para livrar-nos das “trevas” de qualquer “espírito evoluído.”

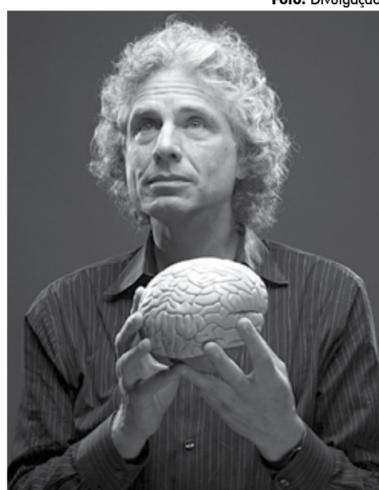
Outro problema de uma argumentação que atribui os avanços tecnológicos da modernidade à intervenção de espíritos evoluídos é reduzir a importância dos seres humanos. Não se trata de dar um “chega pra lá” na arrogância ou vaidade humana, mas de retirar-lhe todo mérito. Já ouvi muitas histórias sobre extraterrestres serem os responsáveis pela construção das pirâmides do Egito, ideia imortalizada por Erich von Daniken no livro *Eram os Deuses Astronautas?*. O autor seria posteriormente desmascarado por suas fraudes pseudoarqueológicas.

Nesses casos, prefiro sempre usar a *Navalha de Ocam* e o princípio *Pluralitas non est ponenda sine necessitate*, isto é, “a pluralidade não deve ser colocada sem necessidade”. Se podemos explicar algo por meio de variáveis mais simples, não há necessidade de apelar para respostas mirabolantes. Se historiadores e arqueólogos são capazes de explicar a construção das pirâmides pelos próprios egípcios, não há motivos para apelar para a teoria dos astronautas antigos, a não ser pelo desejo de dar um tom de mistério e misticismo a grandes feitos humanos.

A inclusão do outro

A cada dia convivemos com medo do outro, porque quem está próximo é uma ameaça à vida. Diante dessa tensão, os cidadãos estão aprisionados na desconfiança e na exclusão. O risco de excluir o outro é também se excluir de um valor humano. A exclusão social é uma renúncia em ambientes da organização da sociedade que afeta um problema social gerado por uma péssima infraestrutura econômica, política, e de saúde pública, geralmente são impulsionados pelos preconceitos. O outro excluído gera o isolamento social e sempre está impedido de exercer os seus direitos e deveres, os sintomas vitais são: as péssimas condições financeiras; a amputação da cultura; a falta da identidade social; a negação da capacitação e escolha profissional; o não acesso ao mercado de trabalho; o impedimento para a realização do projeto de vida; dentre outros. Temos como exemplos: idosos; pobres; toxicodependentes; desempregados; portadores de deficiência. Diante de toda desigualdade social existe um insuportável sofrimento que conduz a própria destruição e isso é uma ameaça à existência e potencializa várias formas de humilhação. Deve-se priorizar o afeto na ética e na política para excluir a dor social, e agir com respeito para com a beleza moral, a fim de incluir a dignidade de todo cidadão na estética existencial.

O psicólogo e linguista canadense Steven Arthur Pinker (1954), no seu livro *Tábua Rasa: a negação contemporânea da natureza humana* (2004), analisa a “desconfiança moderna” como uma das faces do “medo da desigualdade” e expõem as perseguições, guerras, genocídios e a exploração do homem pelo homem. Pinker afirma: o medo, (...) poderia conduzir a três males. O primeiro é o preconceito (...). O segundo é o darwinismo social: se as diferenças entre os grupos nas condições de vida (...) provêm de suas condições inatas, essas diferenças não podem ser atribuídas à discriminação (...). O terceiro é a eugenia: se as pessoas diferem biologicamente de modos que outras pessoas valorizam ou menosprezam, isso as levaria a tentar melhorar a sociedade interferindo biologicamente – encorajando ou desencorajando as decisões das pessoas sobre ter filhos, tirando-lhes a



Psicólogo e linguista canadense Steven Pinker

possibilidade de tomar essas decisões ou, diretamente, matando-as.

Steven Pinker demonstra que a natureza humana pode ser um problema de ordem genética. E que o nosso agir é determinado por aspectos biológicos, e por existir diferenças genéticas da personalidade, existem também comportamentos violentos determinados por essas características biológicas, independente de outras estruturas, sejam: sociais; religiosas; emocionais, dentre outras. E que a compreensão dessa diferença genética nos ajudaria a melhorar a socialização da espécie humana. Uma das teses de Pinker é de que crescer no ambiente familiar não determina a inteligência e nem a personalidade do indivíduo, e que nem tudo está nos genes; afirma também que a metade da variação da personalidade, da inteligência e do comportamento provém de algo no ambiente: o acaso!

O filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas (1929), no seu livro *Inclusão do Outro* (2004), apresenta um “conteúdo racional” da moral, que é justificado pela existência de um mesmo nível de respeito por parte de todos e, por consequência, em suas manifestações em formas de responsabilidade solidária entre os seres humanos. Habermas nos diz: “Regras morais operam fazendo referências a si mesmas. Sua capacidade de coordenar as ações comprova-se em dois níveis de interação, acoplados de modo

retroativo entre si. No primeiro nível, elas dirigem a ação social de forma imediata, na medida em que comprometem a vontade dos atores e orientam-na de modo determinado. No segundo nível, elas regulam os posicionamentos críticos em caso de conflito. Uma moral não diz apenas como os membros da comunidade devem se comportar; ela, simultaneamente, coloca motivos para dirimir consensualmente os respectivos conflitos de ação (...)”. Essa tese de Habermas surgiu no seu livro *Teoria da Ação Comunicativa* (1981), na qual ele diz: “De modo que eles constituíssem uma perspectiva para condições de vida que rompessem a falsa alternativa entre ‘comunidade’ e ‘sociedade’ (...)”. Dando continuidade em relação a *Inclusão do Outro*, diante do “conteúdo racional” da moral, ele analisa que as regras morais devem demonstrar “um universalismo dotado de uma marcada sensibilidade para as diferenças”.

Habermas apresenta a possibilidade de inclusão de uma forma de universalismo que seja sensível às diferenças. É de um universalismo para todos, onde ele postula: “essa comunidade moral se constitui inicialmente pela ideia negativa da abolição da discriminação e do sofrimento, assim como da inclusão dos marginalizados – e de cada marginalizado em particular –, em uma relação de deferência mútua (...)”. Habermas revoluciona esse conceito de universalismo por fundamentar uma comunidade construtiva e não por ser uma comunidade ou “um coletivo que obriga seus membros uniformizados à afirmação da índole própria de cada um”. A beleza dessa tese de Habermas é um universalismo que signifique “abertura diante de todos e para todos”.

Na extensão desta coluna, sintase convidado para a audição do 276 Domingo Sinfônico, deste dia 19, das 22h às 0h. Busque no Google radiotabajara.pb.gov.br ou sintonize FM 105.5. Irei apresentar o compositor inglês Edward William Elgar (1857-1934). Elgar demonstrou otimismo como estilo de vida, e a partir da espiritualidade construiu a unidade na diversidade humana. Também priorizou seu amor pela família e ajudou seus amigos ao longo de toda vida.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br



Tom Jobim (1927-1994), compositor de canções como ‘Lígia’

Hoje é hoje

Uma Lígia na minha vida. A Lígia de Jobim, que preencheu naquele dia, mas aquele dia não existe mais, dia em que devoramos em sussurros lentos orgasmos gritantes, coisas que já passaram. Sequer em aparentes ondulações que se permitiram apreender-me. Nada me prende. Eu aprendo todo dia, apesar das tabuadas.

Não me sujeito ao âmago de histórias aprisionadas nas subtilezas alheias. Nas cobranças de pessoas e de alguns amigos. Amigo não pode cobrar do outro. Jamais. Não tente me levar para o passado, que eu não vou. Nem a música consegue isso, sequer o cinema.

A semana passada, Vanderlita Neves, me mandou um vídeo com imagens da cidade (Jatobá), em que nascemos, feitas por um drone, mas aquele fim de tarde intenso, imenso, no desvio que presidiu à orientação de outra beleza, não existe mais. Há anos não vou ao lugar em que nasci.

Há dias longos que são só tardes de julho. Quando vejo o dia se dissolver na luz do crepúsculo, estou livre de muita coisa: do som do WhatsApp, do latido do cão, de ter que fazer cara bonita, quando não tenho o que falar ou não querer nada dizer. Sequer de ouvir alguém perguntar: “Está chateado?” Poxa, tá na cara. Tudo acontece na vida.

Dias assim transportam uma melancolia, são íntimos da dor e nos observam da cabeça aos pés. Eu às vezes não sinto nada. Sinto muito. Sequer a alegria de tantas vezes ser seguida pela penumbra que revela o anoitecer. Tá vendo, hoje é hoje.

Trago no meu rosto as mesmas linhas que formam as residências da canção de Nelson Cavquinho. Às vezes, peço que não me levem a mal, mas o “mau” se corta pela raiz. Eu sou como aquela árvore do poema de Augusto! “Meu pai, por que sua ira não se acalma?! Não vê que em tudo existe o mesmo brilho? Deus pôs almas nos cedros... no junquilha...”

Guardarei comigo contos de todos os cantos, os meus dias santos e cruéis, dias sem sentido de permitir que a noite seja mais calma que a manhã, com ou sem a presença de Lígia.

Quantas rosas no Rosa a dar forma a tantas horas, onde poderei estar na linha do sol posto, no sol de arrebol da canção de Djavan ou seguir a lembrança da pureza de Zé Lins.

Li um texto belo do jornalista Rubens Nóbrega em que ele pede bênção a muitos que lhe ensinaram e ali eu vi a palavra mais bonita: agradecer. Havermos de ter dias feitos de esperanças, eu sinto. Toda semana falo com escritora Angela Bezerra, sem o mais absoluto sigilo, uma série de coisas, dias circunspectos, vestidos de nossas possibilidades. Às vezes, chegamos a luz velada dos candeieiros da “Serra da Confusão”, onde ela foi criada. São presumíveis nossos sentimentos, somos figurantes de um filme que não está em cartaz. Afinal, qual será então o meu desejo, ouvir Lígia novamente, pensar exatamente ao contrário ou igual a Jobim, que eu nunca sonhei com você, nunca fui ao cinema, não gosto de samba, não gosto de chuva, nem gosto de sol, mas que me incita à diferença, jamais a indiferença (?). Eu sempre estou partindo em formatos diferentes, ignorando a presença dos que sempre estiveram ausentes.

Puxa vida! Eu esperava nunca mais amar!

Kapetadas

1 - Gente, estou pensando como se fala com as pessoas pessoalmente. Não lembro mais;

2 - Não é nada fácil procrastinar. A cada dia ter que inventar uma desculpa nova para enganar a mente exige esforço danado;

3 - Som na caixa: “A estrela mais linda, hein? Tá no Gantois”, de Caymmi.

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Atriz Adèle Haenel em cena de 'A Revolução em Paris' (2017), filme dirigido por Pierre Schoeller e que está no Festival Varilux em Casa

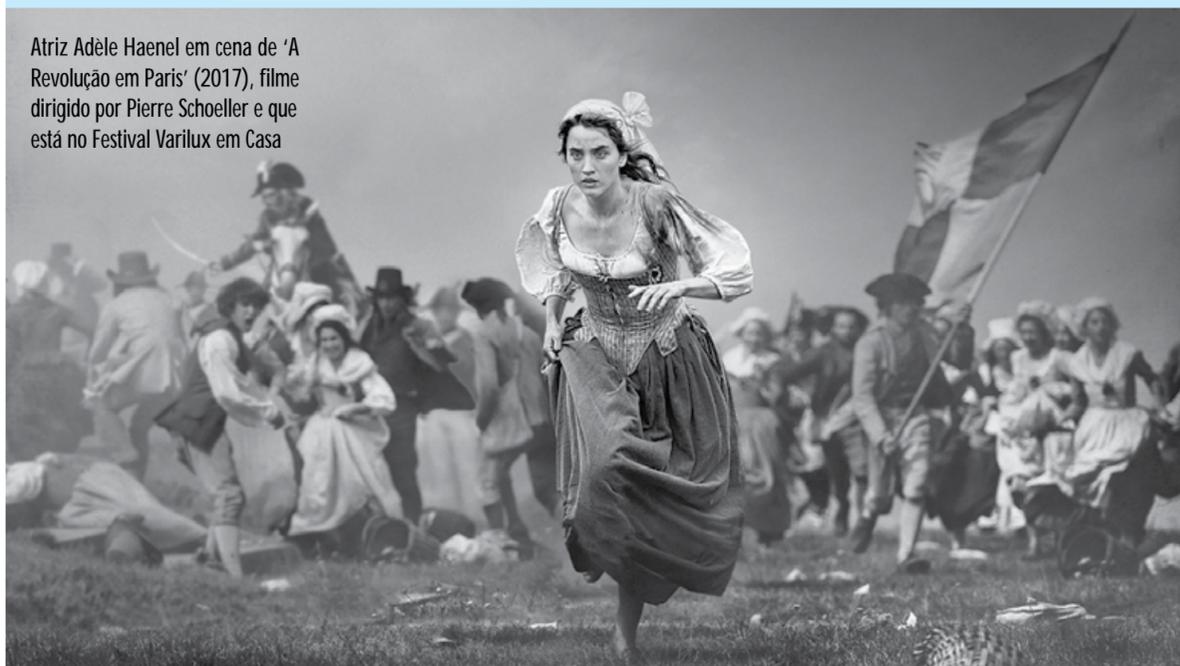


Foto: Divulgação

'A Revolução em Paris': lutas pela democracia

Um dos acontecimentos mais emblemáticos a marcar as lutas político-sociais na Europa, incitando ânimos e a ordem pública daqueles tempos, terá sido a Revolução Francesa de 1789, provocando a Queda da Bastilha, em 14 de julho daquele mesmo ano. "Liberdade, Igualdade, Fraternidade" foi o lema que ilustrou a bandeira das mais sangrentas páginas da História dos povos europeus, influenciando revoluções pela democracia no mundo todo.

A hostilidade se estenderia por 10 anos, sacrificando na guilhotina o povo francês, na luta entre jacobinos ou girondinos, estes, cuja sede ficava no Palais des Tuileries, centro de Paris, fazendo rolar a cabeça até de reis. Como foi o caso do então monarca Luiz XVI, que é degolado em praça pública. Fato ocorrido pelo descontentamento de uma massa enfurecida, composta de camponeses, políticos radicais, até de intelectuais contra os privilégios da monarquia considerados feudais, inclusive os da Igreja Católica.

Ainda *in clausura* pelo covid-19, somente o modo *streaming* nos tem propiciado algumas opções de qualidade. Semanas atrás, aqui na coluna, falei dessa

dependência, fazendo-me buscar os canais fechados. Ainda não muito visto no mercado, a não ser pelo Festival Varilux de Cinema Francês em Casa, *A Revolução em Paris* é uma dessas indicações que faço aos interessados pela História Universal, e que assisti prevendo a data de terça-feira passada. Razão por que recomendaria ao amigo José Octávio de Arruda Mello, na sua busca incansável por fatos novos da história e pelo seu apego ao bom cinema.

A Revolução em Paris (2017) dirigido por Pierre Schoeller, com Adèle Haenel (Françoise), Gaspard Ulliel (Basile), Laurent Lafitte (Louis XVI), Louis Garrel (Robespierre) e grande elenco, é um filme que reconstitui uma época agitada de Paris, na França do século 18. Uma narrativa que demonstra preocupação real com a história, mas deixando para nós meros espectadores uma curiosa indagação: Onde está, no filme, o herói de tamanha saga? Isso, se considerarmos que o cinema sempre teve como destaque os seus "heróis".

Simbólica, a performance histórica no filme, mas sem preocupação em mostrar aquele "super-homem" tão co-

num na obra cinematográfica. Mas, ao final, deduz-se por um heroísmo coletivo: o povo. Sobretudo, dando-se ênfase à participação feminina nos confrontos, revelando a "Marianne" como personificação da República Francesa. Mesmo que tenhamos, no percurso de todo filme, a presença de figuras importantes como a do advogado e político francês Robespierre, um dos personagens símbolos da revolução, atuante no Parlamento Francês e membro da Assembleia Nacional Constituinte, vindo a sofrer inúmeras pressões e que terminou sendo guilhotinado.

A queda da Monarquia, na França, nos leva a refletir sobre a passagem desse regime para a República aqui também no Brasil. Mais ainda, quando se sabe ter existido um brasileiro como testemunha ocular dos fatos, em Paris. Seu nome, José Bonifácio de Andrada e Silva, que fora de Portugal à Paris para estudar Direito. Mesmo cético às idéias de uma revolução, conforme sua rica biografia, Bonifácio presenciou a agitação de jacobinos nas ruas parisienses. – Mais "coisas de cinema", acesse nosso blog: www.alexantost.com.br.



O cinema na Revolução de 30

A Academia Paraibana de Cinema (APC) se congratula com o professor e historiador José Octávio de Arruda Mello, membro da Academia Paraibana de Letras (APL), também com o professor Francelino Soares, pelo trabalho de revisão histórica que ambos vêm realizando sobre a Revolução de 30 na Paraíba. Segundo o professor Zé Octávio, trata-se de uma publicação em livro a ser lançada ainda este ano. No bojo dessa nova versão histórica sobre 30 está o cinema, com a colaboração de um dos membros da APC.

'Diálogos Culturais'

Começa amanhã série de reuniões virtuais sobre a Lei Aldir Blanc na PB

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

Com investimentos que somam um montante de R\$ 68 milhões, a Paraíba vai ser beneficiada com a Lei nº 14.017/2020, conhecida também como "Lei Aldir Blanc". Desta verba, R\$ 36 milhões serão destinados ao Governo do Estado e outros R\$ 32 milhões para os municípios como medida emergencial para profissionais da cultura independentes. Ao total, a lei vai destinar R\$ 3 bilhões para o setor cultural nacional.

Para esclarecimentos sobre a implementação desta lei no Estado, a Secretaria de Estado da Cultura (Secult-PB) inicia amanhã, às 9h, uma série de reuniões virtuais com os dirigentes municipais responsáveis pelo setor cultural, que

serão transmitidos pelos canais da instituição no Facebook e YouTube. Os encontros on-line vão acontecer diariamente, sempre no mesmo horário, até a próxima sexta-feira (dia 24).

O Secretário de Estado da Cultura da Paraíba, Damião Ramos Cavalcanti, pretende organizar e sistematizar para preparação do cadastramento dos artistas atuantes na região. "Essa lei vem em um momento bastante necessário por ser considerado um volume de recursos jamais vindo para a área de cultura e que estava sendo esperada há anos. Teremos, na primeira etapa, diálogos com secretários de cultura dos municípios e, logo em seguida, com a liberação da regulamentação, vamos estabelecer os contatos com artistas de todas as áreas, inclusive para instituições culturais".

A semana foi de inquietação para o secretário, que esteve aguardando a regulamentação da lei para que possa dar seguimento aos esclarecimentos para os dirigentes municipais e para a população. "A regulamentação é algo decisivo e é o que vai definir o que deverá ser dialogado e esclarecido", conclui o gestor.



Através do QR Code acima, acesse a página da Secult-PB no Facebook

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Naldinho

Naldinho só bebe em pé, encostado no balcão da BBS, isto é, Banca Boa sorte. Todo dia a mesma garrafa de vinho tinto, parece que suave. Vinho vagabundo, que Naldinho não é da grana. Gente simples, como outros que fazem pouso naquilo que, um dia e meio alcoolizado, chamei de "pocilga iluminada".

Tenho uma simpatia toda especial por Naldinho. Às vezes, ele some, desaparece, pois Naldinho é marinheiro, e, aqui e ali, embarca por dias e meses, sem dar explicações, sem deixar nem mandar notícias.

Naldinho é a gentileza em pessoa. Quando está por aqui, fica com a mãe, a quem dedica um carinho e um cuidado que me comovem. Não sei se tem mulher. Nunca lhe perguntei. Nós, homens que bebemos como ofício, queremos a companhia um do outro, mas não nos interessa a vida do outro. Pelo menos a vida dita particular. Cada um com sua história, cada um com seu cofre de segredos, temores, culpas, remorsos, mágoas e dissabores.

Sei que Naldinho tem uma filha que ama acima de tudo. Assim ele me disse. Que seu amor é maior e mais profundo que os abismos dos mares por onde andou e por onde anda, distante da terra, distante dos amigos e distante da BBS.

Naldinho fala pouco, mas sabe de muitas coisas. Possui uma habilidade prática com esses aparelhos eletrônicos, com os riscos e ciscos, os engodos e malefícios, das redes sociais, que me surpreende, e até já me alertou, com a sabedoria de um tibetano disciplinado, paras seus perigos e desastres. Sabe quem conserta computador, cerca elétrica, joia rara, carro importado, ventilador de teto, ar condicionado, máquina de lavar, quem faz frete e todas estas utilidades que movimentam os nervos da rotina.

Outro dia me falou do mar e do silêncio dos navios. Das manhãs azuis e do sol dourando as águas, das noites abundantes e da sinfonia das ondas, cortando o esquecimento dos naufragos, a epopeia dos peixes e o eco encantado dos búzios que se dispersam na praia. Ao discorrer sobre estas coisas, Naldinho espicha o olhar para o mundo, que parece se alargar, flexível e sem fim, no carretel de seus devaneios e nos fios elásticos de sua fantasia.

Quando está longe dos seus, Naldinho fica polido o aço da lembrança com os tremores da saudade. A mãe, a filha e, quem sabe, outras mulheres (há sempre outras mulheres no coração dos marinheiros!) tecem a malha improvável dos amores aquáticos, intensos e fugidios, que navegam pela memória das criaturas.

Naldinho não como é eu. Não faz versos, mas expressa a poesia que bebe da vida no seu jeito simples de ser. Bondoso, generoso, prestativo, amigo, e sempre em pé no balcão da BBS, a falar consigo e com seus fantasmas que o chamam para a insólita viagem das geografias desconhecidas.

Como será Naldinho nos portos de Guiné-Bissau, Amsterdã, Cairo e Moscou? Será que Naldinho já bebeu seu vinho vagabundo às margens do Sena, do Volga, do Reno, do Solimões?

Não sei. Sei que Naldinho bebe o dia a dia neutro e limpo com seus pares anônimos na BBS, ponto de encontro localizado na esquina do mundo e que faz vizinhança com a inutilidade e o desespero. Sim, porque, não tenho dúvidas, Naldinho é apenas um homem. Um homem como outro qualquer, que ganha o pão com o suor de seu rosto e está cercado de solidão por todos os lados.

Foto: Divulgação



Colunista colaborador



Componentes da equipe do projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba com o professor Edônio Alves (ao centro) durante a transmissão de jogo do Botafogo pelo Campeonato Brasileiro da Série C de 2015, realizado no Almeidão

JORNALISMO ESPORTIVO

10 anos de debates e evolução na UFPB

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

As manhãs de quintas-feiras no Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) há 10 anos ganharam um espaço específico para o desenvolvimento da cobertura esportiva no Estado. Em 2020, o curso de Graduação em Jornalismo da instituição comemora uma década da criação da disciplina optativa

de "Jornalismo Especializado em Esportes". A "cadeira" tem sido responsável por modificações importantes na rotina jornalística focada nas informações referentes ao esporte paraibano ao longo desse período, transformando-se em um fator que culminou em avanços significativos na produção de conteúdo voltado ao fenômeno esportivo.

Idealizada pelo Professor do Departamento de Jornalismo (Dejor), Edônio Alves, a

disciplina foi criada em 2010 a partir de uma demanda de estudantes, mas principalmente diante da ampliação do campo de atuação para o jornalismo esportivo na Paraíba, no Brasil e no mundo. Desde esse período, diversos profissionais foram lançados ao mercado, muitos deles, hoje ocupam posições de destaque dentro de um processo natural de renovação da crônica esportiva no estado, transição que também está diretamente ligada às mu-

danças tecnológicas da última década, estas, responsáveis por um novo modo de se produzir conteúdo jornalístico, especialmente no campo dos esportes.

Além da disciplina, nesse período, a produção acadêmica focada no Jornalismo Esportivo também obteve ganhos quantitativos e qualitativos com uma série de estudantes desenvolvendo trabalhos voltados para a temática. Além disso, uma das extensões da

disciplina, é o projeto "Críticas de Esportes no Jornalismo Esportivo" que já foi responsável por experiências importantes como a transmissão do Campeonato Brasileiro da Série C na Paraíba. Sobre o aniversário desse marco para o Jornalismo na Paraíba, o Jornal A União entrevistou o professor Edônio Alves em um bate-papo que trouxe reflexões sobre os caminhos para a cobertura esportiva no Estado e o novo perfil profissional dos jorna-

listas esportivos. Além de um diálogo sobre as percepções de um dos mercados que mais crescem no mundo, o do entretenimento através dos esportes, especialmente o futebol e quais os caminhos existentes, nesse sentido, para o jornalismo esportivo paraibano. Mesmo com a pandemia, as aulas seguem acontecendo por meio remoto e até lives têm acontecido com a participação de personalidades do meio esportivo paraibano.

A ENTREVISTA



Edônio Alves, professor do Departamento de Jornalismo

Como surgiu a proposta para a criação da disciplina? Havia uma demanda por parte dos estudantes ou era uma carência da própria grade curricular da graduação em Jornalismo da UFPB?

A criação da disciplina de Jornalismo Esportivo teve a ver com duas questões. A primeira era uma demanda de alunos que, naquela época, já achavam que deveria haver algo na grade curricular que tratasse de jornalismo esportivo dentro do âmbito dos jornalismo especializados. Observando isso e em conversas com alunos surgiu essa ideia. O segundo fator foi a conclusão do meu doutorado, onde estudei a presença do futebol na literatura brasileira. Quando retornei do doutorado para a sala de aula e munido dos conhecimentos suficientes para montar essa disciplina, achei por bem propor na grade curricular do curso a possibilidade de criar um conteúdo especializado na área de esportes. Passados dez anos, acredito que avançamos muito, inclusive com uma migração importante dessa produção para o Mestrado Profissional de Jornalismo. Agora a luta é para tornar a cadeira um conteúdo obrigatório dentro do currículo da graduação.

Qual a importância de haver uma especialização no jornalismo esportivo já desde a graduação?

O jornalismo esportivo é uma área que

no Brasil e no mundo, cada vez mais, está crescendo. Com o negócio do esporte se expandindo em grande escala, surge um mercado amplo para se trabalhar. O esporte é um dos segmentos que mais está evoluindo entre os conteúdos de entretenimento e lazer, assim como dentro da cadeia econômica relacionada aos meios de comunicação de massa que está vinculada à lógica do capitalismo global. Na Paraíba, o esporte, especialmente o futebol, já possui um certo grau de maturidade enquanto negócio e, diante disso, é importante o curso de jornalismo começar a preparar os alunos para trabalhar nessa área, assim como devemos ter em áreas como a política e a cultura. Nesse cenário, o curso de jornalismo não ter uma disciplina que trate de uma área em pleno desenvolvimento seria contraproducente, pois a universidade precisa proporcionar respostas às necessidades da sociedade.

Nesses 10 anos, a partir da criação da disciplina, o que mudou no jornalismo esportivo da Paraíba?

Como trata-se de uma experiência de 10 anos, onde já formamos um contingente de alunos que estão trabalhando no mercado profissional de jornalismo, é óbvio que isso vai redundar em impactos no mercado de trabalho em esporte. Eu percebo que, por conta dessa especialização, os alunos levam da disciplina para o mercado, hoje nós temos uma prática em jornalismo esportivo muito melhor do que o que tínhamos anteriormente. Isso você percebe pela forma na abordagem do esporte, pelas pautas que surgem, textos melhores, uma maior pesquisa e aprofundamento sobre o esporte e suas ligações com o mundo social. Essas questões são norteadas por um entendimento de que o esporte não se trata apenas de um jogo, mas sim de um fenômeno que está imbricado com outros

aspectos da vida. Essa visão abre um campo amplo de abordagem, por exemplo, das relações do esporte com a política, a economia, com as desigualdades sociais, ou seja, eu avalio que a prática do jornalismo esportivo na Paraíba tem melhorado bastante e entendo que a disciplina na graduação da UFPB tem contribuído muito para essa mudança positiva e que isso deve se tornar uma tendência daqui para frente em todos os meios e mídias.

Nesse período, houve uma série de modificações na maneira de se produzir jornalismo. Como a disciplina foi moldada tendo em vista essas alterações? O jornalismo esportivo conseguiu acompanhar essas mudanças na Paraíba?

Quando criamos a disciplina, estávamos ainda no começo do que hoje é o jornalismo multiplataforma, onde há o cruzamento de mídias e a possibilidade do jornalista atuar

em vários meios ao mesmo tempo dentro desse conceito que chamamos de produção de conteúdo. Evidentemente que, nesse período de 10 anos, a disciplina foi sendo adaptada dentro desse contexto de modificações que seguem acontecendo no jornalismo, seja do ponto de vista da prática ou da perspectiva teórica. Assim, a disciplina tenta acompanhar essas mudanças e dar uma formação mínima, já que temos uma carga horária pequena, pois trata-se ainda de uma disciplina optativa, mas que traz um conteúdo que vislumbra a discussão para a criação de conteúdos em várias mídias e a abordagem multiplataforma. Diante disso, hoje ela se enquadra dentro das exigências desse novo perfil de jornalismo. É óbvio que ela sozinha não dá conta de todas as necessidades do jornalismo esportivo, mas sem dúvida alguma é um pontapé inicial para quem deseja trabalhar nesse mercado em expansão.



Um bom contingente de alunos está sendo preparado na UFPB para o mercado do jornalismo esportivo que já tem vários formandos em atuação

Mangues são berçário e abrigo natural da vida

Ecosistema é área de reprodução de várias espécies, servindo ainda como estabilizador climático do planeta

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Desde que nasceu, há 53 anos, a professora Tereza Cristina Araújo de Oliveira esteve em contato com o mangue, ecossistema costeiro pertencente ao bioma da Mata Atlântica que tem, inclusive, uma data no calendário mundial alertando sobre a importância de sua preservação. Em 26 de julho é celebrado o Dia Internacional para Conservação do Manguezal. Fonte de alimento, essas formações florestais atuam como filtro natural para águas (despoluição), sendo consideradas por especialistas como o berçário de muitas espécies.

É nesse ambiente que Tereza Cristina vive desde criança. Ela foi criada na cidade de Bayeux, nas proximidades de um mangue. "Tenho boas lembranças da infância. Das histórias fantásticas dos pescadores", conta. O tempo passou e hoje, aos 53 anos, ela mora há mais de 10 anos numa comunidade tradicional, em Jacarapé, João Pessoa.

Do quintal da casa de Tereza Cristina, já se avista a ve-

getação desse ambiente úmido, típico do encontro entre o rio e o mar. Na comunidade, a professora tornou-se presidente da Associação de Sustentabilidade dos Pescadores, Ambientalistas e Moradores da Praia de Jacarapé, a Aspanja. O objetivo é estimular a consciência e a educação ambiental dos moradores e visitantes, já que a comunidade está ligada a uma Área de Pro-

Desmatamento, ocupação irregular e deposição de resíduos sólidos são as maiores causas da degradação dos manguezais

teção Ambiental (Apa).

Segundo ela, apesar de o local ser preservado, de a comunidade respeitar o mangue e a natureza em geral, são perceptíveis as mudanças no manguezal. "Estou aqui há 11 anos. Somos uma espécie de fiscal ambiental. Mas percebemos degradação no mangue por uma questão global. Por

exemplo, o lixo trazido de longe pelo rio Cuiá tem efeito imediato no mangue", relata.

A oferta de peixes e outros alimentos retirados da água também não é a mesma se comparada ao passado. Na Apa, a orientação é para que não ocorra a pesca no manguezal. "Mas, percebemos na fala dos meus pais, dos antigos pescadores, que o mangue muda. Antes, tinha muito goiamum, muito peixe que hoje não tem, o aratu. Então, havia esses animais em abundância e, agora, é diferente devido à degradação, à poluição", declarou.

A poluição é uma das formas de degradar os mangues. De acordo com o engenheiro florestal Yuri Rommel Vieira Araújo, diretor de Estudo e Pesquisas Ambientais da Secretaria do Meio Ambiente de João Pessoa (Semam), entre os problemas encontrados nesses ambientes estão o desmatamento para ocupação irregular, que inclui aterramento do local; a deposição de resíduos sólidos, tanto doméstico quanto da construção civil; o lançamento de efluentes das residências; além da instalação ilegal de moradias.

Fiscalização e conscientização

Segundo o diretor da Diep, a equipe de Fiscalização Ambiental da Semam realiza um trabalho de monitoramento dos mangues na capital. Periodicamente, são feitas ações como vistorias nas áreas protegidas, inclusive com uso de drone, e atendimento às denúncias realizadas pela população. Os contatos para denunciar são: 0800 281-9208 e o emergência.semam@hotmail.com. A Diep ainda faz o diagnóstico das nascentes e corpos hídricos.

"A secretaria também atua diretamente com educação ambiental da população, principalmente, nas escolas municipais, onde temos um programa chamado Escola Semente", completou Yuri.

Valor social

Apesar de em algumas áreas protegidas não ser possível pescar nem catar caranguejos nos mangues, em alguns manguezais do Estado, essas formações florestais também são vistas como importantes fontes de alimento e renda

para a população. A coordenadora de Estudos Ambientais da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Maria Christina Vasconcelos, diz que a captura de animais para comercialização e consumo permitiu, ao longo dos anos, a sobrevivência de inúmeras comunidades tradicionais na zona costeira. "Isso possibilitou a manutenção da tradição e cultura características dessas regiões", explica.

Saiba mais

O engenheiro florestal Yuri Rommel Vieira Araújo, diretor da Diep, afirmou que João Pessoa apresenta 1.060,25 hectares de manguezais, distribuídos em oito áreas, onde as mais representativas em extensão estão localizadas na foz no Rio Gramame e no Rio Sanhauá, mas também podem ser encontradas na foz dos demais rios existentes no município. Os dados são do Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica de João Pessoa.

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

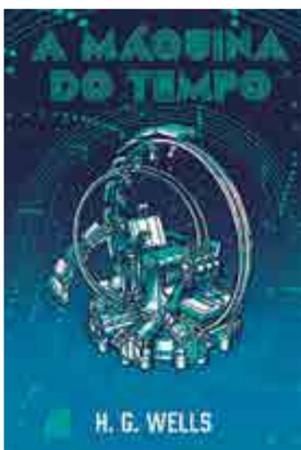
Até o ano de 802701

Nada afasta-me da lembrança da tarde em que olhei para o céu e vi uma nuvem formando traços de familiares rostos sobrepostos.

Vivos e mortos sucediam-se numa confraternização de hologramas projetados por minha mente. Há vivos agonizantes e mortos ressuscitados, consolidando um mistério que a raça humana atual não conseguirá resolver. Precisaríamos da concretização de um mito semelhante à fonte da juventude: a máquina do tempo.

Entusiasmo foi algo nascido em mim quando, adolescente, vi "A máquina do tempo", primeira adaptação cinematográfica da obra de H. G. Wells, dirigida por George Pal. Lembro que a crítica gostou muito, pois li um artigo de Linduarte Noronha sobre o filme.

Não conheço a segunda adaptação, reali-



zada por Gore Verbinski e Simon Wells. Dizem ser bem inferior à primeira. Acho que a avaliação crítica é muito mais para Bráulio Tavares, cinéfilo especialista em ficção científica.

O intenso desejo do homem viajar através do tempo não nasceu com o livro de Wells. Já existia há séculos. Quem acredita que a Atlântida existiu, supõe que os sobreviventes do continente submerso cuidaram de transmitir a idéia para a humanidade. Afinal, sonhar é permitido. Inclua-se o sonho de que nada é proibido.

Numa inversão do que normalmente ocorre, o filme de George Pal é que me levou ao livro de Wells. Nele, o personagem que não tem nome - é conhecido como "o viajante do tempo" - concretiza, a partir de conceitos bem elaborados na Matemática, uma máquina capaz de viajar pela Quarta Dimensão. Com ela, vai até o ano de 802701.

Este texto, no entanto, não propõe-se a resumir a história elaborada por Wells. É apenas o resgate de uma memória pessoal relativa aos instantes em que meus olhos passearam pelo céu. Outros olharam e viram coisas diferentes - algumas, bem mais significativas.

"O país que pude, que me deram e ao que me dei"

Não exatamente um cidadão a fazer permanentemente da atividade a essência da realidade. Não tem esse perfil. Sindicalista? Nem pensar. Religioso? Não gosta de cumprir deveres escrupulosamente. Democrata? Sempre disse que os poderes equivalem-se em qualquer dos regimes. Que cidadão é esse?

Habitante num bairro de classe média, gosta de responder com outra pergunta: que país é esse? Ressurge a voz de Renato Russo: "No Amazonas, no Araguaia, na Baixada Fluminense, no Mato Grosso, nas Gerais e no Nordeste, tudo em paz. Na morte eu descanso, mas o sangue anda solto, manchando os papéis, documentos fiéis ao descanso do patrão..."

Será preciso ler "Em berço esplêndido", de Meira Penna, para compreendermos não somente Renato Russo, mas também Antônio Conselheiro, Glauber Rocha, Darcy Ribeiro, Oswald de Andrade, Cazuza e Tiradentes? Entender os desafios, mistérios e enigmas de uma terra caoticamente colonizada, para que escapemos de um futuro desagradável? O cidadão que conheço - pessoa anônima -, que não é ativista, sindicalista, religioso e democrata, disse que "ninguém escapa aquilo que não é a sua essência".

Ele afirmou não ter destino ditado pelos versos de Afonso Romano de Sant'Anna: "Este é o país que pude, que me deram e ao que me dei, e é possível que por ele, imerecido, - ainda morrerá".

A trovoad

Raramente precisei de médiuns, padres, psicanalistas e pastores.

O trecho que mais gosto na Bíblia é o que aconselha ao cristão entrar no quarto e fechar a porta para rezar. Quem tem fé, assim o faz. Quem "fala" com Deus não precisa recorrer a intermediários. Esse diálogo silêncio so, telepático, dispensa agentes, atravessadores.

O primeiro sinal da ausência de fé é a falta de coragem em ficar só. É ter de apelar a outra pessoa para tentar chegar a Deus Pai-Mãe. Não chegará e, entre paredes de ilusões, a realidade da queda vai superar a miragem da ascensão.

O dia em que comecei a me sentir livre da "certeza" dos que me traduziam como "pecador" foi belo. Era noite

de chuva torrencial, com relâmpagos cruzando o céu. Senti ser a hora. Corri por entre árvores até o meio de uma praça, onde pude olhar para o céu que me molhava e, no momento de um trovão mais forte, gritei: "Deus, sei que me escutas e tens o poder de me matar com um raio, mas não o farás, porque de ti não tenho medo, pois sou tua imagem e semelhança".

Logo a seguir, a chuva demonstrou amor em me molhar, o corpo que uso sentia que não ficaria doente e éramos cúmplices: eu e os relâmpagos. A trovoad era uma sinfonia, a perfeita consonância. Me senti senhor de absolutamente tudo dentro de mim, apesar da relatividade ao redor, incluindo dois amigos, abrigados a cerca de cem metros e perplexos pelo que achavam ser loucura. Na verdade, tinha recuperado a minha inteireza.

Brasil possui a maior faixa de manguezal do planeta

Na Paraíba, são quase cem quilômetros quadrados de mangue, em pontos de transição entre rio e mar

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) informou que não há uma delimitação exata, nem número certo de mangues na Paraíba. Porém, considerando o que diz o Atlas dos Manguezais do Brasil, publicado pelo Ministério do Meio Ambiente em 2018, mangues “são áreas que podem estar associadas a corpos de água estuarina ou diretamente às águas costeiras, de frente para o mar”.

Partindo deste princípio, estima-se que exista uma área de 96 quilômetros quadrados de mangues presentes em áreas abrigadas do litoral tropical, no ponto de contato entre o continente e o mar, no Estado da Paraíba. Assim, é possível associar os mangues às regiões estuarinas (ambientes aquáticos de transição entre o rio e o mar), destacando a foz dos maiores corpos hídricos que há no litoral paraibano, como a do Rio Mamanguape, Rio Camaratuba, Rio Paraíba e Rio Gramame, onde, conseqüentemente, são encontradas grandes extensões de mangue.

Há também rios menos caudalosos que formam manguezais em seu deságue no mar, com áreas de mangue menores, mas, não por isso, menos importantes para o ecossistema, dentre os quais podem ser citados a foz do Rio Jaguaribe, do Rio Cabelo, Rio Cuiá, Rio Gurugy, Rio Garaú e Rio Jacarapé.

Vastidão

No Brasil, há presença desse ecossistema em toda a costa litorânea (de Norte a Sul), sendo o país que possui a maior faixa de manguezal do planeta. São aproximadamente 20 mil quilômetros quadrados de extensão.

Ameaças

A constante urbaniza-

ção nas áreas costeiras, a má administração dos resíduos sólidos, o lançamento de esgotos sem tratamento nos rios são alguns dos problemas registrados nos manguezais, citadas pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema). De acordo com Maria Christina Vasconcelos, coordenadora de Estudos Ambientais do órgão, essas ações antrópicas (causadas pelo homem) atuam na poluição e destruição dos mangues.

Ela afirma que a literatura mostra uma redução, em área, de 10% dos manguezais na Paraíba, quando se compara a década de 90 aos dias atuais. A ação do homem gera prejuízos que impactam nas funções que os manguezais exercem na natureza. “Fragilizando o ambiente e proporcionando a mortandade de espécies, o que reflete também na economia e na vida social de toda a população que mora no entorno desses espaços”, frisou Christina Vasconcelos.

O coordenador de Medidas Ambientais da Sudema, João Carlos de Miranda, destaca que os mangues que apresentam piores condições no Estado, devido à poluição e degradação em geral, estão na desembocadura do Rio Mandacaru. “Ele e o Rio Jaguaribe recebem muito esgoto, porque cruzam muitas áreas onde não existem saneamento. Esses rios, quando chegam ao estuário, degradam esse trecho”.

Além de acompanhar a balneabilidade dos corpos hídricos, a Sudema realiza fiscalização ambiental, atividades educativas e um trabalho conjunto para a efetivação e gestão socioambiental das Unidades de Conservação. Os números para denúncia são 3218.5591 (Divisão de Fiscalização) e o 9 8844.2191 (Plantão Sudema – funciona 24h).

+ Fundamental para equilíbrio da natureza

A bióloga e pesquisadora Karina Massei afirma que a estimativa é de que pelo menos três quartos das espécies da biodiversidade marinha, incluindo os peixes marinhos de interesse comercial, dependam dos manguezais para se desenvolverem. Isso é apenas uma amostra da relevância dessas formações florestais para a natureza.

“Ou seja, este ecossistema garante a integridade da faixa costeira e dos próprios oceanos, amplia a resiliência dos ecossistemas, das comunidades e da própria atividade econômica costeira”. A bióloga alerta que o poder público precisa conscientizar e capacitar as comunidades quanto à exploração e implementação de alternativas de geração de renda sustentáveis, bem como a participação no gerenciamento e no manejo de recursos. “Mesmo que não seja possível a exploração dos recursos naturais, que estabeleçam políticas públicas como alternativas para as comunidades que se encontram instaladas nessas áreas”.

A bióloga, pesquisadora e professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Maria Cristina

Crispim, explica que quando um mangue entra em degradação, muitas espécies podem ter redução na população ou mesmo desaparecer. Entre os impactos também está a queda de oxigênio nesse ambiente, o que afasta a entrada de vários animais marinhos nos mangues/estuário para reprodução.

Ela também destaca a necessidade de se manter a saúde dos mangues, no sentido de corrigir os erros, minimizando, por exemplo, a poluição. “Principalmente a provocada por falta de tratamento adequado de esgoto, porque é de baixo custo para implantação. Isso poderia ocorrer com o incentivo à construção de fossas ecológicas”, sugeriu.

Ao avaliar a situação dos mangues na Paraíba, o geógrafo e professor da UFPB, Pedro Costa Guedes Vianna, afirma que é preciso uma maior atenção das autoridades. Para ele, também é preocupante o desconhecimento por parte da população sobre o valor ambiental dos manguezais. “Diagnósticos seriam bem-vindos, mas do jeito em que estão as políticas ambientais no Brasil, isso está fora de questão”, enfocou.

Foto: Pixabay



Além de permitir o equilíbrio ambiental, os mangues são ainda fonte de renda e de manutenção das tradições culturais das comunidades

OS MANGUEZAIS DESEMPENHAM INÚMERAS FUNÇÕES NA NATUREZA E NA SOCIEDADE. VEJA ALGUMAS DELAS CITADAS PELA SUDEMA

- Proteção da linha costeira;
- Funcionamento como barreira mecânica à ação erosiva das ondas e marés;
- Retenção de sedimentos carregados pelos rios, constituindo-se em uma área de deposição natural;
- Ação depuradora, funcionando como um verdadeiro filtro biológico natural da matéria orgânica e área de retenção de metais pesados;
- Área de concentração de nutrientes;
- Área de reprodução, de abrigo e de alimentação de inúmeras espécies;
- Área de renovação da biomassa costeira;
- Estabilizador climático;
- Fonte de alimentos ao homem como moluscos, crustáceos e peixes.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Governador do Estado vai morar em Itabaiana

Acredita não? Então leia o Diário do Estado: “Hoje a grande cidade do interior, talvez a única do Estado que apresenta o aspecto de meio civilizada, está quase toda calçada e arborizada, tem abastecimento de água, serviço de remoção de lixo e outros próprios das cidades onde o bom gosto e a honestidade predominaram”.

Esse Diário é de 1916, uma quarta-feira, 17 de maio. Quem colheu essa pérola foi Romualdo Palhano e publicou em seu livro “O Teatro na terra de Zé da Luz - Da União Dramática ao GETI”, obra lançada no início de 2011. Deixo com vocês o trecho em que Romualdo fala desse fato marcante do tempo em que éramos risonhos e francos, radiosos e otimistas, exultantes como moradores de uma cidade bonita, rica e culta.

“Nesse período a cidade de Itabaiana passou a ser notícia de jornal por sua beleza, economia, seus jardins, entre outros fatores. Com sua estação triangular, com a indústria mais famosa do Estado e

com o melhor Jardim Público da região, foi nessa época que a cidade chamou a atenção de alguns governantes. É nessa fase áurea que o Vice Presidente passa um período residindo na cidade, na Praça do Coreto. Oportunamente, o Presidente do Estado, Sr. Antonio Pessoa, encantado com o desenvolvimento e a beleza da cidade, também resolve usufruir da qualidade de vida que oferecia aquele município. Isto fica claro no “Jornal Diário do Estado, ano II, número 381:

“O Presidente do Estado vai morar em Itabayanna defronte de um jardim aberto em praça arborizada e cuidada, como na capital não se faz, embora hoje o jardim esteja desfalcado de suas muitas roseiras e ornamentação de vistosas folhagens, mas em todo caso é um jardim.”

O famoso Coreto de Itabaiana ainda resiste até os dias de hoje. Em Itabaiana o Conselho Municipal funcionava no antigo prédio do “Paço Municipal”, ainda hoje existente naquela cidade. Atualmente, funciona a Câmara Municipal de

Itabaiana - Casa Dr. Antonio Batista Santiago.”

E por aí vai o livro de Romualdo Palhano, uma obra que enleva qualquer itabaianense. Depois ele fala da nossa cultura, dos artistas de teatro e do movimento artístico, até chegar ao Grupo Experimental de Teatro de Itabaiana, conjunto que merece longo exame, incluindo espetáculos montados e episódios vivenciados nos mais de quarenta anos de atuação dos amadores. O texto ainda oferece elementos para o debate sobre nossa involução.

Sobre este grupo teatral que fundei em Itabaiana em 1976, estamos produzindo o documentário “A lista de Irene”, com roteiro de Fábio Mozart e direção de Marcos Veloso. O documentário fala da geração dos anos 70 na cidade de Itabaiana, com foco no Grupo Experimental de Teatro, reunindo depoimentos de membros do coletivo dramático. “O filme quer preservar a memória cultural de Itabaiana, através do relato desse grupo

teatral que fez história na terra de Vladimir Carvalho”, disse Marcos Veloso.

A obra tem como ponto de partida a caderneta de anotações de Irene Marinho Jerônimo, professora que exercia a função de secretária do grupo teatral, remetendo ao título do filme norte-americano “A lista de Schneider”. A atriz Palmira Palhano produziu sua dissertação de mestrado tendo como sustentação sua experiência como atriz no Grupo Experimental de Teatro de Itabaiana.

Este livro de Romualdo Palhano cumpre um papel importante, que é o de registrar nossa história recente de forma objetiva. A construção narrativa sobre o passado itabaianense é mais uma grande contribuição desse itabaianense/potiguar à cultura paraibana, que sabe combinar as peculiaridades da pesquisa universitária com a reflexão e as confidências de um artista que foi nosso munícipe por muitos anos e aqui deu início à sua trajetória vitoriosa no mundo da cultura e das artes.

Aterrorizados pelo bullying, jovens desistem dos estudos

Vítimas sofrem humilhações por causa da aparência ou da condição social e terminam abandonando sonhos no caminho

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

O bullying sofrido por Willton Nicklas quando estava na sétima série do Ensino Fundamental fez com que ele perdesse a vontade de ir à escola. A cor da sua pele, a sua classe social e o seu peso fizeram com que o adolescente, à época com seus 15 anos de idade, fosse humilhado pelos colegas de turma, em uma escola particular de Cabedelo, região Metropolitana de João Pessoa. Mesmo contra a vontade de seus pais e com medo de decepcioná-los, ele desistiu de estudar.

Willton, hoje com 35 anos de idade, não foi o único a passar por isso. Dos 50 milhões de jovens no Brasil, entre 14 e 29 anos, aproximadamente 20,2% não completaram alguma das etapas da Educação Básica. A grande maioria eram pretos ou pardos, cerca de 71,7%. Os dados, divulgados na última quarta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, também apontam que os principais motivos que levaram os jovens a desistir são a necessidade de traba-

lhar, a falta de interesse ou uma gravidez.

Na região Nordeste, a necessidade de trabalhar foi o principal motivo apontado pelos jovens, com 34,1%; logo em seguida, vem a falta de interesse em estudar, com 31,5%. Mas que motivos levam o jovem a não ter interesse em estudar? No caso de Willton, o medo, a tristeza e a vergonha dos colegas. Apesar de não mencionado na pesquisa, fatores como bullying, depressão e abuso sexual, por exemplo, também podem afetar o desempenho dos estudantes.

Willton lembra que, com as ofensas que recebia, passou a mentir aos pais sobre as idas ao colégio. "Eu era negro, pobre e gordo, sofria vários tipos de bullying, me chamavam de fedorento, todos essas ofensas. Daí, eu perdi o interesse, eu senti vergonha, tristeza. Minha mãe me dava o dinheiro do lanche, mas eu pegava o dinheiro para pegar o trem, ia para João Pessoa e ficava andando até a hora de voltar para casa".

Hoje, o "multiuso", como ele gosta de se definir para falar com o que trabalha, corre atrás do tempo perdido. Em 2018, voltou a estudar através do programa de Educação de Jovens e Adultos e pretende terminar o Ensino Médio no próximo ano. Seu maior objetivo é ter a carteira assinada. "Eu tive que voltar a estudar porque precisava de um emprego melhor. Apesar da minha idade, eu nunca assinei uma carteira, a maioria dos meus trabalhos é com contrato e eu preciso de um emprego fixo".

///Eu era negro, pobre e gordo, sofria vários tipos de bullying, me chamavam de fedorento, todos essas ofensas. Daí, eu perdi o interesse, eu senti vergonha, tristeza///

///Os jovens que desistem da escolarização pela falta de interesse perderam o gosto pela própria aprendizagem, e a sociedade aborda isso como algo normal///

Na opinião da psicopedagoga Thays Rodrigues, o ambiente escolar precisa ser um local de segurança para que o aluno consiga permanecer. "O bullying se enquadra dentro dos diversos tipos de violência dentro da escola. O medo é quem assume o controle e isso faz com que as crianças e adolescentes sofram uma queda no desempenho escolar, que leva à evasão e outras consequências de saúde mental, que vão prejudicar a aprendizagem desses indivíduos, independentemente da escola que frequentam".

De acordo com a psicopedagoga, transformar o ambiente escolar em um espaço mais atrativo é essencial para transformar essa realidade. "Os jovens que desistem da escolarização pela falta de interesse perderam o gosto pela própria aprendizagem, e a sociedade aborda isso como algo normal, na verdade, deveríamos transformar a escola num espaço de aprendizagem onde as crianças e adolescentes sintam o desejo da permanência; e isso realmente é algo que exige muito esforço público. O foco da escola precisa ser a aprendizagem



Willton Nicklas desistiu da escola na sétima série do Ensino Fundamental, aos 15 anos de idade, por conta do bullying

e os sujeitos que aprendem".

A desigualdade social também é apontada pela especialista como um dos principais fatores que levam à evasão escolar. "A maioria das pessoas que desistem de estudar estão às margens da sociedade. Os jovens que, em geral, apontam a necessidade do trabalho convivem com famílias grandes e precisam ajudar os pais com o sustento da

casa. A gravidez também pode ser vista por esse lado da desigualdade social e da falta de informação e orientação que, em geral, não é ofertada pelas famílias ou escolas".

Além dos motivos mais comuns, como drogas e gravidez, a depressão, problemas familiares e abuso sexual, mesmo ainda sendo assuntos pouco falados, são uma realidade. "Um adolescente jamais

conseguiria se concentrar nas aulas se, quando ele saiu de casa, deixou os pais com fome, sob efeitos de alucinógenos ou mesmo com depressão, e muitas vezes esses jovens têm irmãos menores que ficam sob os cuidados dessas pessoas. Todas essas situações levam a um ponto em que a decisão precisa ser deixar a escola para se dedicar aos cuidados da família".

Realidade da Paraíba não difere do restante do Brasil

De acordo com o professor de Português da rede pública e privada e presidente do Conselho de Educação de Cabedelo, João Condado, a realidade da Paraíba não difere da do restante do Brasil. Além da situação econômica, a falta de atratividade das escolas contribui para esse resultado. "O que leva o jovem realmente a abandonar a escola é que ela ficou em

um patamar de 1800, com os jesuítas, e os jovens estão bem à frente, na era tecnológica. Essa diferença da escola tradicionalista desmotiva o jovem e o leva a deixar a escola".

Além disso, uma forte realidade no Estado tem sido o envolvimento dos jovens com as drogas e o crime. Condados conta que, diariamente, precisa lidar com situações

como alunos mortos ou presos. "A faixa etária que deveria estar na escola acaba se envolvendo com drogas ilícitas, porque na comunidade em que eles moram é como um 'status' para eles, então, muitos jovens acabam se envolvendo. Alguns foram mortos na hora em que foram assaltados e eles relatam isso de forma bem natural. Porque talvez eles confiem em mim, então, começam a relatar alguns fatos que são muito chocantes para um educador, para um pai", narra Condado.

O professor conta que em uma sala com 30 alunos, por exemplo, ao fim do ano, restam entre sete ou oito. A gravidez na adolescência também é um dos fatores importantes e até naturalizados nas escolas. "O índice de jovens entre 13 e 14 anos que engravidam é muito grande. Só no ano passado, em uma escola que eu trabalho, em João Pessoa, das três turmas em que eu ensino, em duas delas apareceram meninas grávidas. A questão da iniciação sexual tão cedo, na escola pública, principalmente, é porque não tem essa educação sexual. Essas meninas deixam a escola para cuidar

da criança ou simplesmente por questão de vergonha dos amigos. Embora essa vergonha esteja sendo até ultrapassada, porque quando elas contam na sala é como se fosse algo positivo para elas.

Analfabetismo na PB

Uma das consequências da evasão escolar é a baixa escolaridade ou até mesmo o analfabetismo. A taxa de analfabetismo entre as pessoas de 15 anos ou mais de idade em 2019, na Paraíba (16,1%), foi a 2ª maior do Brasil, de acordo com o IBGE, ficando atrás apenas de Alagoas, que atingiu o percentual de 17,1%. Em comparação com 2016, quando a taxa também era de 16,1%, esse indicador permaneceu estável.

No ano pesquisado, havia cerca de 508 mil pessoas analfabetas no Estado, com uma taxa maior entre homens, de 19%, enquanto no grupo feminino essa proporção era de 13,5%. A pesquisa indicou ainda que a taxa de analfabetismo era maior entre pessoas pretas e pardas (18%), do que entre brancas (12,2%).

Na opinião da educadora Edileuza Araújo Mon-

teiro, que trabalha com alunos do Ensino Infantil ao Fundamental I, o principal motivo que faz com que as crianças não sejam alfabetizadas é a falta de incentivo dos pais, principalmente em pessoas de baixa renda.

"Na escola onde sou supervisora, por exemplo, algumas famílias moram em barracos, então eles residem por pouco tempo e sempre se mudam. Quando se ausentam a gente tenta ligar para os números que eles nos deixam, mas eles mudam o nú-

mero ou fica inexistente".

Ela comentou ainda que as drogas e a prostituição dos pais, por exemplo, são problemas familiares enfrentados por seus alunos. "O problema são os pais que geralmente não incentivam. Os nosso filhos a gente consegue proteger, eles tem hora para dormir, para estudar, mas muitas dessas crianças não têm, ficam vulneráveis a qualquer situação. Por isso acontece a assistência, o abandono, mas por conta da falta da estrutura familiar".



Edileuza Monteiro diz que falta de incentivo dos pais prejudica alfabetização

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
EMLUR - AUTARQUIA ESPECIAL MUNICIPAL DE LIMPEZA URBANA

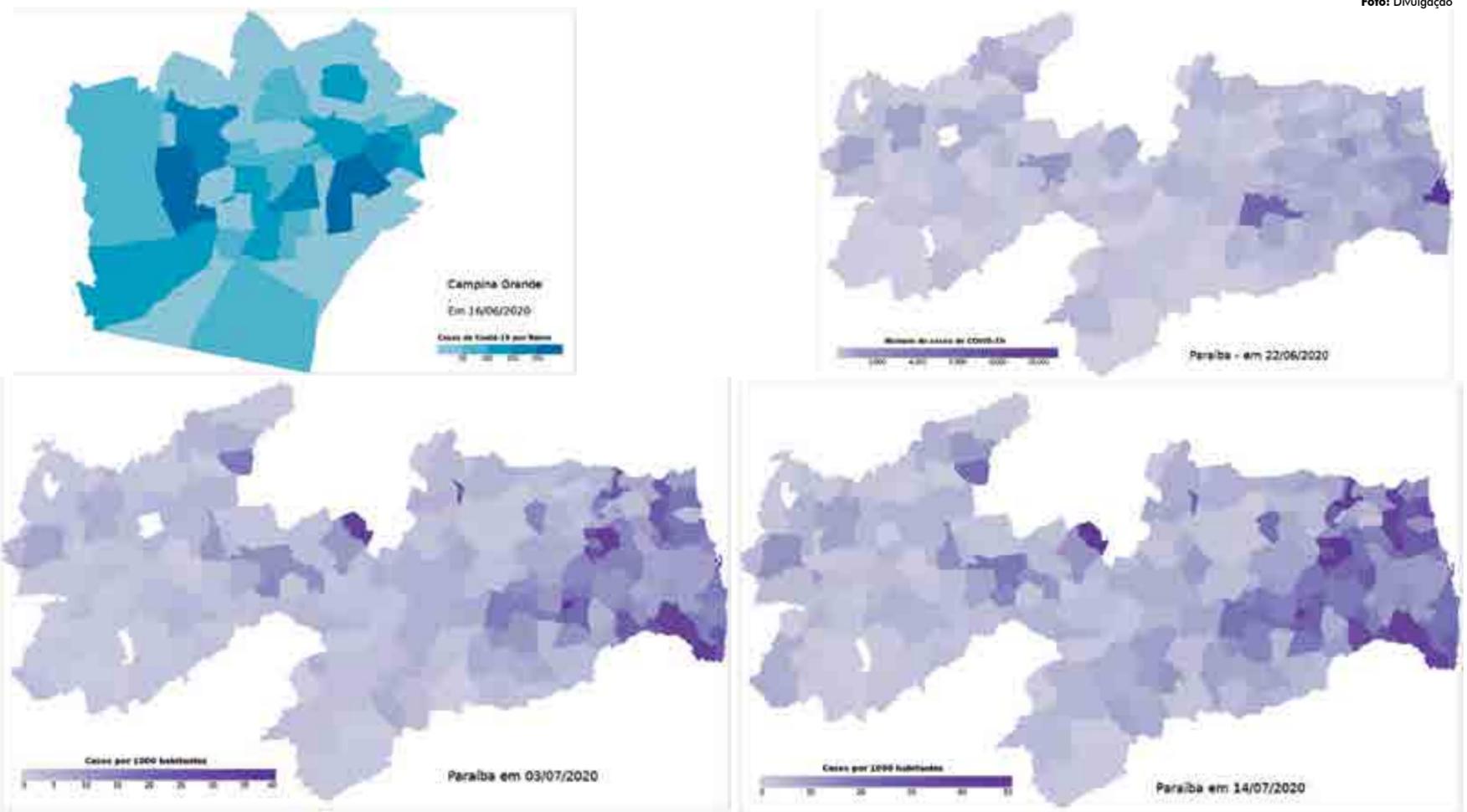
TERMO DE ADJUDICAÇÃO E HOMOLOGAÇÃO

CONCORRÊNCIA PÚBLICA 00001/2019 PROCESSO ADMINISTRATIVO Nº 2017/00656
OBJETO: CONTRATAÇÃO DE EMPRESAS DE ENGENHARIA, ESPECIALIZADAS NA ÁREA DE LIMPEZA URBANA E MANEJO DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS PARA A EXECUÇÃO DE LIMPEZA EM VIAS E LOGRADOUROS PÚBLICOS DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA/PB.

Com base nas informações constantes no referido processo e em cumprimento aos termos do artigo 43, inciso VI, da Lei nº 8.666/93 e alterações posteriores, conheço os autos do processo, acolho parecer da Assessoria Jurídica, e em razão de haver recursos ADJUDICADO e HOMOLOGADO a presente licitação que tem por objeto o CONTRATAÇÃO DE EMPRESAS DE ENGENHARIA, ESPECIALIZADAS NA ÁREA DE LIMPEZA URBANA E MANEJO DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS PARA A EXECUÇÃO DE LIMPEZA EM VIAS E LOGRADOUROS PÚBLICOS DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA/PB, ora licitado em favor das empresas: BETA AMBIENTAL LTDA, CNPJ: 24.303.231/0001-32 restou declarada como vencedora para o lote I, pelo valor total de R\$ 115.979.770,08 (cento e quinze milhões novecentos e setenta e nove mil setecentos e setenta e oito centavos); LIMPEBRAS ENGENHARIA AMBIENTAL LTDA, CNPJ: 00.609.820/0001-85 restou declarada como vencedora para o lote II, pelo valor total de R\$ 91.479.922,08 (noventa e um milhões quatrocentos e setenta e nove mil novecentos e vinte e dois reais e oito centavos); LIMPMAX CONSTRUÇÕES E SERVIÇOS EIRELI, CNPJ: 10.557.524/0001-31 restou declarada como vencedora para o lote III, pelo valor total de R\$ 88.159.743,36 (oitenta e oito milhões cento e cinquenta e nove mil setecentos e quarenta e três reais e trinta e seis centavos); totalizando o valor de R\$ 295.619.435,52 (duzentos e noventa e cinco milhões seiscentos e dezenove mil quatrocentos e trinta e cinco reais e cinquenta e dois centavos) pelo prazo de quarenta e oito meses. Em consequência, ficam convocados os adjudicatários para assinatura dos instrumentos contratuais, nos termos do art. 64, caput, da Lei nº. 8.666/93, sob pena de decair o direito à contratação sem prejuízo das sanções previstas no art. 81 desta lei.

João Pessoa, 17 de Julho de 2020.
Lucius Fabiani de Vasconcelos Sousa
Superintendente - EMLUR

Foto: Divulgação



EVOLUÇÃO DA INFECÇÃO POR COVID-19 NA PARAÍBA

Os mapas que ilustram essa matéria demonstram a evolução histórica das infecções por covid-19 na Paraíba de abril a junho. Nota-se claramente que a epidemia não está estabilizada mas se propaga pelo interior. Com acesso a essas informações a população tem subsídios para entender que os cuidados continuam sendo necessários para evitar o aumento do contágio. Municípios pequenos, como Riachão do Bacamarte estava, na semana que passou, com 42 casos por mil habitantes, um número considerado alto, pelos especialistas. Guarabira, que concentra um polo na região do Brejo, estava com 45 casos por mil habitantes.

Multidisciplinaridade fortalece a pesquisa sobre coronavírus

População terá informações geradas por inteligência artificial para predição de casos de covid-19 no Estado

Márcia Dementshuk
Especial para A União



Até o final deste mês de julho pesquisadores da Universidade Federal de Campina Grande vão disponibilizar para a população um site pelo qual os moradores poderão saber a localidade onde poderá ha-

ver um aumento do número de pessoas com a covid-19. Trata-se de um sistema que irá detectar a probabilidade de o contágio aumentar, ou não.

A ferramenta é o resultado da pesquisa “Predição Georreferenciada de Surto de covid-19”, coordenada pelo professor Edmar Candeia Gurjão, que ganhou apoio do Governo do Estado da Paraíba por meio do

edital Covid-19. O edital foi elaborado em conjunto pela Secretaria Executiva da Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba e a Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq).

“Aí está uma resposta emergencial para uma calamidade em saúde que pegou a todos nós de surpresa. O Governo do Estado da Paraíba mobilizou esforços que resultaram em recursos da

ordem de R\$ 1 milhão. Em um segundo momento, a Assembleia Legislativa da Paraíba destinou mais R\$ 1 milhão, proveniente de economias efetivadas na casa legislativa em função do afastamento presencial das atividades, o que possibilitou o financiamento de 18 projetos de pesquisa em covid-19 no nosso Estado”, explicou o presidente da Fapesq, Roberto Germano.

De acordo com o coordenador da pesquisa “Predição Georreferenciada de Surto de covid-19”, Edmar Gurjão, os pesquisadores desenvolvem um “software cujo objetivo é a detecção de surtos de covid-19. Usa dados das secretarias já confirmados e a localização desses casos via CEP. A cidade é dividida em regiões e é possível fazer um acompanhamento contínuo. Detectado um crescimento de

casos, é gerado um alarme, enviado para as autoridades de saúde. No momento, estamos fazendo mapas com a quantidade de casos em todas as cidades da Paraíba e em Campina Grande, essa demonstração é por bairros”.

O sistema pode ser aplicado em qualquer Estado ou município, desde que inseridos os dados, e pode servir para o monitoramento de qualquer doença epidemiológica.

Modelagem matemática vai prever ocorrências

Os pesquisadores trabalham agora na modelagem matemática para fazer a previsão de aumento de casos. Essa modelagem é feita usando inteligência artificial, pela qual o software aprende em cima da base de dados que vai recebendo. É uma função matemática criada para modelar e apresentar resultados de como os casos de covid estão crescendo. Os dados reais são encaixados nessa função; o resultado é uma aprendizagem do programa em cima da base de informação.

Parte desses dados vêm de informações das Secretarias Saúdes. O sistema aprende tendências, que tipo de caso acontece com mais frequência, características, entre outros. Segundo o Diretor de Vigilância em Saúde do Município de Campina Grande, Miguel Rodrigues Albuquerque Dantas, o sistema de informações de síndromes gripais (e-SUS) - que registra não só a covid-19 como também outras doenças - usado pela saúde pública em Campina Grande permite fazer um download das informações

inseridas e gera um boletim epidemiológico em formato de banco de dados, o que vem sendo compartilhado com o projeto de georreferenciamento da UFCG.

“O projeto acadêmico traz propostas diferenciadas, principalmente no sentido de entregar uma ferramenta útil para a população. Pesquisa, ensino e extensão são atividades obrigatórias da universidade que tem que trazer de volta pra sociedade o que produz. Esse projeto é uma contrapartida para a sociedade com um produto baseado em ciência, fatos novos e experiências”, declara Miguel Dantas

Pesquisa

Um dos integrantes do projeto é Thyago Pereira da Silva, estudante de Ciência da Computação da UFCG; quando é reconhecido pela dedicação a este trabalho, ele agradece com a ressalva de que há muitas pessoas envolvidas sem as quais não seria possível avançar no desenvolvimento. “Se por um lado, as aulas presenciais estão interrompidas, por

outro eu estou aprendendo tanto nesses poucos meses no projeto que posso considerar como um curso completo. Eu vejo o quanto a pesquisa se fortalece quando há um grupo de especialistas empregando seus conhecimentos diferentes para um mesmo objetivo. É assim que estamos trabalhando”, salienta Thyago. O projeto conta com a participação de especialistas de diversas áreas, como Exatas, Saúde, Engenharia, Computação, Ciência de Dados, que colaboram para a construção do sistema.

“A sociedade ainda precisa ver que a ciência da computação é uma atividade voltada para os fatos reais, da vida”, continua Thyago Pereira. “Havia a imagem da ficção científica, com equipamentos inacessíveis para meros mortais; mas o que fazemos hoje é real, para as pessoas usarem. Ter acesso a informações sobre a possibilidade de infecções por doenças, por exemplo, vai ajudar na prevenção, pode diminuir casos e proporcionar um ambiente mais seguro para todos”.



Arte: Tonio

Eterno em sons, versos e prosas

Livardo Alves embalou o Brasil em memoráveis carnavais, sendo 'A marcha da cueca' sua música mais famosa

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

"Eu mato, eu mato quem roubou minha cueca pra fazer pano de prato...". Atire a primeira pedra quem nunca ouviu (e cantou) a famosa música carnavalesca 'A marcha da cueca', que desde os anos 1970 embalou muitos carnavais e até hoje faz parte do repertório de quem admira a festa de Momo. O responsável por ela? O paraibano Livardo Alves da Costa, pessoense da gema e assíduo frequentador do Ponto de Cem Réis, no Centro da Capital. Era ali, em encontros ébrios, que ele costumava reunir os amigos, discutindo temas que iam da política

à música. Em vida, compôs mais de 300 músicas.

O escritor e jornalista Gilvan de Brito fazia parte da "equipe" e estava em praticamente todas as "reuniões". A amizade era tamanha que decidiu escrever a biografia do amigo. Livardo morreu em 16 de fevereiro de 2002, aos 66 anos, vítima de um câncer e, como diz o letreiro afixado ao lado de sua estátua de bronze, no Ponto de Cem Réis, partiu deixando um "valioso legado para o povo de sua terra, perpetuado em sons, versos, prosas". O monumento é uma obra do artista J. Maciel e foi inaugurado em 4 de agosto de 2009.

"Trabalhamos juntos, fizemos mais de 50 músicas e ainda tem música inédita que, futuramente, vou gravar. Tomamos muita cerveja lá no Ponto de Cem Réis. Ele trabalhava na Assembleia Legislativa e toda noite a gente se encontrava lá com outros colegas. Falava-se de tudo. Era um grupo de pessoas de alto nível, muito refinadas.

Segundo o escritor, os encontros eram sempre uma terapia. "Discutíamos muito os assuntos da política, durante a ditadura. Depois fomos para a Torre (bairro de João Pessoa), onde morávamos, filosofando sobre a vida e morte", lembrou Gilvan, que definiu Livardo como um homem muito inteligente. "Ele tinha muitas ideias, era muito desprendido", constatou.

O trabalho mais conhecido foi mesmo 'A marcha da cueca' e, pela repercussão que alcançou, a autoria acabou se tornando alvo de uma disputa. E Livardo teve que brigar, assistido por um advogado, reivindicando seu nome como compositor. "A música era um sucesso total no Brasil, e fizeram um trato de dividir entre ele, Carlos Mendes e Sardinho os créditos pela autoria. Nós combinamos e concluímos que poderia ser dessa forma", relatou Gilvan de Brito. Mesmo dividindo os louros pela marchinha, ele conseguiu ganhar muito dinheiro todos os anos depois do Carnaval. "Era a música mais tocada no Rio de Janeiro e, principalmente, em São Paulo", lembrou.

Biografia prevista para ano que vem

A biografia de Livardo Alves está concluída, mas só deve ser lançada no próximo ano. Escrita por Gilvan de Brito, a obra certamente trará muito mais informações e curiosidades sobre o compositor e poeta, já que ambos cultivavam uma grande amizade e parceria nas composições. De acordo com o jornalista e escritor Gilvan de Brito, a ideia inicial era lançar o livro este ano, mas faltou apoio para tornar o texto público. "A biografia está pronta, mas acho difícil sair este ano. Falta mais valorização e investimento no pessoal da terra. A expectativa agora é que seja publicada em 2021", concluiu.

Ator, poeta e compositor de trilha

Além de compositor, Livardo Alves participou de algumas peças teatrais. Numa delas, a 'Canção de Fogo', chegou a ir para o Rio de Janeiro acompanhado por um grupo que tinha nomes como a cantora Elba Ramalho, Anco Márcio, entre outros. Juntos, conforme contou o jornalista e escritor Gilvan de Brito, apresentaram a peça. Na época, além de atuar, Elba Ramalho descobriu seu talento como cantora. "Se tornou cantriz", disse Gilvan.

"Livardo fazia música e atuava, mas a praia dele era música e criatividade. Fizemos duas peças de teatro. Porém, o legado dele é na música, com um trabalho diri-

gido muito mais para o Carnaval, quando fazia mais sucesso. Tem muitas músicas, MPB, muito trabalho interessante. No entanto, o sucesso mesmo foi mais de Carnaval. 'Banho de bica', de 1972, por exemplo, tocou no Nordeste todo", contou Gilvan de Brito.

O poeta Livardo Alves compôs a música do longa-metragem 'A inesperada visita do imperador', de Gilvan de Brito. "Fez muito sucesso nacional. Era uma boa pessoa, inteligente", ressaltou. Fez ainda parceria com Vital Farias em 'Fôrrofufá', mas se consagrou como um dos principais compositores brasileiros de marchinhas de Carnaval.

PARÊNTESES PARA UM PROTESTO

■ "Por favor, me ajude. Estão me destruindo"

Esta semana, o Jornal A União publicou matéria sobre o vandalismo investido contra o monumento em homenagem a Livardo Alves, instalado no Ponto de Cem Réis. Em forma de protesto a essas destruições, algum cidadão anônimo chegou a colocar uma placa junto à imagem de bronze do artista. Nela, estavam os seguintes dizeres: "Por favor, me ajude. Estão me destruindo". Infelizmente, estátuas, bustos e outras esculturas vêm sendo depredadas de maneira recorrente em nossa cidade.

Esses vândalos agem, geralmente, na calada da noite. Além de pichar, levam partes do monumento, especialmente aqueles feitos de bronze, com o objetivo de comercializar o material, ilegalmente. No caso da estátua de Livardo, usurparam óculos e quebraram parte do chapéu. Como se não bastasse, ainda perfuraram a imagem para poder cunhar assinatura sobre ela. Atitudes de total desrespeito ao artista e à memória de nossa cidade. E o 'Almanaque', que busca eternizar um pouco a história da Paraíba, por meio de seus personagens, não poderia deixar de registrar aqui a sua indignação.

Foto: Arquivo do Jornal A União

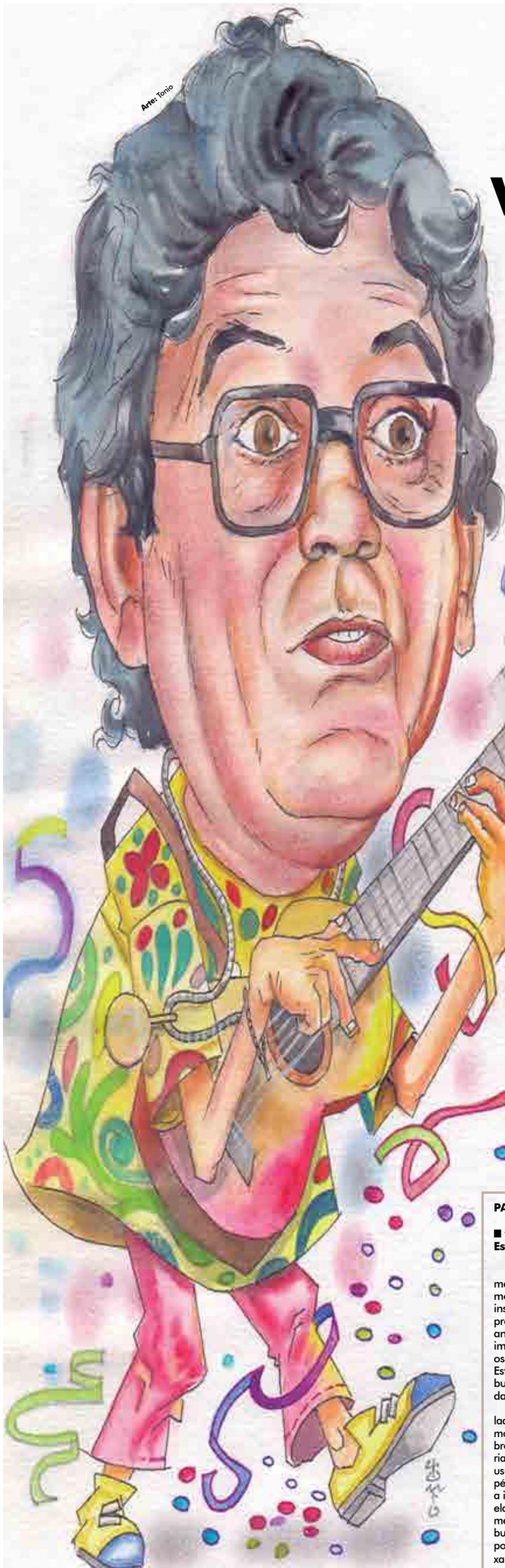


A edição de 20 de fevereiro de 2002 do Jornal A União fez uma homenagem ao artista, mostrando a importância de Livardo para a cultura brasileira

Foto: Acervo/ família



Uma das fotos mais conhecidas do compositor, sentado em banco de praça no Ponto de Cem Réis, inspirou o monumento em sua homenagem



Arte: Tonio

Orris Soares

A revolução gráfica no jornalismo impresso

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@uoi.com.br

O jornalista, escritor e dramaturgo paraibano Orris Soares – contemporâneo e amigo de celebridades das letras como Ariano Suassuna, Olavo Bilac, Augusto dos Anjos, Tobias Barreto e Graciliano Ramos – nasceu em João Pessoa o dia 14 de outubro de 1884, e morreu na cidade do Rio de Janeiro, em 10 de fevereiro de 1964. Descendia do rico comerciante português Adolpho Eugênio Soares, dono da loja Boa Fama, fundada na capital paraibana em meados do século 19.

Orris se formou em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Sua trajetória profissional se apoiou em uma polivalência indiscutível. Foi deputado, jornalista e homem de letras, além de secretário geral do Estado da Paraíba, em 1920. Também chegou a ser fiscal de bancos, delegado do Tribunal de Contas e do Instituto Nacional do Livro. Fundou com seu irmão, Oscar Soares, o jornal O Norte, em 7 de maio de 1908. A Paraíba iniciava uma nova era gráfica, em se tratando de jornais escritos.

O Norte, que trazia para esta parte do Nordeste uma feição gráfica diferente, também surgiu com boa qualidade textual, inaugurando uma era revolucionária na imprensa paraibana. Até o Jornal A União, seu concorrente maior, noticiou sua inauguração com destaque. Hoje o Jornal A União é o jornal mais antigo da Paraíba e está em plena atividade. O Norte, porém, acabou vendido ao megaempresário paraibano da comunicação Assis Chateaubriand, que o incorporou ao acervo dos Diários Associados, após utilizá-lo na sua campanha para senador.

Literatura e teatro

O 'Pequeno Dicionário de Escritores e Jornalistas' – de Antonio Borges da Fonseca a Assis Chateaubriand, organizado pela pós-doutora em Letras e Literatura Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, ressalta que historiadores paraibanos reconhecem a qualidade das obras teatrais de

Orris, embora ele seja “injustamente mais conhecido pelo fato de ter prefaciado e organizado a obra de Augusto dos Anjos *Eu e Outras Poesias*”.

Amigo pessoal de Augusto dos Anjos (1884-1914), Orris Soares coordena, prefacia e elabora, em 1920, a edição do volume de poesias, que já havia sido publicado em vida pelo próprio Augusto, em 1912. A esse material o jornalista acrescenta versos póstumos. Anos depois, em 1928, por interferência de Orris, a Livraria Castilho, do Rio de Janeiro, edita a terceira edição da mesma obra. O resultado é um extraordinário sucesso de crítica e público.

A pós-doutora em Letras e Literatura Socorro de Fátima Pacífico Barbosa registra ainda em seu dicionário que as peças de teatro de Orris são bem recebidas

Fundou com seu irmão, Oscar Soares, o jornal O Norte, em 7 de maio de 1908. A Paraíba iniciava uma nova era gráfica, em se tratando de jornais escritos

por especialista da área. A pesquisadora explica que o professor da UFPB e doutor em Artes e Teatro pela USP Paulo Vieira “reconhece a qualidade e tendências expressionistas” do jornalista.

E quando se refere à peça 'Rogério', considerada sua obra prima, cujo tema é uma revolução, Paulo Vieira reforça no dicionário organizado por Socorro Pacífico sua admiração pela produção de Orris. “Outro indicador de sua modernidade, pois aparenta tomar como referência a revolução soviética de outubro de 1917”, afirma o professor. “Por este ponto de vista, torna-se ainda mais

espantosa a contemporaneidade da obra, pois líder de uma revolução popular; Rogério, após a vitória, torna-se um cruel e desumano ditador; assassino e temível déspota”, conclui.

Biografias e dicionários

Além das obras teatrais, a produção de Orris Soares inclui também biografias e dicionários. Entre os trabalhos que escreve estão, por exemplo, 'A Barreira' (Paraíba, 1917) e 'A Cisma' (Rio de Janeiro, 1915); 'Rogério: drama em 3 atos'; 'Pedro Américo' (1920); e os dois volumes de 'Dicionário de Filosofia' (Rio de Janeiro, 1952 e 1968). O Governo do Estado da Paraíba também publicou seu trabalho completo de teatro em 1985.



Artes: Tonio

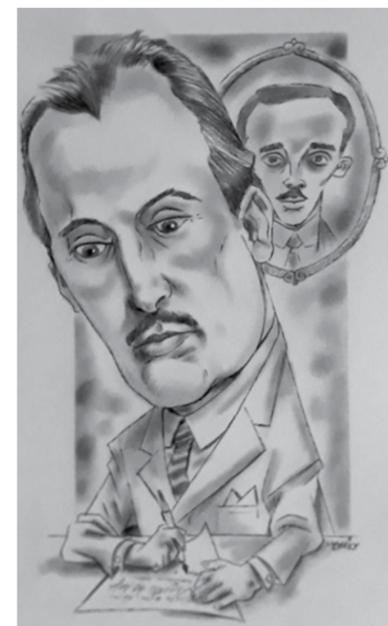
+ Prefácio e edição da obra de Augusto dos Anjos

Os amigos íntimos chamavam Orris de “Empresário de Augusto dos Anjos”. Motivo: além de organizar também prefaciou a edição de 'Eu e Outras Poesias'. Ele foi o responsável pelo lançamento desta edição, que até nos dias de hoje é procurada nas livrarias. Conta Jô Soares (sobrinho-neto de Orris), em sua autobiografia, que foi o tio-avô quem comunicou ao badalado poeta da época, Olavo Bilac, a precoce morte de Augusto, em Leopoldina (MG), no dia 12 de novembro de 1914. Após ouvir Orris declamar 'Versus Íntimos', Bilac teria dito: “Fez Bem em morrer. A poesia não perdeu muita coisa”.

Em contrapartida, Jô Soares registrou que Ariano Suassuna sempre dizia que os literatos deveriam agradecer a Orris o fato de tornar Augusto um poeta conhecido. Em 'O livro do Jô – Uma autobiografia desautorizada', o humorista confessa ainda que sua herança genética pelo teatro viria de seu tio Orris que, como ele, seria um anarquista. Ainda segundo a obra de Jô, o escritor Lima Barreto chegou a questionar o motivo pelo qual as peças teatrais de Orris não foram montadas com o destaque que mereciam.

Outro relato interessante diz respeito ao projeto do Dicionário da Língua Portuguesa que fora interrompido. Orris teria comentado com o pai de Jô: “Orlando, eu acho que não tenho mais lucidez suficiente para continuar uma obra desta envergadura”. Mais tarde, os parentes de Orris concluíram que este episódio resultou, para ele, em grande frustração.

Sua criação teatral também é rodeada de fatos curiosos. Em 27 de dezembro de 1969 – cinco anos após a morte de Orris – Wilson



Queiroz Garcia, funcionário do Serviço de Censura e Diversões Públicas da Ditadura Militar, recusou um pedido de montagem da peça 'Rogério', alegando que “o personagem principal era centrado num perigoso líder, que pretendia fazer uma revolução sindicalista de contornos anarquistas”.

PARENTESCO COM HUMORISTA JÔ SOARES

“Orris era irmão de Oscar Eugênio Soares, genro do influente político Evaristo Monteiro, que ousou romper com João Pessoa, porque o presidente provincial da Paraíba prejudicou Oscar na política paraibana,” afirma o jornalista e historiador José Otávio de Arruda Mello. “Evaristo tinha tanto prestígio que ocupou, simultaneamente [a lei da época permitia] cargos de deputado e vereador na Paraíba, se destacando como o parlamentar que por mais tempo permaneceu na Assembleia Legislativa do Estado”, acrescentou. O pai do apresentador de televisão, escritor, dramaturgo, ator e humorista Jô Soares, Orlando Heitor Soares, apelidado “o Garoupa”, era neto de Oscar Soares, o mesmo que fundou o jornal O Norte junto com Orris. Então, Oscar era avô de Jô, e Orris, tio-avô. Mercedes, mãe de Jô, considerada evoluída para a sua época, foi a primeira mulher a tirar habilitação de motorista no Rio de Janeiro. Isto levou Orris a comentar que “a irreverência e o humor estavam no sangue da família”.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Jornalistas em quarentena

Em junho passado, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) estreou o projeto "Jornalistas em Quarentena – série exclusiva". Trata-se de um conjunto de podcasts com grandes nomes do jornalismo brasileiro que, à semelhança de muitos outros colegas por aqui, tiveram de ressignificar sua forma de trabalhar devido ao confinamento imposto pela pandemia de covid-19.

A ideia dos podcasts partiu de Ricardo Carvalho, que é conselheiro e diretor licenciado da ABI, em São Paulo. E teve como inspiração uma matéria de Lívia Ferrari sobre os riscos diários que repórteres correm, na porta do Palácio da Alvorada, em Brasília, tentando entrevistar o presidente da República.

Para a série, foram entrevistados Ana Luíza Guimarães, Caco Barcellos, Chico Caruso, Ernesto Paglia, Fernando Gabeira, Fernando Morais, Jorge Pontual, José Trajano, Juca Kfour, Leilane Neubarth, Luis

Nassif, Marcelo Auler, Mariana Kotscho, Norma Couri, Paulo Markun, Pedro Bial, Ricardo Kotscho e Ricardo Lessa. O material foi editado pelo jornalista Paulo Gustavo, que escreve sobre cultura pop no portal Freakpop.

Pedro Bial abre a série exclusiva da ABI. E, logo no início, destaca um ponto importante do isolamento social dele: a oportunidade de ter uma convivência maior com as duas filhas pequenas. “Se tem uma coisa que essa quarentena me propiciou foi uma convivência íntima e intensa com essas crianças, essas pequenas, que eu não teria de outra forma, no meu dia a dia normal. Isso é muito legal e muito enriquecedor”.

Ao longo do podcast, Bial diz que sente falta da redação, do encontro com as pessoas e da troca de ideias. Também fala sobre as mudanças ocorridas na produção do “Conversa”, programa que ele apresenta; lembra que “conversa” e “entre-



pressão do rosto, do corpo; o que não dá para fazer pela tela ou pelo telefone”, diz.

Na Paraíba, um projeto semelhante está sendo desenvolvido, mas no formato de livro digital e com um recorte de gênero. Na organização, estão as jornalistas Sandra Moura, professora da Universidade Federal da Paraíba, Kiara Filho, Sônia Lima e Zezé Bécha-de. O e-book “Isolamento Social: relatos de mulheres jornalistas” é uma obra coletiva que se propõe a narrar o cotidiano de jornalistas que cumpriram o distanciamento social, seja como isolamento, seja como quarentena.

Segundo as organizadoras, a obra será útil a futuras gerações como memória da pandemia de covid-19, que também precisa ser registrada sob a perspectiva das mulheres. O e-book, que já está em fase de finalização, traz o confinamento de jornalistas em abordagens que envolvem medo, angústia, insegurança, tensão, solidão, insônia, fragilidade, morte. Tive a honra de ser convidada para ser um dos fragmentos desse mosaico de narrativas. E já estou ansiosa para ler o registro de outras colegas.

Nos anos 70 o Brasil vivia sobre o regime militar e chegava perto do seu auge de repressão, tortura e controle da mídia. Naquele momento os historiadores denominavam como os anos de jumbo e o presidente era o gaúcho de origem alemã Emílio Garrastazu Médici. O General assumiu o país em 1970, nesse clima de tensão, mas também de otimismo e euforia.

A origem de 'Pra frente Brasil' deve-se a um concurso (com premiação de dez mil cruzeiros), organizado pelos patrocinadores das transmissões dos jogos da copa. Ricardo Cravo Albin afirma que o concurso fora patrocinado por uma cervejaria, enquanto Nara Damante sustenta que o concurso tinha o patrocínio das anunciantes Esso, Souza Cruz e Gillette, em parceria com a Rede Globo.

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Miguel Gustavo “Pra frente, Brasil” - o grande compositor desconhecido

“Noventa milhões em ação, pra frente Brasil do meu coração. (...) De repente é aquela corrente pra frente parece que todo o Brasil deu a mão. Todos unidos na emoção, tudo é um só coração. Todos juntos vamos, pra frente, Brasil, salve a seleção”.

“Pra frente, Brasil” é uma canção composta por Miguel Gustavo para inspirar a seleção brasileira na Copa do Mundo FIFA de 1970. Foi cantada pelo país na euforia ufanista gerada pela primeira transmissão ao vivo e a cores de uma Copa, e tornou-se hino desta edição, para os brasileiros.

Nos anos 70 o Brasil vivia sobre o regime militar e chegava perto do seu auge de repressão, tortura e controle da mídia. Naquele momento os historiadores denominavam como os anos de jumbo e o presidente era o gaúcho de origem alemã Emílio Garrastazu Médici. O General assumiu o país em 1970, nesse clima de tensão, mas também de otimismo e euforia.

No concurso a canção vencedora foi o hino 'Pra frente Brasil'. Os versos "noventa milhões em ação, pra frente, Brasil, do meu coração" e a melodia tornaram-se símbolo da

seleção canarina, que conquistou, definitivamente, a Copa Jules Rimet. Encobrida a intenção governista do slogan ufanista utilizado pela ditadura militar na época (a letra original dizia 70 milhões em ação), após a divulgação do censo demográfico, foi alterada para 90 milhões em ação. Esta canção fez com que o povo brasileiro ficasse energizado e passaram a cantar a bela canção ao ponto de esquecerem o que ocorria nos porões da ditadura, notadamente, na operação bandeirante.

Na Copa do Mundo de 1970, no México, o Brasil formou uma seleção que é considerada a melhor de todos os tempos. Sobre o comando do alagoano Mário Jorge Lobo Zagalo, Pelé e companhia. O regime ditatorial usava o slogan "AME-O OU DEIXE-O" e a única saída era o aeroporito para aqueles que conseguiram alcançar. O regime militar explorava na sua propaganda oficial o esporte como outros ditadores já o fizeram. Nos discursos realizados por Médici, ele exaltava qualidades dos jogadores, como organização e patriotismo. O futebol "paixão nacional" pareceu um ótimo meio de conquistar legitimidade frente à população. Unir seleção, governo, nação: construir identidade. A coletividade também era uma característica valorizada pelos militares, que deveria ser estendida também ao povo brasileiro.

O governo militar se utilizou da seleção brasileira como instrumento de propaganda durante a ditadura militar. Na tentativa de legitimar o regime fechado e sombrio, o governo utilizou o futebol, de várias maneiras. Isso,

claro, pela imensa popularidade que o futebol tinha e tem na nossa população.

Surge a figura de um compositor extraordinário chamado Miguel Gustavo Werneck de Sousa Martins (Rio de Janeiro, 24 de março de 1922 – Rio de Janeiro, 22 de Janeiro de 1972). Ele foi um compositor, jornalista, radialista, e poeta brasileiro. Miguel Gustavo foi casado com Sagramor Scuvero, atriz, radialista, escritora e vereadora pelo PTB em 1954. Talvez o mais carioca dos autores em razão das suas composições se utilizar do jeito de ser carioca, colocando nas suas criações bastante gírias, humorismo e críticas picantes. A sátira era um dos seus bordões preferidos.

Miguel Gustavo além de um grande compositor de sambas e marchas, foi autor de famosos jingles como 'Pra frente Brasil', das casas da banha, que criou fama e causou polêmica por utilizar um trecho da melodia 'Jesus, alegria dos homens', de J.S. Bach. Compôs o jingle para o Leite Glória que até hoje é lembrado por muita gente pela forma moderna e criativa que a letra falava sobre as características do produto. Em 1952, compôs 'Vovó-zinha', uma valsa em parceria com Edmundo Souto e Juanita Castilho.

Para se consagrar de uma vez por todas, lançou 'Café Soçaite', de 1955, e alcançou seu primeiro sucesso. O samba do polivalente Miguel Gustavo foi gravado pelo cantor Jorge Veiga na Copacabana. Jorge Veiga seu compadre iria interpretar sua sátira, abordando ironicamente o granfinitismo e o colunismo social carioca dos anos 1950. Em 1956, Jorge Veiga lançou o LP Boate Tralalá, com a música título puxando outras, também de autoria de Miguel Gustavo.

No ano seguinte, aproveitando o suces-

so de 'Café soçaite', compôs a marcha 'O que é café soçaite'. Em 1958, 'Fanzoca de rádio', marcha gravada por Carequinha na gravadora Copacabana, que tornou-se a marchinha mais popular daquele ano. Em 1959, destacou-se com 'E daí', um samba gravado por Elizabeth Cardoso na Copacabana. Em 1961, lançou o 'Chá chá chá' e 'Brigitte Bardot'.

O espírito sagaz de Miguel Gustavo decidiu explorar ao máximo o lado teatral do cantor Moreira da Silva, que andava em baixa na sua carreira musical. Dando início ao ciclo do samba de breque. Com Moreira da Silva gravando: 'O conto do pintor', 'O rei do gatilho', 'O último dos moicanos', 'O sequestro de ringo', 'O rei do cangaço' e 'Morengueira contra 007'. Kid morangueira, herói imaginário criado por Miguel Gustavo, passava a habitar os sambas de breque. Mais do que nunca Moreira voltava a ser o Tal, o personá-lissimo. Depois de criar este personagem Kid Morangueira dentro do novo estilo, surgiu 'O rei do gatilho', expressão máxima desta fase, gravado por Moreira da Silva.

Em 1962, o samba de breque contava a saga de um cowboy fuleiro em meio a um super bang bang italiano surrealista. Naquela época, a música era na verdade uma divertida sátira aos faroestes espaguetes a lá Hollywood. A história começava com Miguel Gustavo narrando a saga do famoso Kid Morangueira, herói que somente atirava em nome da lei. O próprio compositor acabava entrando no filme como Michael Gustavo diretor do filme.

Com inspiração de compositor e um fardo de autor de jingles publicitários, ele fez história na música brasileira, com canções que até hoje estão no imaginário do povo.

MARMITANDO

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante em (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Fotos: Drew Hays/Unsplash



QUENTINHAS

- A cachaça Matuta vem dando show nas Lives. No fim de semana passado foi uma das patrocinadoras em doações para a Live de Raí do Saia Rodada, que foi o maior sucesso. O bom de tudo é saber que as doações estão indo para aqueles que mais necessitam. Parabéns pela iniciativa! Seu Instagram @cachacamatuta

- Sexta-feira passada foi o dia internacional da Pizza e a Pizza Fan, nos fez uma surpresa com bastante carinho, nos trouxe duas pizzas bem especiais. Vale salientar que a Pizza Fan não atua em nossa Capital, só em Santa Rita. Aí vemos o tanto de carinho que ele tem por esse colunista. Seu Instagram @pizza_fan_delivery

- A Delícia da Lalú está de vento em popa com seus pratos executivos de segunda a sábado e com um preço super especial. Além de ser uma comida deliciosa, pode fazer o pedido sem medo, pois é a comida que a vovó fazia com muito carinho. Seu Instagram é @deliciadalalu.jp

- O Sanduba do Careca e Carlos Jr Lanches continuam firmes e fortes, juntamente com outros parceiros em uma campanha de levar alimento aos mais necessitados nesta pandemia. Parabéns galera! Sozinho ninguém chega a lugar nenhum! Seus Instagrams @carlojrlanches @sandubadocareca.jp

- Quer adquirir temperos naturais pra comer bem? A Gratidade - Empório Natural tem diversas opções entre produtos desidratados e em grãos para tornar seus dias de quarentena na cozinha mais saudáveis. Conheça todos os produtos através do Instagram deles @gratidade.emporionatural

Aqui se faz, aqui se paga!

Não era de se imaginar um preço tão alto que o ramo em hotelaria está passando, quando eu me refiro a hotelaria entram todos os ramos de comidas e hospedagens no geral.

Por partes eu acredito que depois de tudo isso será um ramo de ligações amigáveis, nos que sobreviverem a todo esse caos que estamos vivendo.

São muitas siglas de associados em vários aspectos diferentes que geram muitas discórdias e desunião. Até em um momento de desespero - como a pandemia - recebi mensagens de grupos informando que só comprassem em empresas A e B porque elas eram as de melhores qualidade para o consumo durante a pandemia.

Nesta vida aprendi que ninguém chega em nenhum lugar sozinho, mas aprendi tam-

bém que, quem não quiser me acompanhar pode ficar, pois eu estou seguindo. Não vou só me referir às siglas de associações e de grupos, mas falar também da minha classe de Chef de Cozinha, que é tão desunida. Com tanta desunião não consegue colocar um membro como presidente no sindicato para tentar propor mudanças no cenário empresarial, pois o que se encontra já se tornou Rei de tanto tempo que ocupa o espaço.

Falo isso, pois sei como é o território dos dois lados o qual falei. Cobra engolindo cobra e um querendo puxar o tapete do outro, e muitas vezes se vendendo de acordo com o valor que o outro cobrou. Me desculpe leitor, mas chega a ser uma substituição de negócio. Eu não me vendo por migalhas, tenho meu caráter e personalidade e sei o quanto foi caro e difícil passar o que passei e viver a vida que vivi morando fora do país para ser um "Chef de Cozinha".

Essa volta com o novo normal ainda não se tem uma data, mas tudo só terá a devida diferença da sobrevivência se houver união entre grupos, associações e classes funcionais que está por trás dos bastidores, para juntos trilharmos um caminho em busca de nossos objetivos, como também reivindicar melhorias de linhas de créditos junto ao Governo Federal e através dos bancos.

Sozinho, solitário e achando que alguém ou a empresa é a rainha da cocada preta não chegará a nenhum lugar neste momento difícil. Hoje com todo aperto da pandemia vejo pequenos grupos de empresas do mesmo ramo e também diferentes se juntarem para se divulgarem nas plataformas das redes sociais. Isso é ser humano. É ser simples.

Entenda que a dor do outro também poderá chegar a doer em você!

Foto: Arquivo Pessoal

PRATO DO DIA

Sanduba Arretado

Ingredientes

Molho escuro

- 1 caixa de creme de leite s/ soro
- 3 dentes de alho
- ½ colher de sopa de vinagre de maçã
- Meia xícara (chá) de óleo
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 1 colher de cachaça
- 2 colheres de molho inglês

Sanduíche

- 500g de carne de sol magra, des-salgada e cortado em bifês bem finos
- 1 colher (sopa) de óleo
- 5 fatias de queijo prato ou muçarela
- 5 fatias de presunto de sua preferência
- 5 pães francês cortados ao meio no sentido de comprimento
- 20 rodela de tomate cortadas ao meio
- 8 folhas de alface americano rasgadas

Modo de preparo

Prepare o molho: no copo do liquidificador, coloque o leite, o alho e o vinagre e bata em potência média. Abra a tampa e coloque, aos poucos e em fio, o óleo, até acabar (cerca de 2 minutos). Transfira para uma tigela, coloque um toque de cachaça e molho inglês



para escurecer e misture até ficar homogêneo. Reserve.

Em uma chapa, coloque o óleo e aqueça em temperatura alta. Junte a carne e grelhe por 6 minutos, virando na metade do tempo, ou até dourar. Em seguida corte a carne em fatias bem finas e reserve.

Montagem: em uma das metades do pão, espalhe o molho, a carne de sol, o queijo, o presunto, o tomate e a alface, e feche com a outra metade do pão. Sirva em seguida.

Repita o processo com o restante dos ingredientes e sirva todos os outros pães.

PITADAS A GOSTO

Diferenças entre carne de sol, carne de charque e carne seca

A carne de charque é típica do Rio Grande do Sul e sua principal diferença da carne de sol é a quantidade de sal utilizada no preparo. A receita surgiu a partir de uma adaptação feita pelo português José Pinto Martins, em 1777. Ele quis aproveitar o gado que era abatido apenas para uso do couro e deu um toque especial à receita de carne de sol que aprendeu quando morou no Ceará.

Para isso, usou uma carne com grande quantidade de gordura e a cortou em mantas para ajudar no processo de desidratação, que leva bastante sal fino — é mais efetivo pela elevada quantidade de iodo. Esse procedimento retira, praticamente, todo o líquido da carne. Em seguida, ela é levada para a secagem, que dura cerca de dez dias.

A carne seca, também parecida com a carne de sol, passa por uma desidratação mais intensa. Tanto a quantidade de sal quanto o tempo de cura são maiores. Primeiro as mantas são empilhadas em um local seco para desidratarem e depois são levadas a varais no sol para finalizar a secagem.

Dessa forma, como o próprio nome diz, a carne é bem mais seca do que o charque e a carne de sol. Ou seja, a carne seca sofre mais mudanças: cor, textura firme e prazo de validade maior pela desidratação.

Todos iguais...

Um ciclo de tratamento maléfico ao indivíduo



Uns mais iguais que os outros?

Racismo, Discriminação & Preconceito

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Racismo, discriminação e preconceito. Elementos que se integram em um ciclo de tratamento maléfico ao indivíduo, mas quando analisados isoladamente têm suas próprias peculiaridades. Ao falarmos sobre racismo, vale sabermos a diferença entre esses três pontos. Segundo a doutora em sociologia, cientista social e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Pensamento Social e Político Brasileiro, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Anna Kristyna Araújo da Silva Barbosa, o racismo pode ser entendido como um sistema de classificação, baseado em teorias e crenças que hierarquizam indivíduos por causa da sua cor ou etnia, consciente ou inconscientemente.

A discriminação e o preconceito são desdobramentos desse sistema, porém são coisas distintas. "Discriminação racial é quando se tem um

tratamento diferenciado a um indivíduo ou grupo por causa de sua cor ou etnia, ferindo o princípio da igualdade. Já o preconceito racial pode ser compreendido como opinião, sentimento, atitude apressada que trazem como fundo uma aversão, uma intolerância fundamentada no racismo", explicou.

Então, nessa percepção distorcida de mundo, um homem ou mulher pode ser visto como apto ou inapto, competente ou incompetente, apropriado ou inapropriado, culpado ou inocente conforme sua cor e etnia. Foi assim no caso do pedreiro Amarildo Dias de Souza, há sete anos no Rio de Janeiro, e mais recentemente, em Minnessota, nos Estados Unidos, com George Floyd, em maio deste ano. Ambos negros, pobres, desarmados, rendidos e assassinados por policiais, sem a mínima possibilidade de defesa.

Esses e outros casos de injustiça contra negros ganharam repercussão na imprensa nacional e até mundial.

Mas, por que tamanha brutalidade foi atribuída a eles? O que motiva esses crimes? As respostas podem estar em alguns elementos inseridos secularmente na estrutura social.

A antropóloga e integrante do Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura na UFPB, Uliana Gomes da Silva, destacou que ser negro no Brasil e continuar vivo é uma luta constante. "É uma luta para conseguir trabalho, para ser visto como pessoa, ser respeitado, para desconstruir o imaginário social, para desnaturalizar essa lógica racista. É preciso que a sociedade brasileira assuma, como premissa, essa agenda antirracista. A mídia, de uma forma geral, precisa abordar essas questões".

Uliana Gomes acrescenta que a população negra é a mais marginalizada economicamente, socialmente e geograficamente. "Quando a gente pensa onde a população negra



Foto: Arquivo Pessoal

“É preciso que a sociedade brasileira assuma, como premissa, essa agenda antirracista. A mídia, de uma forma geral, precisa abordar essas questões”

Uliana Gomes

foi colocada quando se exportou mão de obra escrava nos perguntamos: o que restou para essa população após a abolição? Como ela é vista hoje a

partir de sua religião, sua cultura, seus direitos?" questionou.

Superioridade está apenas no imaginário social

É relevante saber como surgiu esse modo de enxergar a outra pessoa de forma excludente, menor, com total ausência de empatia ou respeito. O racismo está longe de ser algo nato. Pelo contrário, ele precisa ser entendido como um sistema que foi construído e desenvolvido historicamente e socialmente.

A socióloga Anna Kristyna Araújo da Silva Barbosa conta que a presença do racismo, sobretudo no Ocidente, está atrelada ao colonialismo, que se desdobra no capitalismo.

"O racismo precisa de condições materiais para seu desenvolvimento e o advento do capitalismo surge desse sistema racial e

econômico do colonialismo. Basta ver que os países que serviram de colônias, em sua grande maioria, ainda são os países menos desenvolvidos ou seguem em algum nível de dependência em relação aos países colonizadores", destacou Kristyna.

Ou seja, o sentimento de subjugar o outro, a ambição exagerada e a postura de dominação concorrem para o racismo. No entanto, a socióloga ressalta que é importante circunscrever o racismo historicamente. "Pois as relações raciais têm suas especificidades de acordo com o contexto analisado, mesmo tendo nexos entre as formas".

A antropóloga e integrante do Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura (Grupesc) na UFPB, Uliana Gomes da Silva, ressaltou que falar sobre racismo no Brasil é analisar como a sociedade está estruturada na sua base de funcionamento. O assunto demanda uma complexa reflexão sobre direitos, o imaginário social, o lugar do negro que a sociedade costuma definir, a construção desse imaginário e da desumanização da pessoa negra. De acordo com ela, o racismo existe para continuar perpetuando a lógica da escravidão, de uma raça superior a outra.

Como enfrentamento a esta prática, ela reforça que o primeiro passo é assumir que existe racismo, que há indivíduos e práticas racistas. "Se não houver um investimento, uma luta contra essas posturas, vamos entrar em decadência, porque o racismo está atrelado às crises políticas e econômicas. Além de desenvolver projetos que vai contra essa prática, o tema deve ser uma das pautas essenciais dos governantes, e precisa estar inserida na educação, na formação política do cidadão, nos seus direitos", frisou a antropóloga.

“O racismo precisa de condições materiais para seu desenvolvimento e o advento do capitalismo surge desse sistema racial e econômico do colonialismo”

Anna Kristyna



Foto: Arquivo Pessoal





Fotos: Pixabay

Perpetuidade de uma “mancha” que precisa acabar

Há grupos que se fecham em um reduto irracional e insistem em serem melhores que outros de sua espécie

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Os seres humanos são constituídos do mesmo material biológico, pertencem a uma mesma espécie, dependem das mesmas condições para sobreviver, têm o mesmo ciclo reprodutivo, são dotados de inteligência, enfim, são seres semelhantes. Mas por que há grupos que se fecham em um reduto irracional e insistem em serem melhores que outros de sua espécie? Séculos e séculos passam e essa atitude é transferida às novas gerações, mantém-se presente, não importa os avanços tecnológicos, científicos, políticos, educacionais conquistados.

Será que jamais as pessoas conseguirão extinguir essa “mancha” que se perpetua nas relações interpessoais? A socióloga, cientista social e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Pensamento Social e Político Brasileiro, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Anna Kristyna Araújo da Silva Barbosa, enfoca que o racismo tem sempre um conjunto de teorias e crenças que o sustentam. “É

só observar as doutrinas dessa percepção de mundo que surgem no século XIX que legitimaram, cientificamente, a hierarquia racial e a eugenia. Teorias científicas que acreditavam, por exemplo, que o tamanho do crânio era um indicativo de superioridade racial de um grupo em relação a outro”.

A antropóloga e doutora em Ciências Sociais Patrícia dos Santos Pinheiro lamenta que essa forma de enxergar e tratar o outro ainda se repita no final da segunda década do século XXI. Segundo ela, mesmo após decretada a abolição da escravidão, em 1888, não houve ações efetivas para uma alteração nas estruturas escravocratas da sociedade ou para a quebra desse “ideal branco”. A realidade, foi bem outra.

Patrícia Pinheiro enfoca que, por um lado, houve uma tentativa sistemática de silenciamento das heranças afro e indígenas – por vezes somente folclorizadas. “E por outro, na prática, esbarramos com as condições socioeconômicas que seguiam criando abismos, sem nunca ter havido uma real tentativa de mudá-las. Soma-se a isso a ação estatal, com a criminaliza-

ção da população negra, sendo um exemplo importante a Lei de Proibição da Capoeira no Código Penal de 1890 no Brasil, além da perseguição às expressões religiosas afrodescendentes. Triste ver que essas perseguições não cessaram nos dias atuais”, declarou.

Apesar de as pessoas convivem até hoje com a herança do racismo, a antropóloga afirmou que atualmente temos medidas inclusivas e repressivas que tentam combater essa postura. Dentre as inclusivas, Patrícia destaca as ações afirmativas e de reparação: cotas raciais em universidades e concursos, políticas de permanência, valorização da história afrodescendente, reconhecimento das injustiças e reparação da memória silenciada.

Já as medidas repressivas dizem respeito à aplicação da Lei 7.716/89 (Lei Caó), contra o crime de racismo, e do Código Penal, que dispõe também sobre o crime de injúria racial. “Para além das instituições, hoje em dia se fala muito que não basta não ser racista. Devemos, sim, sermos antirracistas. Ou seja, omissão também é racismo. Ser antirracista implica ir além de reconhecer os pró-

prios privilégios, mas também lutar contra essas estruturas”.

Ao refletir sobre uma possível sociedade sem racismo, a antropóloga e integrante do Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura na UFPB, Uliana Gomes da Silva, responde com alguns questionamentos: “É possível uma sociedade sem desigualdade social? É possível uma sociedade em que a mídia não se alimente do imaginário social que é criado sobre o negro? É possível uma sociedade

que valorize vidas negras?”

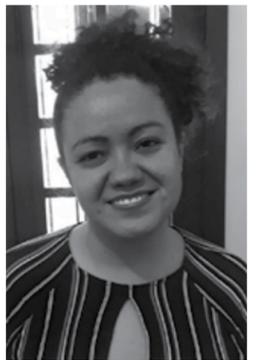
“É possível uma sociedade onde as pessoas negras possam escolher a forma de trabalho? Se houver essa possibilidade, é possível ter uma sociedade sem racismo?”

“Mas enquanto tiver uma sociedade capitalista, neoliberalista, que naturalize esse lugar do negro, que negue o racismo e que não pare para refletir sobre essa complexidade que é o racismo, eu diria que é impossível. E diria mais ainda, uma sociedade onde o racismo é aflorado não existe democracia”, completou Uliana.

Foto: Arquivo Pessoal

“Hoje em dia se fala muito que não basta não ser racista. Devemos, sim, sermos antirracistas. Ou seja, omissão também é racismo”

Patrícia Pinheiro



Uma sociedade que aumenta a discriminação racial rumo para um precipício

“Uma sociedade que aumenta a desigualdade social e a discriminação racial rumo para um precipício”. A afirmação é da antropóloga e doutora em Ciências Sociais, Patrícia dos Santos Pinheiro. Ela explica que o racismo traz inúmeros prejuízos à população negra e à sociedade como um todo. “A qualidade de vida da população se deteriora, apagam-se as ricas contribuições de um

pluralismo étnico que nos constitui, deixamos de lado uma educação cidadã e intercultural, aumenta-se o sentimento de injustiça e desagregação”, acrescentou.

Para ela, com exceção de uma parcela muito restrita da sociedade, que recebe desproporcionalmente o fruto desses privilégios, a sociedade em geral sai perdendo. Os efeitos dessa prática na formação do indivíduo, que é alvo do racismo,

envolvem uma série de delimitações sobre os modos de ser e estar no mundo.

Ao citar Franz Fanon, um importante psiquiatra martinicano, Patrícia Pinheiro afirma que o racismo, como parte de um conjunto da opressão sis-

temática, atua como uma constante desorganização e estigmatização das modalidades de existência, como forma de incluir ou afastar grupos e indivíduos. “Isso tem um impacto profundo para indivíduos e coletividades. Afinal, como conviver com isso?”, pergunta.

Esses impactos estão presentes no desenvolvimento da população negra, desde a infância, passando por toda sua evolução como pessoa. “Inadmissível é saber que ainda há crianças que negam sua prática religiosa de matriz africana temendo agressões físicas, mesmo que essas aconteçam depois de sair da escola. Igualmente, não pode ser normal que pessoas que se dizem antirracistas façam escolhas voltadas para o privilégio exclusivo da branquitude, inclusive nos currículos escolares”, salientou Maria Luzitana Conceição dos Santos, professora adjunta no Campus IV da UFPB, e ativista no Movimento de Mulheres Negras na Paraíba.

Luzitana dos Santos afirma que, ao contrário do que se possa pensar,

o racismo não é “um tipo de vírus”, mas um fenômeno sociopolítico. “Ele é estrutural e estruturante por apresentar relações em diferentes

esferas da sociedade – relações essas baseadas na dissimelhança entre humanos, uma herança do processo colonial”.

‘Dia Nacional de Tereza de Benguela’

A cultura negra, suas raízes, história, valores, direitos devem ser transmitidos com o devido enfoque, e as transmissões dessas informações precisam ir além do calendário racial, começando na educação de base. “Toda criança tem o direito de saber, seja pela literatura, artes, história e em outras disciplinas que, dentre seus ancestrais, há diversas heroínas como a Tereza de Benguela – a ‘Rainha Tereza’”, afirmou Luzitana dos Santos, professora e ativista no Movimento de Mulheres Negras na Paraíba.

No dia 25 de julho é celebrado o ‘Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra’. A “Rainha Tereza” foi uma liderança quilombola em Guaporé, próximo à fronteira do estado do Mato Grosso com a Bolívia. Sob a liderança da “Rainha Tereza”, a comunidade negra e indígena resistiu à escravidão por duas décadas, sobrevivendo até 1770.

A data comemorativa é chancelada pela Lei 12.987/2014. “Uma criança branca, indígena ou asiática precisa ser ensinada sobre a cultura e os valores afro-brasileiros que constituem a cultura deste país. E não se pode ter uma ou duas datas para fazer isso”, frisou Luzitana.

Foto: Arquivo pessoal



“Não pode ser normal que pessoas que se dizem antirracistas façam escolhas voltadas para o privilégio exclusivo da branquitude, inclusive nos currículos escolares”

Maria Luzitana

A genealogia da intolerância racial

Episódios como o assassinato de George Floyd demonstram que o racismo é a chaga que sustenta as hierarquias sociais



Dina Melo
dinapereirademelo@gmail.com

Assistir à eclosão incendiária do movimento 'Black Lives Matter' (do inglês, 'Vidas Negras Importam'), que varreu com protestos vários pontos dos Estados Unidos em maio e junho deste ano, remete-nos ao questionamento: em que ponto da história vidas negras passaram a importar? E para quem, e em que medida? Qual limiar separa o papel do negro dentro das cadeias produtivas que, secularmente, o relegaram a uma posição de exploração, subserviência e produto para o de inserção – e posterior insurgência – diante de barbáries como a de um policial branco asfixiando um segurança até a morte com o joelho sobre o seu pescoço?

“A violência policial, tanto lá quanto aqui, é histórica e tem cor. Querer achar que o ocorrido nos Estados Unidos e o que acontece nas favelas brasileiras não têm conotação racial é, no mínimo, falsear a realidade”, sentencia o historiador Pedro Nicácio Souto, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Qual a origem do ódio racial? Antes de tudo é preciso voltar no tempo e abrir o contexto.

Os evolucionistas sociais, baseados na concepção de Charles Darwin (1809-1882), passaram a aplicar as teorias de seleção natural à compreensão das relações humanas e suas organizações sociais. “É como se algumas sociedades que estivessem em atraso devessem ser suplantadas por outras. Esta foi a

base do novo imperialismo no continente africano pelas nações europeias, do apartheid na África do Sul, do segregacionismo nos Estados Unidos e do racismo no Brasil”, exemplifica Souto.

Paralelamente, ele diz, emergiam duas correntes: o determinismo geográfico (o meio é responsável pela evolução das pessoas) e o racial (havia raças puras, portanto, superiores). “As teorias raciais pregavam, entre outros aspectos, que alguns grupos não poderiam evoluir. Há, portanto, uma hierarquização da sociedade baseada nos caracteres físicos e morais, e cujo modelo é a Europa. No Brasil, como não tínhamos uma percepção birracial, optamos pela tese do branqueamento”, compara.

“A violência policial é histórica e tem cor. Querer achar que o ocorrido nos Estados Unidos e o que acontece nas favelas brasileiras não têm conotação racial é, no mínimo, falsear a realidade”

Pedro Nicácio



Foto: Arquivo pessoal

Nacionalismo branco e reação radical

Ku Klux Klan e neonazistas são células que dão voz a supremacistas brancos no mapa da intolerância norte-americana e europeia, respectivamente. Como pontos convergentes, têm ideais fascistas e condenam a miscigenação que, segundo defendem, é causa de todos os problemas sociais. Apesar de causar alarde, esses extremistas não congregam a maior parte dos racistas, que preferem não se filiar a grupos organizados.

A KKK surgiu no Tennessee, no século XIX, logo depois da Guerra Civil Americana (1861-1865) com o propósito de perseguir, espancar e assassinar negros libertos e defensores dos direitos civis para os afro-americanos. Era composta por ex-combatentes brancos de boa condição financeira (os confederados), inconformados com a derrota que lhes garantia o direito sobre terras e o trabalho escravo.

Ficou muito conhecida pelos trajes macabros que lhes cobriam a identidade, pelos rituais de enforcamentos públicos e por promover incêndios criminosos em casas antes

habitadas por negros. A partir da década de 1920, passaram a incendiar cruzes, o que ampliou o ar ameaçador da organização. O nome foi inspirado em uma palavra do idioma grego, *kyklos* (que significa círculo), adaptada para Ku Klux e adicionada à expressão Klan, em referência a um clan (“clã”, em inglês).

A Klan, que chegou a contar com 4 milhões de seguidores em seu auge, não passa hoje de 5 a 8 mil membros, espalhados em 72 células. O enfraquecimento deve-se a dois fatores: tanto ao monitoramento pelo governo norte-americano, por um lado, quanto ao surgimento de outras organizações extremistas, por outro. No fim, o ódio racial segue espalhando seus tentáculos de intolerância – desta vez também contra LGBTs, judeus, imigrantes e antiliberais, conforme os direitos dessas minorias são reconhecidos.

Como o fim da Guerra de Secessão acirrava o antagonismo racial nos Estados Unidos, os negros sentiam a necessidade de ocupar antigos

espaços (acesso irrestrito a bairros, ônibus e escolas) e se proteger contra as investidas racistas violentas, incorporadas especialmente pelas forças policiais. Nesse contexto surgiram, em 1966, os Panteras Negras, em Oakland, na Califórnia. Assumidamente radicais, os Panteras reivindicavam o direito às armas para combater as agressões, na esteira dos movimentos civis por igualdade encabeçados por Martin Luther King.

O que havia começado com pequenas ações intimidatórias como resposta aos supremacistas ganhou status de partido, com ideais marxistas e anticapitalistas, e pautas sociais abrangentes voltadas para a população negra, principalmente na área da educação sob a perspectiva inclusiva. A boina preta e os punhos cerrados para cima eram os símbolos do movimento. A reação radical levou à morte muitos panteras até que, em 1982, o partido se dissolveu.



Foto: David Fenton/Getty Images

Crises mundiais: o germe do ódio

“Não é acaso que o avanço das ideologias e movimentos políticos de extrema-direita coincida com momentos de profunda crise: seja econômica, social, política ou de valores. São terrenos férteis para a busca de bodes expiatórios. Foi assim entre a Primeira e a Segunda Grandes Guerras, quando grupos humanos inteiros – judeus, ciganos, comunistas, socialistas, deficientes – foram exterminados em nome de uma suposta supremacia branca e ocidental”, analisa o historiador Luciano Mendonça de Lima, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

“Hoje, quando mais uma vez o mundo está mergulhado em uma de suas maiores crises, projetos neofascistas (representados, por exemplo, pelos governos de Trump e Bolsonaro) reaparecem com força na cena contemporânea, desta vez contra pobres, negros, mulheres, homossexuais, indígenas e imigrantes”, pontua.

O ódio encontra alvos ligeiros para os problemas de uma nação quando esta não aprende com os erros do passado – e assim se perpetua um ciclo, não importam as fronteiras. “Nós tivemos uma abolição da escravidão absolutamente limitada. Os egressos do cativeiro continuaram sem-terra, teto, educação formal, sem cidadania. Tivemos uma abolição de cima para baixo. Os índices tristes da população negra hoje mantêm relação direta com a escravidão e uma pós-abolição malfeita. No Brasil, quem ocupa os piores cargos? Quem habita as favelas? Quem ocupa as prisões? Ser negro no Brasil é, antes de tudo, resistência”, arremata o professor Souto.

“Não é acaso que o avanço das ideologias e movimentos políticos de extrema-direita coincida com momentos de profunda crise: seja econômica, social, política ou de valores”

Luciano Mendonça



Foto: Arquivo pessoal

Alma não tem cor?

Num mundo racista, educação, religião e pobreza têm...

E não é colorida

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Educação, religião, pobreza ou até mesmo um lugar, tem cor? O racismo levou a população negra à margem da sociedade, estrutural ou institucional, esse mal tem afetado diversas bases da sociedade e a dividindo de acordo com a cor. Cerca de 73% da população que recebe bolsa família é preta ou parda, segundo dados de 2014 do Ministério do Desenvolvimento Social. Além disso, a grande maioria dessas pessoas não consegue chegar às universidades. As “religiões de brancos”, como o cristianismo, são a de maior destaque e mais bem aceitas. E o que dizer dos lugares mais periféricos das cidades? Lá também há uma cor predominante.

Para explicar o motivo é necessário voltar muitos anos e identificar o racismo no Brasil desde o período imperial. O ativista do movimento negro, professor e pesquisador Danilo Santos explicou que essa prática acabou ditando as relações sociais dos dias atuais. “O racismo vai se configurando no decorrer do processo histórico cada vez mais sendo

racionalizado. O racismo não só está relacionado com a falta de caráter ou problemas psicológicos, como muita gente deixa a entender, ele é um sistema extremamente racional, que impede que essa população negra tenha acesso ao básico que precisa para sobreviver”, disse.

Apesar de se expressar muitas vezes de forma simples, dentro do cotidiano, através de frases reproduzidas diariamente, como ditados populares do tipo “a coisa está preta”, a manifestação do racismo chega a ser muito mais grave. Principalmente dentro das comunidades e periferias, a violência policial é uma das consequências desse ato. “Todo homem negro é dito pela polícia como marginal, essa é a institucionalização do senso comum, desse racismo que está ali nas brincadeiras, mas acaba indo para a polícia como uma norma. Se um homem negro morre na periferia a sua morte é justificada como uma pessoa vinculada ao tráfico. Há vários exemplos cotidianos de extermínio, de matança da população negra como um todo”, ressaltou o ativista.

De acordo com o coordenador da Gerência de Equidade Racial da

Secretaria da Mulher e do Desenvolvimento Humano, Roberto Silva, a sociedade foi dividida entre culturas tidas como inferiores e tidas como superiores. “Os inferiores são os negros, os quilombolas, índios, ciganos, a cultura dita como subalterna e menores que a cultura europeia, norte-americana e branca, implantada aqui no Brasil como referência e padrão, inclusive religiosos”.

Ele explicou que a desvalorização da cultura africana, colocando-a em um patamar menor de qualidade, inclusive quando o assunto é a religião, gera consequências em todas as áreas da sociedade, na economia, criminalidade, na violência, educação e vulnerabilidade social. “Essa população vai sendo colocada à margem da sociedade por conta de todo esse direcionamento que foi atribuído a esses públicos. É fato confirmado que a população negra ocupa os piores índices de desenvolvimento humano. A população negra é a maioria quando se trata de empregos informais, por exemplo”.

Dentro da violência que ocorre nas comunidades e periferias, com mortes diárias principalmente de homens jovens e negros, há um fator

importante que ajudou a disseminar esse discurso de ódio: a mídia. Na Paraíba, por exemplo, alguns programas de televisão, em busca de audiência, têm estereotipado a imagem do jovem periférico. “O sistema todo é racista, mas a polícia faz essa seleção. Se tornou natural ela ter aquele perfil produzido. e aí nós temos o

sistema de comunicação reforçando muito isso, com o que eu chamo de categoria produzida: os ‘môfios’. Esse ‘môfio’ tem sexo, porque são homens, e tem cor, ele é preto; tem um perfil de modo que ele é identificado: ‘lá vai môfio’. Com isso estão colaborando com esse extermínio do povo negro”, disse Roberto Silva.

Foto: Arquivo Pessoal



“O racismo não só está relacionado com a falta de caráter ou problemas psicológicos, como muita gente deixa a entender, ele é um sistema extremamente racional”

Danilo Santos

Intolerância religiosa e a “norma branca”

A rejeição da cultura negra também se estende para as religiões de matriz africana. O gerente de Equidade Racial do Estado, Roberto Silva, ressaltou que há as religiões de maior prestígio dentro da sociedade, onde a Umbanda, o Candomblé e a Jurema, por exemplo, ficam à margem. “Se a sociedade ostenta uma religião, inclusive você tem crucifixos em muitas instituições públicas, por exemplo, imagina se colocar um Exu na porta de entrada... Que

aconteceria? Mas o crucifixo não gera desconforto nenhum, é a norma. É a religião normativa de espiritualidade para que todos sigam. Aquilo que foge à norma é dito como de menor prestígio. Eles precisam desqualificar a religião do outro, no caso a afro, negra ou indígena, a fim de afirmar aquela religião dita como aceita para a sociedade”.

Roberto Silva explicou que desmerecer a religião de um povo é uma forma de tentar enfraquecê-lo. Esse preconceito se estende para a forma de vestir.

“É comprovado que a religião é uma estratégia de reunir e fortalecer o povo e eliminar isso é uma estratégia de enfraquecer aquele povo. É comum a gente ver que pessoas andam na rua com suas vestes que você vê e identifica o segmento religioso da pessoa, como uma bíblia ou um crucifixo, que remetem às religiões cristãs. Mas se você usar algo que remete à religião afro nas ruas, não é visto da mesma forma. Você vai observar reações como ‘misericórdia’, ‘está amarrado’, essas expressões, entre outras”.

“É fato confirmado que a população negra ocupa os piores índices de desenvolvimento humano. A população negra é a maioria quando se trata de empregos informais”

Roberto Silva



Foto: Arquivo Pessoal

Acesso à educação

Ainda na época do período da escravidão, a população negra foi impedida de ter acesso à educação. Não apenas por não conseguirem ser educados, mas também porque eram impedidos. O estado brasileiro criou uma lei, em 1837, onde negros eram impedidos de frequentar a escola. O ativista do movimento negro Danilo Santos explicou que essa, entre tantas outras leis, como a que impedia a população negra de ter direito a terras, após a abolição, trouxe graves consequências que são manifestadas nos dias atuais.

Ele ressaltou outro problema dentro da educação brasileira, onde a perspectiva negra não é passada nas aulas de história. “Impede que a gente apresente a história a partir da perspectiva da população negra, só nos

apresenta a partir da perspectiva da população branca europeia. Se você parar e ver os livros, essa perspectiva vai apresentar a população negra apenas como o escravizado, como se a população negra não tivesse história antes da escravidão e nem depois da escravidão”, disse.

Apesar da Lei 10.639/03 de 2013 tornar obrigatório o ensinamento da história e da cultura afro-brasileira nas escolas, dificilmente esse conhecimento é passado. Segundo explicou o gerente de Equidade Racial do Estado, o ensino desse conhecimento nas escolas é raro e quando acontece é de forma superficial. “Foi preciso uma lei para que esse conteúdo fosse passado e ainda assim não é passado. Para não dizer que o conteúdo é dado, as escolas fazem uma palestra, no

13 de maio, por exemplo, onde uns comemoram como data da abolição, mas nós temos outra leitura disso. Se resume como uma data comemorativa, mas não é o que a lei diz”.

Além disso, dentro da educação, ainda são poucos autores negros que produzem obras acadêmicas ou que conseguem chegar a profissões como médicos ou advogados, por exemplo. “Se você ver conteúdos nas escolas e ele não é nem indígena, nem africano, então ele tem nome, ele é da Europa. A nossa escola é muito branca. Quais são os autores negros e negras que produziram livros? E aí vem o racismo estrutural, porque não tem estranhamento o fato de serem sempre brancos, a gente normaliza. Essa é a perversidade, naturalizar”.

